



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

MAYRA CANTARELLA SILVA

**O ENSINO DOS PRONOMES PESSOAIS PARA ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM RIBEIRÃO PRETO – SP: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA**



PROFLETRAS

UBERABA – MG
2019

MAYRA CANTARELLA SILVA

**O ENSINO DOS PRONOMES PESSOAIS PARA ALUNOS DO 7º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL EM RIBEIRÃO PRETO – SP: UMA
ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientador: Prof.^a Dr.^a Juliana Bertucci Barbosa

Bolsa: CAPES

UBERABA – MG.
2019

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S581e Silva, Mayra Cantarella
O ensino dos pronomes pessoais para alunos do 7º ano do ensino funda-
mental em Ribeirão Preto – SP: uma abordagem sociolinguística / Mayra
Cantarella Silva. -- 2019.
164 f. : il., fig., graf., tab.

Dissertação (Mestrado em Letras) -- Universidade Federal do Triân-
gulo Mineiro, Uberaba, MG, 2019
Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa - Prono-
mes. 3. Sociolinguística. 4. Ensino fundamental. 5. Material didático. I. Bar-
bosa, Juliana Bertucci. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III.
Título.

CDU 811.134.3(07)

MAYRA CANTARELLA SILVA

O ENSINO DOS PRONOMES PESSOAIS PARA ALUNOS DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM RIBEIRÃO PRETO – SP: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM. Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientador: Prof.^a. Dr.^a Juliana Bertucci Barbosa

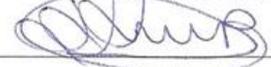
Bolsa: CAPES

Data de aprovação: 21/02/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:



Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM



Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Marinalva Vieira Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM



Membro Titular: Prof. Dr. Niguelme Cardoso Arruda
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC – Criciúma/SC

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Campus de Uberaba
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

A todos os professores, que, (a)partidariamente,
lutam, com livros e gizes, por si e pelos
próximos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à coordenação do PROFLETRAS da UFTM, por viabilizar um Programa de Mestrado bastante completo e enriquecedor para docentes de Língua Portuguesa. Muito da minha decisão em fazer uma pós-graduação foi graças à oportunidade de poder realizar um mestrado voltado à atividade em sala de aula, e isso só foi possível graças à existência desse programa na UFTM.

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Juliana Bertucci Barbosa, pelo norte em meus estudos e, conseqüentemente, em minha prática docente; pela paciência; pelas orientações de leituras, de aportes teóricos e por incontáveis sugestões de maneiras como conduzir minha pesquisa. Sou grata, principalmente, pela autonomia e pela confiança a mim dadas.

Agradeço à secretária do PROFLETRAS da UFTM, Ana Paula Vilela Cardoso, pela disposição incansável, pela gentileza de sempre, pela paciência budista, por sempre nos auxiliar e, por, sempre que possível, estar disponível.

Agradeço à gestão da escola onde tenho trabalhado e onde desenvolvi minha pesquisa, pelo apoio, pelo auxílio em organizar meus horários, pela gentileza em disponibilizar os materiais necessários no decorrer de meu trabalho e, principalmente, pela compreensão. Não posso me esquecer de agradecer, também, ao funcionário Alaor Patrick Félix, por sempre estar à disposição em me disponibilizar a sala de informática, e por me auxiliar e me dar sugestões.

Agradeço à minha família por tudo: pelo apoio, pela compreensão, pela curiosidade, por meus pais e meus irmãos estarem sempre por e para mim. E aproveito para fazer um agradecimento especial a minha mãe, Cláudia, não só pela sugestão de epígrafe ou pelas sugestões dadas de uma professora em final de carreira a uma professora em construção, mas por ter me tornado herdeira, talvez desde o ventre, do seu amor pela palavra.

Agradeço aos meus amigos de ontem, hoje e sempre, por me motivarem, por me apoiarem, por terem curiosidade pelo meu trabalho, pela presença constante, pela compreensão das minhas inquietudes, por me tornarem muito melhor do que sou. Não teria nem pensado em fazer mestrado se não tivesse, em meu caminho, amigos da graduação, amigos dos ambientes de trabalho, amigos de vidas.

Agradeço aos meus alunos, pela confiança e por me fazerem sujeito dos processos de ensinar e, principalmente, aprender.

Agradeço a todos os professores do PROFLETRAS da UFTM, pelos ensinamentos constantes e permanentes. Minha trajetória se tornou muito mais rica graças às aulas que tive, graças ao ambiente que todos os docentes nos proporcionaram, graças ao conhecimento e à incrível capacidade de transmiti-los, graças às vivências que tive no decorrer das aulas.

Agradeço às minhas colegas da terceira turma do PROFLETRAS da UFTM, pela injeção de ânimo, alegria e humanidade que me trouxeram e que me trazem, sempre que possível. Nada teria feito tanto sentido se eu não tivesse conhecido essa turma, se não tivesse estudado, convivido e compartilhado de tudo um pouco com todas vocês e, em especial, com a Flávia, a pessoa mais generosa e solícita que atravessou minha travessia. No final deu tudo certo para todas nós, e isso é o mais importante de tudo.

Agradeço, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e fomento à pesquisa por mim realizada.

“A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...

[...]

Pareceis de ténue seda,
sem peso de ação nem de hora...
– e estais no bico das penas,
– e estais na tinta que as molha,
– e estais nas mãos dos juízes,
– e sois o ferro que arrocha,
– e sois barco para o exílio,
– e sois Moçambique e Angola!

[...]

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!”

(Cecília Meireles)

RESUMO

No ensino de Língua Portuguesa, é possível notar que há dissonâncias entre o conteúdo apresentado no ambiente escolar e a realidade linguística fora desse contexto, de modo que esse descompasso pode ser considerado um dos responsáveis pelo estranhamento e posterior rejeição do estudante com o que tem aprendido em sala de aula. Görski e Coelho (2009) apontam que o papel da escola deveria ser o de fornecer condições favoráveis de aprendizagem de elementos linguísticos e discursivos para que os estudantes tenham a possibilidade de interagir em diferentes situações sociais. Levando-se em consideração o conteúdo dos pronomes pessoais, pretendemos, seguindo a perspectiva da Sociolinguística e da Pedagogia da Variação Linguística, com destaque para os estudos de Lopes (2012 e 2016), observar como os usos dessas formas ocorrem em produções textuais de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Ribeirão Preto – SP. A partir da aplicação de atividades de produção textual dos gêneros “carta pessoal” e “relato pessoal”, os quais possibilitam a subjetividade e a interlocução e, conseqüentemente, o uso de pronomes referentes às três pessoas do discurso, realizamos o levantamento das ocorrências dos pronomes pessoais nos textos dos alunos, a fim de analisarmos como as formas empregadas se relacionam ao que é ensinado, por meio de gramáticas normativas e livros didáticos, em sala de aula. Além disso, como justificativa, realizamos a análise dos livros didáticos de sextos e sétimos anos que constam do catálogo do PNLD 2017-2019, avaliando como os pronomes pessoais são abordados, para, em seguida, a partir da elaboração de um caderno de atividades, aplicarmos atividades de leitura e interpretação de textos que contemplem tanto o uso dos pronomes pessoais (inclusive dos pronomes tu e vós) como das formas que assumiram, assim como esses pronomes, a função de referência às pessoas do discurso (como os pronomes de tratamento você/vocês e a expressão a gente). Acreditamos que o estudo contextualizado poderá possibilitar a reflexão dos alunos quanto à vivacidade da Língua Portuguesa, pois, a partir do uso e desuso de pronomes e de formas pronominais em diferentes situações de comunicação, será possível que os estudantes comecem a relacionar a norma culta ensinada nas escolas com as variedades empregadas em outros contextos, amenizando, portanto, essa divergência existente entre conteúdo ensinado e uso da língua no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação linguística. Pronomes pessoais. Material didático.

ABSTRACT

In Portuguese language teaching, it is possible to notice that there are dissonances between the content featured in the school environment and the linguistic reality outside this context. This mismatch can be considered one of those responsible for the strangeness and later rejection of the student with what he has learned in the classroom. Görski and Coelho (2009) describe that the role of the school should be to provide favorable conditions for learning linguistic and discursive elements so that students have the possibility to interact in different social situations. Considering the content of personal pronouns, we intend, by following the perspective of Sociolinguistics and the Pedagogy of Linguistic Variation, emphasizing the studies of Lopes (2012 and 2016), to observe how the uses of these forms occur in textual productions of seventh-grade students of Elementary School from Ribeirão Preto - SP. From the application of textual production activities of "personal letter" and "memory report" genres, which enable subjectivity and interlocution and, consequently, the use of first-to-third-person pronouns of speech, we collect the uses of personal pronouns in students texts, in order to analyze how the used forms relate to what is taught, through normative grammars and textbooks in the classroom. Furthermore, as justification, we analyzed the textbooks from sixth and seventh grade chosen by the PNLD 2017-2019, evaluating how the personal pronouns are presented. After that, from the development of an activity booklet, to apply reading and interpreting texts that contemplate both the use of personal pronouns (including the second-person singular and plural pronouns tu and vós) and the forms they admit, as well as these pronouns, the reference function to speech people (such as the pronouns of treatment on singular and plural você / vocês, and the expression a gente). We believe that the contextualized study may enable students to reflect on the liveliness of the Portuguese Language, therefore, from the use and misuse of pronouns and pronominal forms in different communication situations, it will be possible for students to begin to relate the educated norm taught in schools with the varieties employed in other contexts, thus mitigate this divergence between content taught and the use of language in everyday life.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Linguistic variation. Personal pronouns. Didactic material.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Conteúdos de LP de 6º ano para o 1º trimestre – SME de Ribeirão Preto – SP.....	32
Figura 2: Conteúdos de LP de 6º ano para o 2º trimestre – SME de Ribeirão Preto – SP.....	33
Figura 3: Conteúdos de LP de 6º ano para o 3º trimestre – SME de Ribeirão Preto – SP.....	34
Figura 4: Quadro explicativo dos pronomes pessoais (parte 1), de Oliveira et al (2015).....	38
Figura 5: Quadro explicativo dos pronomes pessoais (parte 2) e exercícios, de Oliveira et al (2015).....	39
Figura 6: Revisão do conteúdo “pronomes” em Oliveira et al (2015).....	40
Figura 7: Quadro explicativo sobre o pronome você e atividade sobre pronomes de tratamento, de Oliveira et al (2015).....	41
Figura 8: Usos de tu e você segundo Costa, Marchetti e Soares (2015).....	42
Figura 9: Quadro explicativo sobre a origem do pronome você , em Costa, Marchetti e Soares (2015).....	43
Figura 10: Pronomes pessoais e pessoas do discurso em Pereira, Barros e Mariz (2015).....	45
Figura 11: Quadro de pronomes pessoais no livro do 6º ano, da coleção de Cereja e Magalhães (2015).....	46
Figura 12: Anúncio retirado do volume do 6º ano da coleção de Cereja e Magalhães (2015).....	47
Figura 13: Classificação pronominal no volume do 6º ano da coleção Teláris (2015).....	49
Figura 14: Quadro pronominal tradicional presente no volume do 6º ano da coleção Teláris (2015).....	50
Figura 15: Paradigmas pronominais tradicional e de usos no PB, segundo Görski e Coelho (2009).....	56
Figura 16: Paradigmas verbais da GT e efetivos no PB, conforme Görski e Coelho (2009).....	56
Figura 17: Os pronomes pessoais no PB.....	58
Figura 18: Escola Municipal localizada na Zona Norte de Ribeirão Preto – SP.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Usos pronominais atuais elaborado por Lopes (2016).....	55
Quadro 2: Pronomes pessoais em Moura Neves (2008).....	57
Quadro 3: Indicadores da 2 ^a pessoa no português brasileiro.....	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Usos pronominais na posição de sujeito nas cartas pessoais.....	70
Gráfico 2: Usos pronominais em relatos pessoais.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Nós/a gente vs. concordância verbal.....	72
Tabela 2: Nós/a gente vs. paralelismo formal.....	73
Tabela 3: Nós/a gente vs. valores semânticos das formas.....	73
Tabela 4: Nós/a gente vs. valores semânticos das formas.....	75
Tabela 5: Nós/a gente vs. Concordância verbal.....	76
Tabela 6: Nós/a gente vs. Paralelismo formal.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	19
1.1. Contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa.....	19
1.1.1. Sociolinguística e o conceito de norma(s) e variedades.....	21
1.2. Ensino de Língua Portuguesa, documentos oficiais e materiais didáticos.....	28
1.2.1. Gramática e ensino.....	28
1.2.2. Documentos oficiais e ensino de Língua Portuguesa.....	30
1.2.3. Materiais didáticos e ensino dos pronomes pessoais.....	35
1.2.3.1. Tecendo Linguagens.....	36
1.2.3.2. Para viver juntos.....	41
1.2.3.3. Universos.....	44
1.2.3.4. Português: Linguagens.....	46
1.2.3.5. Português: Projeto <i>Teláris</i>	48
1.2.3.6. Singular e Plural.....	51
1.3. Os pronomes no Português Brasileiro.....	53
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
2.1. Métodos adotados.....	61
2.2. A comunidade investigada.....	62
2.3. A coleta dos dados: emprego dos pronomes pessoais.....	63
2.4. Critérios para a análise das ocorrências.....	66
2.4.1. Variáveis dependentes e independentes.....	67
3. ANÁLISE DO EMPREGO DOS PRONOMES	70
3.1. Levantamento de usos nas Cartas Pessoais.....	70
3.2. Levantamento de usos nos Relatos Pessoais.....	74
4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: O CADERNO DE ATIVIDADES E O CADERNO DE ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR	78
4.1. A estrutura do Caderno de atividades.....	78
4.2 Exemplos de atividades aplicadas que compõem o Caderno de atividades.....	80
4.3. O Caderno de orientações ao Professor.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	100
APÊNDICE A – Proposta de produção de carta pessoal.....	100
APÊNDICE B – Proposta de produção de relato pessoal.....	102
APÊNDICE C – Plano de intervenção.....	106
APÊNDICE D – Caderno de orientações ao professor	111
APÊNDICE E – Caderno de atividades.....	149
APÊNDICE F – Modelo de termo de consentimento.....	165

INTRODUÇÃO

No decorrer da jornada do docente de Língua Portuguesa, é possível que haja momentos de dúvidas e reflexão a respeito da relação entre os conteúdos ensinados e a realidade vivida pelo discente. Isso porque, quando se trabalha com ensino, observamos de modo bastante claro como a língua é viva e está em constante variação, seja na fala e/ou na escrita dos alunos, na utilização dos materiais sugeridos e/ou escolhidos, ou ainda na influência da tecnologia para a reprodução dos discursos, entre outros.

Dessa maneira, podemos afirmar que há uma lacuna entre a gramática ensinada na escola, baseada nos preceitos normativos, e a realidade linguística do cotidiano dos alunos. Görski e Coelho (2009, p.74) afirmam que, referindo-se a uma concepção de língua e de gramática no ambiente escolar, “[...] a língua, em geral, é vista como um sistema homogêneo [...] e a gramática é tida como um repositório de regras de bem escrever e falar, organizadas de forma compartimentada em níveis estanques”.

Entre os fenômenos gramaticais abordados nas aulas de Língua Portuguesa, nas escolas de Educação Básica do Brasil, que refletem essa tendência homogeneizante, encontramos o ensino dos pronomes pessoais. A abordagem desse conteúdo no ambiente escolar ainda é bastante normatizada e pouco dialoga com as representações cotidianas de formas pronominais, tais como **você/vocês** em substituição ao **tu/vós** e da expressão **a gente** em uso paralelo ao pronome **nós**. As gramáticas tradicionais, bem como os livros didáticos, pouco avançaram nessa discussão, e isso se reflete em sala de aula, uma vez que a classificação pronominal apresentada aos alunos não demonstra a configuração utilizada nos demais contextos de comunicação.

Propomos, portanto, realizar uma nova abordagem dos pronomes pessoais para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, período em que é retomado o estudo da classe gramatical “pronome” para se trabalhar, de maneira mais aprofundada, a classe gramatical “verbo”. A partir da avaliação dos materiais didáticos sugeridos pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017¹, tencionamos apresentar, também, o quadro pronominal vigente na norma culta² do português brasileiro (PB), uma vez que se faz pertinente ensinar essa variedade, por ser papel da escola abordá-la e por esta ser privilegiada socialmente. Segundo Görski e Coelho (2009, p. 75):

¹ Triênio 2017/2018/2019.

² Os conceitos de norma padrão, norma culta e variedades apontados por Faraco (2008) serão abordados na seção 1.1.1.

É papel da escola fornecer ao aluno condições favoráveis à apropriação de mecanismos linguísticos, sejam discursivos (os diferentes gêneros, por exemplo), sejam gramaticais (o domínio da norma culta), de forma a instrumentalizá-lo para interagir socialmente em diferentes instâncias.

Para isso, realizamos, inicialmente, uma análise dos usos pronominais feitos pelos estudantes, a partir da proposta de produção de uma carta pessoal e de um relato pessoal. Em seguida, após a análise das ocorrências encontradas nos textos dos alunos, elaboramos atividades que contemplam a reflexão dos estudantes sobre os usos dos pronomes e de formas pronominais nas situações de comunicação em Língua Portuguesa. Esperamos, ao final, que os estudantes consigam elaborar um quadro pronominal que comporte tanto as formas vigentes nas gramáticas normativas quanto os usos presentes no cotidiano dentro e fora da escola, isto é, de vocábulos e expressões que assumiram, nas variedades linguísticas dos alunos, essas funções.³

Nosso estudo tem como base teórica a Sociolinguística Variacionista proposta por Labov (2008), por se acreditar que não existe uma língua homogênea viva, e que a variação é um traço inerente a qualquer comunidade de fala, pois nenhum falante se expressa do mesmo modo, além de um mesmo falante poder se expressar de diferentes maneiras em diversas situações de comunicação. Logo, nessa linha de estudo, considera-se essencial o aspecto social da linguagem.

Além disso, pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, postulados por Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008) e Bagno (2007) foram bastante pertinentes e utilizados como aportes teóricos para essa pesquisa.

O primeiro capítulo fará uma abordagem teórica das noções de Sociolinguística, Pedagogia da Variação Linguística, bem como uma análise dos documentos oficiais em relação aos conteúdos gramaticais da disciplina Língua Portuguesa. Há, ainda, a análise dos volumes de sextos e sétimos anos das seis coleções contempladas pelo PNLD 2017-2019.

O segundo capítulo, por sua vez, consistirá na explanação referente à metodologia adotada pela pesquisa, isto é, como foi realizada a coleta de dados, a fim de se observar e analisar os usos pronominais dos alunos.

O terceiro capítulo se refere à análise das ocorrências dos empregos de pronomes pessoais e formas que assumem a posição de pronomes que atuam como sujeito nos enunciados encontrados nas produções textuais realizadas pelos alunos.

³ Essa pesquisa está ligada ao projeto maior “Como ensinar gramática no Ensino Fundamental I e II na contemporaneidade?”, cuja Aprovação Ética do CEP/CONEP data de 06/06/2016, e está disponível no site da Plataforma Brasil.

Em seguida, parte-se para a descrição do caderno de atividades: seu embasamento teórico, as atividades que foram realizadas e elaboradas em sala e as quais, por fim, compõem o caderno, bem como uma explanação acerca dos aportes teóricos que norteiam tanto o caderno de atividades quanto o manual do professor.

Além dessas seções, apresentamos apêndices que complementam nosso trabalho. Na parte dos apêndices, exibimos nossas propostas para produção de textos do gênero carta pessoal e relato pessoal, além do **Caderno de orientações ao professor** e do **Caderno de atividades** para os alunos, a fim de que possam ser utilizados por docentes no processo de ensino e aprendizagem dos pronomes pessoais.

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, apresentamos o referencial teórico desta pesquisa.

1.1. Contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa

Convém destacar que foi a partir da Sociolinguística que se aprofundou o estudo da língua como um fenômeno social, uma vez que Estruturalismo e Gerativismo, ainda que observassem o fator social da língua, consideravam-na uma abstração⁴. Além disso, a Sociolinguística se destaca por dialogar com fatores antropológicos (por descrever e analisar a língua a partir da observação da cultura em que ela é usada), sociológicos (por haver interação entre língua e comportamento social) e geográficos (por ter a intenção de criar um atlas linguístico a partir da realidade linguística das mais diversas regiões do Brasil). Assim, a língua estudada por um viés sociolinguístico assume que mecanismos internos e externos atuam sobre ela.

Nosso estudo terá como base a Sociolinguística Variacionista proposta por Labov (2008), por se acreditar, nessa área, que não existe uma língua homogênea viva, e que a variação é um traço inerente a qualquer língua, pois nenhum falante se expressa do mesmo modo, e um mesmo falante pode se expressar de diferentes maneiras em diversas situações de comunicação. Logo, nessa linha de estudo, considera-se essencial o aspecto social da linguagem. De acordo com Coelho et al. (2010), os estudos da Sociolinguística se voltam para a “variação linguística”, isto é, essa propriedade que as línguas têm de não falarmos todos da mesma forma. Segundo Labov (2008, p.120-121),

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso.

De acordo com Faraco (2008, p. 34), nos estudos científicos da linguagem verbal, dizemos que uma língua é “um entidade cultural e política e não propriamente uma entidade linguística”, ou seja, a língua não é definida somente por critérios linguísticos, mas por aspectos políticos e culturais que a permeiam.

⁴ Importante frisar que o Gerativismo enfatiza os aspectos internos da língua, enquanto que o Estruturalismo é voltado à análise de uma língua sistêmica e homogênea. Dessa maneira, a abordagem Sociolinguística se justifica por esta se ater em avaliar, além dos fatores internos como as demais correntes, os fatores externos da língua.

Entretanto, ainda que haja a ciência de que a língua não é única nem descontextualizada da realidade à qual pertence, ainda há, segundo o autor, uma visão estruturalista de língua como sistema, pois se julga que, por trás de toda variedade existe, mesmo que não comprovada, uma unidade sistêmica. Por esse motivo, a Linguística propriamente dita continua a se pautar em uma visão estruturalista e de língua homogênea, cabendo a áreas como a Sociolinguística a responsabilidade de se estudar as variedades.

A respeito da observação da heterogeneidade linguística objetivada pela Sociolinguística, é importante distinguir alguns conceitos. Com relação aos de norma e variedades linguísticas, Faraco (2008, p. 37) aponta que

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade [...] [No entanto] é importante deixar claro que a ideia de norma, embora nascida no interior do arcabouço teórico estruturalista de inspiração saussuriana, não perde sua vitalidade quando transposta para outros quadros teóricos [...] qualquer modelo teórico tem, inexoravelmente, de se posicionar [...] frente às diferentes variedades que constituem uma língua.

Observa-se, então, que, pelo fato de a norma representar fatos comuns e corriqueiros a uma comunidade de fala, podemos inferir que não existe apenas uma, mas várias normas linguísticas, conforme as diferentes comunidades de fala⁵. Além disso, segundo o estudioso, podemos concluir que um falante domina mais de uma norma, visto que faz parte de diferentes domínios linguísticos. Assim, de acordo com a visão de Faraco (2008), é possível afirmar que as variedades são, também, normas, pois fazem parte do cotidiano de diversas comunidades de fala.

Sobre a norma culta, o autor aponta que ela existe a partir de análises dos três *continua* propostos por Bortoni-Ricardo (2004): rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística⁶. Além disso, anterior ao trabalho de Bortoni-Ricardo (2004), pesquisas do NURC⁷ apontam que a norma culta é aquela que está mais próxima dos seguintes extremos dos *continua*: urbano, letramento e estilo mais monitorado. Assim, ela é uma norma que

⁵ Neste trabalho, no entanto, adotaremos os vocábulos norma e variedade em dicotomia, a fim de se evitar incompreensões.

⁶ De acordo com a estudiosa (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52), o contínuo de urbanização consiste em observar como os falares podem estar mais próximos a polos de variedades rurais ou urbanas (podendo, ainda, ocorrer casos em que há proximidades com os dois polos, o que é considerado como um falar *rurbano*); o segundo contínuo separa os polos de produções mais voltadas à oralidade com aquelas mais próximas a eventos de letramento, ou seja, de produções que envolvem a escrita; já o terceiro contínuo refere-se às diferenças de falares entre uma conversa espontânea até uma reprodução completamente planejada.

⁷ O projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta), da UFRJ, foi realizado nas décadas de 1970 e 1990, constituindo-se de entrevistas realizadas com o intuito de analisar as mudanças ocorridas. Observa-se que o projeto fornece um vasto banco de dados referentes à norma culta urbana oral e, por isso, é considerado referência nacional para os estudos da variedade culta da Língua Portuguesa. Para maiores informações, existe o site <http://www.nurcrj.lettras.ufrj.br/home.htm>.

representa o falar culto e, “ao mesmo tempo, tem poderoso efeito homogeneizante sobre as variedades do chamado português popular brasileiro” (FARACO, 2008, p. 49).

Segundo Duarte (2013), as comunidades linguísticas estabelecem entre si algumas normas de comportamento linguístico bastante específicas, a fim de que se atendam as necessidades comunicativas e culturais – lembrando-se que essas normas de comportamento linguístico relacionam-se a fatores sociais, culturais e ideológicos. De acordo com a estudiosa,

Por isso, é importante que o aluno tenha consciência de que existem várias normas como, por exemplo, a norma que é recorrente em um determinado grupo social que emprega construções como “A gente vai”, “Nóis foi” ou “Os meu fio tá tudo viajanu”. Os falantes dessa construção normatizaram uma estrutura gramatical que atende às suas necessidades comunicativas, culturais e sociais, fato que não constitui erro linguístico, mas uma adequação do falante tendo em vista o processo de variação da língua e sua realidade. (DUARTE, 2013, p.80)

1.1.1. Sociolinguística e o conceito de norma(s) e variedades

Faraco (2008) realiza um estudo acerca dos conceitos de norma(s). Segundo o autor, a palavra norma pode se relacionar ou à normalidade, ou à normatividade. Na abordagem do estudioso, é importante destacar que há a opção de pensar a norma a partir do primeiro conceito, uma vez que a noção de variedade se faz presente no capítulo sobre a Pedagogia da Variação Linguística, enquanto que, nos demais capítulos, o autor opta por refletir a respeito das normas de nossa língua⁸.

Segundo o estudioso estão presentes, na Língua Portuguesa, diversas normas, dentre as quais ele destaca as noções de norma culta, norma curta e norma padrão. Conforme Faraco (2008, p. 71), norma culta “designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso de falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. Dessa maneira, por estar mais vinculada a situações escritas e monitoradas, observa-se que a norma culta apresenta prestígio social entre os falantes.

Outro aspecto a se destacar no estudo de Faraco (2008) é o fato de que, embora a noção de norma culta indique uma norma prestigiada socialmente pelos falantes da língua, ela não é uma abstração e pode estar presente na linguagem urbana comum. Assim, conforme o autor aponta, existe a necessidade de se alterar a terminologia desse conceito, e por esse motivo ele define a norma culta, também, como norma comum/*standard*.

No que concerne à norma padrão, Faraco (2008) afirma que esta é uma abstração, envolvendo certo artificialismo, pois atuaria como uma variedade fixa que sintetizasse a

⁸ Em nosso trabalho, utilizamos os conceitos norma padrão e norma culta. No entanto, adotaremos, também, o vocábulo “variedade”, a fim de realizarmos uma distinção com os demais conceitos e abranger, também, noções adotadas pela Pedagogia da Variação Linguística.

língua neutralizada de marcas dialetais e sociais. Seria, então, a variedade adotada nas gramáticas normativas e manuais de ensino. No entanto, é importante destacar que a norma padrão, por ser justamente uma abstração, não representa nenhuma variedade utilizada pelos falantes, seja em situações formais de comunicação, seja em usos mais informais.

Existe, ainda, de acordo com Faraco (2008, p. 92), a norma curta, a qual seria “um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/*standard*”. A norma curta, portanto, apresenta o prestígio social da norma culta com a abstração engessada da norma padrão e, por esse motivo, representa uma visão estanque e preconceituosa às demais normas presentes em nossa língua.

Sobre variação, de acordo com o estudo de Bagno (2007), podemos afirmar que esta se refere aos aspectos que constituem a heterogeneidade de uma língua. Além disso, não existe apenas um tipo de variação, mas vários, tais como: variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical, e estilístico-pragmática.

Considerando-se, portanto, os aspectos sociais, históricos, geográficos, socioeconômicos; os de escolarização, idade e contextos de comunicação, é possível observar que existem as seguintes variedades sociolinguísticas, de acordo com Bagno (2007): diatópica (segundo os diferentes lugares), diastrática (conforme as diversas classes sociais), diamésica (a partir da diferença entre fala e escrita), diafásica (segundo a monitoração estilística) e diacrônica (a partir de mudanças históricas, temporais).

Dessa maneira, pontuando-se as noções de variação, podemos afirmar que a variedade linguística, de acordo com Bagno (2007), corresponde aos diferentes modos de se falar uma língua e que, portanto, é possível delimitar e descrever quantas variedades linguísticas forem necessárias a partir dos mais diversos fatores (como idade, sexo, posição social, lugar onde nasceu ou reside) a serem analisados.

Outros conceitos a serem destacados são o de variável e o de variante. Segundo Coelho et al (2010, p. 26), chamamos de variável “o lugar na gramática⁹ em que localizamos variação, de forma mais abstrata [...] Chamamos de variantes dessa variável as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável”. Na referida pesquisa, a título de ilustração, apontamos que as variáveis são as expressões pronominais de segunda pessoa e de

⁹ “Gramática”, nesse caso, refere-se à competência linguística.

primeira pessoa do plural; já as variantes são, respectivamente, os pronomes **tu/vós** e **você/vocês**, e o pronome **nós** e a expressão **a gente**.

Desse modo, podemos refletir que o estudo da Sociolinguística no Brasil tem se ampliado em diferentes pesquisas, de cunho educacional ou voltado aos diferentes usos em contextos extraescolares. Segundo Duarte (2013), o florescimento dos estudos de variação linguística no Brasil, nos últimos anos, proporcionou

pôr em prática um modelo de estudo da mudança, que consiste em levantar as restrições ao uso de formas em variação no sistema, acompanhar a implementação de formas inovadoras, observar os diferentes estágios num processo de mudança em curso, descobrir evidências ou subprodutos de uma mudança e, finalmente, verificar como uma comunidade de fala avalia uma nova forma que se instala no sistema. (DUARTE, 2013, p. 16)

Uma vez que a Sociolinguística tem ganhado espaço e destaque nos mais diversos estudos acadêmicos, não demoraria para que essa corrente teórica fosse transposta ao contexto educacional brasileiro. Assim, Bortoni-Ricardo (2004) descreveu a Pedagogia da Variação Linguística, termo defendido também pelos estudiosos Faraco (2008) e Bagno (2007). Essa noção, de acordo com esses teóricos, defende uma perspectiva de ensino de Língua Portuguesa que pretende: a) contribuir para que o ensino de nossa língua na Educação Básica esteja pautado numa visão mais reflexiva e sensível às variações, sejam elas linguísticas ou sociais; e b) contribuir para a desconstrução da noção de que nossa língua é homogênea e de que a língua corresponde à gramática normativa, além de se procurar abolir a dicotomia “certo x errado”, a fim de se favorecerem as noções “adequado x inadequado” a determinadas situações comunicativas de fala e escrita (BAGNO, 2007). Seguindo essa corrente, os estudiosos acreditam ser possível incorporar os postulados da Sociolinguística nos processos de educação linguística no ensino de Língua Portuguesa.

Oliveira e Cyranka (2013, p. 76) observam que a Pedagogia da Variação Linguística tem “a intenção de desenvolver uma pedagogia fundamentada no processo de educação sociolinguística, que vislumbra as reflexões a respeito da heterogeneidade linguística própria de línguas naturais, como o português do Brasil.”.

Dessa maneira, é possível levar o aluno a refletir criticamente sobre a suposta existência de uma homogeneidade linguística, a qual tem sido questionada a partir de postulados que revelam que as línguas são, na verdade, marcadas por regras que variam e estão sujeitas a mudanças. Assim,

É preciso que os alunos compreendam que, quando nos referimos ao uso da língua, o que há, na verdade, não são “erros” nem “acertos”, mas que ocorrem adequações e inadequações quanto ao uso que fazemos do português, dadas as variedades linguísticas de que dispomos para nos comunicar e interagir socialmente. (OLIVEIRA e CYRANKA, 2013, p.79)

Bortoni-Ricardo e Freitas (2009) reconhecem a importância da Sociolinguística no espaço escolar não somente com o intuito de fazer com que o estudante compreenda os fenômenos da linguagem, mas também que ele consiga entender os fenômenos sociais, os quais são intimamente ligados aos da linguagem. Para que isso aconteça, é necessário, inicialmente, que o aluno tenha acesso a uma variedade linguística mais prestigiada, sem desvalorizar aquela que ele domina desde sempre.

A escola deve, então, possibilitar ao aluno o domínio de outras variedades da língua além daquela que ele já possui. A língua deve ser apresentada, desde o início, como um sistema social, político, cultural e linguístico pautado em convenções vistas como comuns e aceitas pelos falantes de uma língua. A partir da visão de norma, é possível, então, trabalhar os conceitos de variedades e de usos linguísticos conforme as situações de comunicação.

É pertinente destacar, ainda, que antes mesmo do desenvolvimento do termo Pedagogia da Variação Linguística, no que se refere à Sociolinguística no ensino de nossa língua materna, podemos observar, de acordo com os PCN, publicados quase uma década antes do estudo de Bortoni-Ricardo (2004), que

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Dessa maneira, é possível avaliar que no documento do final da década de 1990 existe a consciência de que a língua não é única, mas formada por vários falares constituintes de nosso idioma. Outro aspecto relevante é o fato de os PCN reiterarem o papel social das variedades linguísticas, reforçando-se que existem falares prestigiados e outros passíveis de condenação social. No que se refere à escola, aponta-se que esse ambiente deve se livrar de vários mitos tão difundidos em nossa sociedade, tais como o de que existe uma única forma correta de falar, “o de que a fala de uma região é melhor [...], o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.” (BRASIL, 1997, p. 26).¹⁰

¹⁰ Os PCN demonstram a valorização da abordagem Sociolinguística de nossa língua no ensino. No entanto, segundo Faraco (2008), a realidade dos materiais didáticos não condiz com essa teoria, uma vez que o trabalho com as variedades linguísticas ainda tem se mostrado superficial. É nesse aspecto que a Pedagogia da Variação Linguística procura avançar, isto é, é a partir dos estudos e propostas de reavaliação de materiais e procedimentos em sala de aula que se pretende abordar a Sociolinguística com maior complexidade no ambiente escolar.

No volume destinado à Língua Portuguesa, observamos a abordagem das variedades linguísticas em tópicos como “Produção de textos orais”, “Observação da língua em uso de maneira a dar conta da variação intrínseca ao processo linguístico” e “Valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem”. De acordo com os PCN, no primeiro tópico, espera-se que o aluno consiga, ao longo de seu processo de aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 51): planejar a fala pública usando a linguagem escrita conforme o contexto e os objetivos estabelecidos; ajustar o texto à variedade linguística adequada, considerando-se os papéis assumidos pelos participantes; utilizar e valorizar o repertório linguístico de sua comunidade ao produzir textos. Já no que diz respeito à análise das variedades linguísticas (BRASIL, 1998, p.60), o documento aponta que o estudante deve: considerar os fatores geográficos, históricos, sociológicos e técnicos (conforme os diferentes domínios da ciência e da tecnologia) da linguagem; observar as diferenças das modalidades escrita e oral da língua; escolher sua forma de registro em função da situação formal ou informal de interlocução; além de analisar os fatores que favoreceram a manifestação da variedade, tais como fonética, morfologia, léxico, sintaxe, etc.

Com relação aos “Valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem”, os PCN propõem que ocorra

- Valorização das variedades linguísticas que caracterizam a comunidade dos falantes da Língua Portuguesa nas diferentes regiões do país.
- Valorização das diferentes opiniões e informações veiculadas nos textos – orais ou escritos – como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo. (BRASIL, 1998, p.64)

Há, ainda, uma parte no tópico “Orientações didáticas e específicas para alguns conteúdos” que se refere exclusivamente à variação linguística. Uma das críticas ao papel da escola é o de que o ensino não pode continuar difundindo a discriminação linguística. Desse modo, o ambiente escolar não pode abordar as variedades linguísticas mais distantes da norma padrão estabelecida pela gramática tradicional e das formas mais orais ou menos monitoradas como se fossem desvios ou “erros”. Nota-se, assim, a importância de o aluno entender a legitimidade das variedades linguísticas em nossa história, em nossa cultura e, principalmente, em nossa realidade.

De acordo com o documento, esses mitos são tão nocivos que conduzem a uma prática de desvalorização de nossa cultura, por discriminar a fala do aluno, de modo a deslocá-lo de sua identidade. Ainda, essas crenças fazem com que se obtenha uma visão simplista da língua, pois não se consideram as diferenças entre fala e escrita, ignora-se o fato de que a escrita não vai corresponder exatamente a nenhuma das variedades utilizadas em nossa fala. Por isso,

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa – dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 31)

Para isso ocorrer, segundo os PCN, o estudo da variação faz-se necessário por cumprir papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno. Sendo assim, o estudo da língua a partir de um viés da Sociolinguística deve estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 82).

Já nos parâmetros de Língua Portuguesa presentes no Referencial Curricular elaborado pela Secretaria Municipal da Educação de Ribeirão Preto – SP, em 2017, observamos aspectos da Sociolinguística apontados nos objetivos pertinentes aos “Processos de produções de textos orais”, com o objetivo de que os alunos desenvolvam as seguintes capacidades

1. planejar a fala pública usando a linguagem escrita em função das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos;
2. considerar os papéis assumidos pelos participantes, ajustando o texto à variedade linguística adequada;
3. saber utilizar e valorizar o repertório linguístico de sua comunidade na produção de textos; (Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto - Secretaria Municipal da Educação, 2017, p. 15)

Há, ainda, no tópico intitulado “no processo de análise linguística”, uma observação realizada a partir de uma adaptação dos PCN, reconhecendo-se que o aluno deverá, nesse processo,

[...] saber verificar as regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos. (Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto - Secretaria Municipal da Educação, 2017, p. 16)

Percebe-se que, no ensino de Língua Portuguesa, desde as últimas duas décadas até o período atual, existe, nos documentos oficiais, uma preocupação em se trabalhar e estudar o aspecto social da língua, de modo a esclarecer a existência das variedades linguísticas, a fim de que os estudantes adotem uma visão analítica e desvinculada de qualquer preconceito perante essas diferenças de falares. Entretanto, no que se refere à abordagem Sociolinguística presente nos objetivos gerais pretendidos pelo Referencial Curricular de Língua Portuguesa

elaborado pela SME-RP¹¹, há ainda bastante a ser desenvolvido, visto que existem poucos apontamentos sobre as noções de variedades, normas linguísticas, falantes, etc. – tanto que os tópicos citados se referem somente à análise linguística e à produção oral dos discentes. É necessário que os preceitos da Sociolinguística, nesse Referencial, estejam mais destacados nos objetivos da formação do estudante também como indivíduo, cujas capacidades leitora e escritora estejam plenamente desenvolvidas.

Observa-se, assim, que o ensino de Língua Portuguesa deve assumir um viés que respeite e trate com igualdade as diferenças linguísticas, a fim de se formar um cidadão que reconheça e reflita sobre a importância da sua variedade e da dos demais, sem qualquer juízo de valor. Segundo Bagno (2007, p. 22),

Se a Sociolinguística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística. Um reconhecimento que não pode ficar na simples constatação, mas que tem de incorporar também uma instância de crítica e questionamento das crenças linguísticas estabelecidas e, sobretudo, de militância na reivindicação do direito que tem toda e qualquer pessoa com cidadania brasileira de falar e escrever a(s) suas(s) língua(s) materna(s), do jeito que ela(s) existe(m) hoje, no século XXI, e não como quer uma ideologia linguística autoritária e excludente, imposta séculos atrás por uma potência colonial escravagista.

Görski e Coelho (2009) avaliaram a relação entre o estudo da variação linguística e o ensino de gramática e observaram que existe um contraste entre as propostas dos PCN, que enfatizam o papel social da escola no ensino da língua, e os postulados presentes nas gramáticas tradicionais, as quais convencionalizam e normatizam a língua como um sistema homogêneo. Faz-se necessária, logo, uma conciliação de visões.

Com relação ao estudo dos pronomes, é interessante observar que há, nos PCN, uma observação a respeito do trabalho em sala de aula com o uso dessas palavras:

Comparação dos fenômenos linguísticos observados na fala e na escrita nas diferentes variedades, privilegiando os seguintes domínios: [...] * sistema pronominal (diferentes quadros pronominais em função do gênero): preenchimento da posição de sujeito, extensão do emprego dos pronomes tônicos na posição de objeto, desaparecimento dos clíticos, emprego dos reflexivos etc.; (BRASIL, 1998, p. 60-61)

Desse modo, nota-se que há, no documento, uma preocupação em abordar o estudo dos pronomes a partir da Sociolinguística, uma vez que o documento pontua que o estudo do sistema pronominal deve considerar fala, escrita e variedades linguísticas.

Ainda assim, segundo Coelho et al. (2010), é importante ressaltar que as contribuições da Sociolinguística para o ensino vão além dos PCN, pois existem contribuições no nível

¹¹ Secretaria Municipal da Educação – Ribeirão Preto – SP.

conceitual (ao rejeitar a visão anterior de homogeneidade da língua e de normatização da gramática), no nível da observação da heterogeneidade da língua, e no tocante à prática do professor-pesquisador (pois este deve assumir um papel de investigador da realidade dos alunos, além de fazê-los refletir a respeito dos usos da norma-culta e das demais variedades). Assim, é necessário que o professor de Língua Portuguesa tenha “um embasamento teórico consistente acerca da linguagem em seu funcionamento social para poder atuar, de forma competente, na orientação da aprendizagem e na formação contínua do aluno-cidadão” (COELHO et al, 2010, p.153).

De acordo com Faraco (2008, p. 163), no estudo dessa norma, o estudante precisa, inicialmente, entender claramente que ela é uma dentre as muitas variedades da língua, com funções expressivas e socioculturais específicas. Além disso, é indispensável compreender que ela “não constitui uma camisa-de-força, mas admite inúmeras formas alternativas; e não é tampouco um monumento pétreo, fixado de uma vez para sempre, mas muda com o passar do tempo”.

1.2. Ensino de Língua Portuguesa, documentos oficiais e materiais didáticos

Nesta subseção, apresentamos uma reflexão sobre o ensino de nossa língua materna nas escolas do Brasil. Além disso, verificamos o que dizem os documentos federais, norteadores do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, e como aparece o ensino de Língua Portuguesa nos livros didáticos de sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental, público alvo de nosso trabalho.

1.2.1. Gramática e ensino

De acordo com Ilari e Basso (2006), a gramática, para muitos, funciona como um espelho que reflete uma abstração da língua. No entanto, essa visão é pobre, por restringir nossa língua a um limite visível e intransponível. Segundo os autores, “no que diz respeito à complexidade dos fenômenos considerados, a concepção de língua que emana das gramáticas não vai além do período gramatical, deixando de fora, por conseguinte, todos os fenômenos que dizem respeito à textualidade” (ILARI e BASSO, 2006, p. 223). Por esse motivo, a gramática tradicional comete dois equívocos: ela mantém seu foco apenas nos aspectos internos e, ao se ignorar a textualidade, fortalece-se o preconceito linguístico.

Ainda conforme as considerações dos autores, podemos afirmar que a escola, ao somente adotar a visão de língua proposta pela gramática normativa, desconsidera e contrapõe-se aos postulados dos PCN. Assim,

A esses objetivos, a escola tem anteposto outro: o da correção. Na prática, a escola não tem trabalhado a partir de um plano voltado para enriquecer sistematicamente a competência linguística do aluno; tem-se preocupado em criar no aluno uma outra competência que, supostamente, coincide com a competência linguística das classes mais cultas. Para isso, tem trabalhado principalmente no sentido de acostumar os educandos a monitorar de maneira consciente seu próprio desempenho linguístico, investindo em duas estratégias principais: a sistematização gramatical, que na maioria dos casos se confunde com o ensino de uma nomenclatura, e a análise (particularmente, sintática) de sentenças mais ou menos descontextualizadas. (ILARI e BASSO, 2006, p. 231)

É importante, de acordo com os estudiosos, que se trabalhe a diferença entre norma culta¹² e variedades não cultas, mas que esse estudo esteja voltado para a reflexão e a inclusão, não para a discriminação.

De acordo com Görski e Coelho (2009, p. 74), “nossas gramáticas normativas atuais são herança de uma tradição clássica greco-romana, cuja norma se baseia numa concepção de língua homogênea, tida como um padrão abstrato que existe independente dos indivíduos que a falam”. Essa descontextualização histórica e social se estende, assim, ao ensino, pois se conceitua que a língua é única e padronizada, e aquilo que foge a esse padrão torna-se erro passível de condenação. Acentuam-se, portanto, os preconceitos e a reprodução de um modelo socioeconômico dominante.

Pertinente frisar que a norma culta deve ser ensinada nas escolas, segundo as autoras, para que o estudante possa dominar outra(s) variedade(s) a fim de se adequar linguisticamente a diferentes situações comunicativas. O que não pode ocorrer, no entanto, é somente o estudo dessa norma culta, uma vez que “o papel da escola é oferecer condições para que o aluno desenvolva sua *competência comunicativa*” (Görski e Coelho, 2009, p. 84, grifos das autoras).

Segundo Callou (2016, p. 27), “se qualquer falante já possui uma gramática internalizada, [...] ao ingressar na escola, ele deve desenvolver a sua competência comunicativa de tal modo que possa “utilizar melhor” a sua língua em todas as situações de fala e escrita”. Dessa maneira, o ensino de língua deve adotar uma postura mais epilinguística, ou seja, pensando-se nos usos; e menos metalinguística, isto é, menos preocupada com nomenclaturas e classificações engessadas.

Corroborando as análises anteriores, o trabalho de Duarte (2013) conclui de modo bastante crítico e analítico a respeito do trabalho dessa gramática como língua no ensino. Segundo a autora,

Só uma mudança na descrição da gramática da escrita e um conhecimento do que a separa da gramática da fala (pelo que vimos, a distância, aos poucos, vai diminuindo) poderá conduzir a um trabalho eficaz na escola, que cumpra o que

¹² Ou normas cultas, conforme Faraco (2008).

dizem os parâmetros curriculares, no sentido de usar textos com os quais o aluno deverá lidar na escola (o que significa ler enunciados, saber encaminhar respostas, dominar os modos de organização da narração e da descrição para que possa se sair bem em disciplinas como a história e a geografia, etc.), para depois chegar aos textos argumentativos, sem descuidar dos elementos linguísticos, que constituem a base de sustentação de qualquer texto. A formação do professor deverá propiciar as condições para que ele conheça a gramática da fala e a da escrita; o caminho que deve percorrer para facilitar o acesso àquela que o aluno não domina, através de uma atividade escolar que ponha essas duas gramáticas em prática, com muita leitura, muita produção escrita e expressão oral, esta última tão descuidada na rotina escolar. (DUARTE, 2013, p. 28-29)

É essa a gramática que pretendemos, com esse trabalho, ajudar a construir. É para esse tipo de formação de professor que esperamos poder contribuir.

1.2.2. Documentos oficiais e ensino de Língua Portuguesa

De acordo com os PCN,

Deve-se ter claro, na seleção dos conteúdos de análise linguística, que a referência não pode ser a gramática tradicional. A preocupação não é reconstruir com os alunos o quadro descritivo constante dos manuais de gramática escolar (por exemplo, o estudo ordenado das classes de palavras com suas múltiplas subdivisões, a construção de paradigmas morfológicos, como as conjugações verbais estudadas de um fôlego em todas as suas formas temporais e modais, ou de pontos de gramática, como todas as regras de concordância, com suas exceções reconhecidas). O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos. (BRASIL, 1998, p. 28-29)

Nota-se, desse modo, que os próprios parâmetros nacionais não consideram o estudo voltado somente à gramática tradicional como o norteador do ensino. É necessário que os conceitos vigentes nessa gramática estejam a serviço da aprendizagem do aluno e cidadão, e não o contrário.

Ainda, segundo os princípios e critérios para a escolha de uma coleção de livro didático do Ensino fundamental da disciplina Língua Portuguesa, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a partir da publicação do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), considera que

[...] cabe ao ensino de língua materna, nesse nível de ensino-aprendizagem, aprofundar o processo de inserção qualificada do estudante na cultura da escrita:
 [...] ampliando sua capacidade de reflexão sobre as propriedades e o funcionamento da língua e da linguagem;
 desenvolvendo as capacidades associadas a usos escolares, formais e/ou públicos da linguagem oral. (PNLD, 2016, p. 10)

Podemos perceber, dessa maneira, que existe uma preocupação em fazer do estudante alguém que reflita sobre sua língua, de modo a desenvolver uma visão analítica acerca do uso

da língua em diversas situações. Outras exigências do FNDE para o PNLD vigente neste triênio referem-se ao fato de que

O ensino [...] deve organizar-se de forma a garantir ao estudante:
 [...] o desenvolvimento da compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística;
 o domínio das normas urbanas de prestígio, especialmente em sua modalidade escrita, mas também nas situações orais públicas em que seu uso é socialmente requerido;
 as práticas de análise e reflexão sobre a língua, na medida em que se revelarem pertinentes, seja para a (re)construção dos sentidos de textos, seja para a compreensão do funcionamento da língua e da linguagem. (PNLD, 2016, p. 17)

Além dessas observações gerais, há, ainda, critérios eliminatórios específicos que fazem parte do componente Língua Portuguesa. Um deles, Critério V, relaciona-se aos objetivos do trabalho com os conhecimentos linguísticos. Conforme esse critério, é necessário que exista um contexto sociolinguístico de ensino, pois

O trabalho com os conhecimentos linguísticos objetiva levar o estudante a refletir sobre aspectos da língua e da linguagem relevantes para o desenvolvimento tanto da proficiência oral e escrita quanto da capacidade de analisar fatos de língua e de linguagem. Por isso mesmo, seus conteúdos e atividades devem:
 [...] considerar e respeitar as variedades regionais e sociais da língua, promovendo o estudo das normas urbanas de prestígio nesse contexto sociolinguístico; (PNLD, 2016, p. 20)

Com relação aos parâmetros norteadores da disciplina Língua Portuguesa presentes no Referencial Curricular elaborado pela Secretaria da Educação de Ribeirão Preto (2017), notamos que há um viés sociolinguístico na abordagem da gramática, pois é pontuado que

O trabalho realizado em sala de aula com a gramática descritiva ensina ao estudante o funcionamento linguístico, fazendo-o conhecer a língua como instituição social em sua estrutura, forma e função; mostra a ele o registro, num dado momento e espaço, das variantes linguísticas, das construções existentes na língua. Assim, o professor tem a oportunidade de valorizar cada padrão falado pelas diferentes pessoas e classes sociais e mostrar também a beleza, a riqueza do idioma, que está presente na língua, na linguagem e na literatura do povo.
 Já o trabalho com a gramática produtiva possui a finalidade de oferecer ao estudante o entendimento do uso da língua de modo mais eficiente, aumentando a possibilidade de ele empregar sua potencialidade linguística nas diversas situações comunicativas das quais participa. Ajuda-o a desenvolver sua competência sociocomunicativa, permitindo-lhe a interação social. (Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto - Secretaria Municipal da Educação, 2017, p. 9)

No que se refere ao estudo dos pronomes, não há uma definição exata pelos PCN, ainda que estes destaquem a importância do estudo dos aspectos gramaticais voltados aos usos – assim, infere-se que o estudo das classes gramaticais deve ocorrer constantemente ao longo do Ensino Fundamental, enfatizando-se os aspectos semânticos e usuais dos termos nas diferentes situações de produção de discurso a serem realizadas pelos alunos. Já no

Referencial Curricular de Língua Portuguesa desenvolvido pela Secretaria da Educação de Ribeirão Preto, notamos a descrição do estudo dos pronomes somente no sexto ano do Ensino Fundamental, de acordo com a reprodução parcial do quadro de conteúdos elaborado pela obra:

6° ano	1° trimestre
Conteúdos	Objetivos de Aprendizagem
Língua e Linguagem Texto e contexto; variações linguísticas: variedade regional, social etc. 2. Análise e reflexão linguística Fonética/fonologia: Alfabeto, vogal, semivogal, consoante, letra/ fonema, encontros vocálicos: ditongo, tritongo, hiato; encontros consonantais e dígrafos. Ortoépia/Prosódia/ortografia: sílaba: classificação das palavras quanto ao número de sílabas, sílaba tônica e classificação quanto à posição da sílaba tônica; sinais de pontuação: exclamação, interrogação, ponto final e entonação da frase. Morfossintaxe: substantivo, adjetivo, artigo, numeral; pronomes pessoais e de tratamento (Conceituação e classificação dessas categorias). Estrutura do enunciado ou período: tipos de frases. Lexicologia: uso do dicionário. Semântica: conotação x denotação, sinonímia, antonímia e polissemia. Figuras de linguagem: comparação, metáfora, onomatopeia, aliteração, paralelismo rítmico. 3. Tipologia textual Narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, preditivo e injuntivo	PROCESSOS DE LEITURA Identificar os elementos constitutivos dos gêneros sugeridos para o trimestre: poema, trova, cordel, canção, agenda, bilhete, e-mail, carta, HQ, tira, pintura, tela, entre outros; Identificar o tema do texto; Reconhecer a função social de textos de vários gêneros; Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros; Reconhecer as várias tipologias textuais e suas características básicas; Identificar as informações principais e secundárias no texto; Localizar as informações explícitas no texto; Inferir informações implícitas em um texto; Inferir o significado de palavras ou expressões desconhecidas com base na temática do texto, no uso do contexto e no conhecimento adquirido de regras gramaticais e de aspectos lexicais; Identificar os efeitos de ironia ou humor; Reconhecer o efeito de sentido do uso da pontuação e de outras notações, assim como da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos; Reconhecer o grau de formalidade e informalidade da linguagem em diferentes textos, considerando as variantes linguísticas. PROCESSOS DE ESCRITA Atender à situação de produção proposta (condições de produção, elementos composicionais do gênero, tema, estilo); Organizar o texto, considerando aspectos estruturais (apresentação do texto, paragrafação); Empregar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros; Utilizar, pertinentemente, elementos linguístico-discursivos (coesão, coerência, concordância etc.); PROCESSOS DE ESCUTA E DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS Ler com fluência, entonação e ritmo, observando os sinais de pontuação; Expressar suas ideias com clareza, coerência e fluência; Utilizar os recursos extralinguísticos em favor do discurso (gestos, expressões faciais, postura etc.); Respeitar os turnos de fala; Reconhecer e utilizar a forma composicional pertencente a cada gênero (elementos da narrativa, argumentatividade, exposição etc.); Utilizar o conhecimento dos mecanismos da língua (uso de conectivos, evitando repetições de palavras, uso de sequências lógicas etc.) em seus aspectos linguístico-discursivos, em situações reais de comunicação, na modalidade oral; Fazer a adequação do discurso, utilizando a linguagem formal ou informal de acordo com a situação de produção (formal/informal).

Figura 1: Conteúdos de LP de 6° ano para o 1° trimestre – SME de Ribeirão Preto – SP
 Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto - Secretaria Municipal da Educação, 2017, p. 165

6º ano	2º trimestre
Conteúdos	Objetivos de Aprendizagem
<p>Língua e linguagem Texto e contexto; variações linguísticas: variedade regional, social etc. Análise e reflexão linguística Fonética/fonologia: divisão silábica e translineação. Ortoépia/Prosódia/ortografia: Dificuldades da escrita: emprego das maiúsculas, escrita dos nomes próprios; sinais de pontuação: travessão, dois pontos, reticências e aspas; regras de acentuação: monossílabas, oxítonas, proparoxítonas. Morfossintaxe: substantivo, adjetivo, artigo, numeral (flexões e principais empregos); pronomes pessoais (retos e oblíquos - noção da sintaxe de colocação) e de tratamento; verbos regulares (tempos: presente, passado, futuro). Estrutura do enunciado ou período: a paragrafação, discurso direto e indireto. Lexicologia: uso do dicionário. Semântica: conotação x denotação, sinonímia, antonímia e polissemia. Figuras de linguagem: comparação, metáfora, metonímia e personificação. 3. Tipologia textual Narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, preditivo e injuntivo.</p>	<p>PROCESSOS DE LEITURA Identificar o tema e os elementos constitutivos dos gêneros sugeridos para o trimestre: poema, canção, causo, fábula, conto de fadas, crônica, textos folclórico e jornalístico (notícia, ilustração, foto, horóscopo, mapa, tabela), entre outros; Reconhecer a função social de textos de vários gêneros; Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros; Reconhecer as várias tipologias textuais e suas características básicas; Identificar as informações principais e secundárias no texto; Localizar as informações explícitas e inferir informações implícitas em um texto; Inferir o significado de palavras ou expressões desconhecidas com base na temática do texto, no uso do contexto e no conhecimento adquirido de regras gramaticais e de aspectos lexicais; Reconhecer o efeito de sentido proveniente do uso de elementos gráficos (não-verbais), recursos gráficos: aspas, negrito, pontuação e outras notações linguísticas no texto; Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato; Reconhecer o efeito de sentido do uso da pontuação e de outras notações, assim como da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos; Reconhecer os efeitos de sentido decorrentes do uso da linguagem conotativa no texto e do tratamento estético do texto literário. PROCESSOS DE ESCRITA Atender à situação de produção proposta; Organizar o texto, considerando aspectos estruturais (apresentação do texto, paragrafação); Empregar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros; Utilizar os recursos textuais de informatividade e intertextualidade; Estabelecer relações entre termos, expressões e ideias que tenham o mesmo referente de modo a construir os elos coesivos gramaticais e elos coesivos lexicais; Construir a(s) sequência(s) linguística(s) com base no uso da(s) tipologia(s) textual(is) empregadas no gênero em estudo; Utilizar recursos linguísticos, como pontuação, uso e função das classes gramaticais; Utilizar as normas ortográficas e de acentuação; Construir efeitos de sentido decorrentes do uso das classes gramaticais no texto; Empregar palavras e/ou expressões no sentido conotativo; Utilizar a linguagem formal ou informal, de acordo com a situação de produção. PROCESSOS DE ESCUTA E DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS Ler com fluência, entonação e ritmo, observando os sinais de pontuação; Expressar suas ideias com clareza, coerência e fluência; Utilizar os recursos extralinguísticos em favor do discurso (gestos, expressões faciais, postura etc.); Respeitar os turnos de fala; Reconhecer e utilizar a forma composicional pertencente a cada gênero; Utilizar o conhecimento dos mecanismos da língua (uso de conectivos, evitando repetições de palavras, uso de sequências lógicas etc.) em seus aspectos linguístico-discursivos, em situações reais de comunicação, na modalidade oral; Fazer a adequação do discurso, utilizando a linguagem formal ou informal de acordo com a situação de produção (formal/informal).</p>

Figura 2: Conteúdos de LP de 6º ano para o 2º trimestre – SME de Ribeirão Preto – SP
 Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto - Secretaria Municipal da Educação, 2017, p. 165-166

6º ano	3º trimestre
Conteúdos	Objetivos de Aprendizagem
<p>Língua e Linguagem Texto e contexto; variações linguísticas: variedade regional, social etc. Análise e reflexão linguística Fonética/fonologia: revisão dos ditongos e hiatos; sílaba: divisão e translineação. Ortoépia/Prosódia/ortografia: dificuldades ortoépicas (palavras com vogal tônica: /é, ê, ó, ô/); Dificuldades da escrita (x, s, entre outras). Sinais de pontuação: reticências, aspas e noções emprego da vírgula (período simples). Acentuação gráfica: paroxítonas, ditongos abertos (monossílabas, oxítonas) e hiatos. Morfossintaxe das classes de palavras: pronomes substantivos e pronomes adjetivos, pronomes possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos; interjeição (conceito e classificação e principais empregos); verbos regulares - modo indicativo (os tempos pretéritos na narrativa). Estrutura do enunciado ou período: paragrafação do texto em prosa; discurso direto e indireto. Lexicologia: uso do dicionário. Semântica: conotação X denotação, sinonímia, antonímia e polissemia. Figuras de linguagem: metáfora, catacrese, hipérbole e pleonasma. 3. Tipologia textual Narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, preditivo e injuntivo.</p>	<p>PROCESSOS DE LEITURA Identificar o tema e os elementos constitutivos dos gêneros sugeridos para o trimestre: poema, canção, parábola, crônica, conto, romance, textos informativo e explicativo (receita, bula, gráfico, mapa, convite, relato, depoimento), entre outros; Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros; Reconhecer as várias tipologias textuais e suas características básicas; Localizar as informações explícitas e inferir informações implícitas em um texto; Inferir o significado de palavras ou expressões desconhecidas com base na temática do texto, no uso do contexto e no conhecimento adquirido de regras gramaticais e de aspectos lexicais; Reconhecer o efeito de sentido proveniente do uso de elementos gráficos (não-verbais), recursos gráficos: aspas, negrito, pontuação e outras notações linguísticas no texto; Reconhecer os efeitos de sentido decorrentes do uso da linguagem conotativa no texto e do tratamento estético do texto literário. Identificar o produtor do texto, sua origem, além de avaliar questões relativas à autoria (credibilidade), à fonte de onde o texto foi retirado e data de publicação (pertinência e atualização); Estabelecer relações entre o texto e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político; Inferir, em um texto, quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público alvo, por meio da análise dos procedimentos argumentativos utilizados; Reconhecer o grau de formalidade e informalidade da linguagem, considerando as variantes linguísticas; Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido; Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou tema. PROCESSOS DE ESCRITA Atender à situação da produção proposta; Organizar o texto, considerando aspectos estruturais (apresentação do texto, paragrafação); Utilizar os recursos textuais de informatividade e intertextualidade; Utilizar elementos linguístico-discursivos (coesão, coerência, concordância etc.); Construir a(s) seqüência(s) linguística(s) com base no uso da(s) tipologia(s) textual(is) empregadas no gênero em estudo; Utilizar recursos linguísticos, como pontuação, uso e função das classes gramaticais; Utilizar as normas ortográficas e de acentuação; Construir efeitos de sentido decorrentes do uso das classes gramaticais no texto; Empregar palavras e/ou expressões no sentido conotativo; Utilizar a linguagem formal ou informal, de acordo com a situação de produção. PROCESSOS DE ESCUTA E DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS Ler com fluência, entonação e ritmo, observando os sinais de pontuação; Expressar suas ideias com clareza, coerência e fluência; respeitando os turnos de fala; Utilizar os recursos extralinguísticos em favor do discurso (gestos, expressões faciais, postura etc.); Reconhecer e utilizar a forma composicional pertencente a cada gênero; Utilizar o conhecimento dos mecanismos da língua (uso de conectivos, evitando repetições de palavras, uso de seqüências lógicas etc.) em seus aspectos linguístico-discursivos, em situações reais de comunicação, na modalidade oral; Fazer a adequação do discurso, utilizando a linguagem formal ou informal de acordo com a situação de produção (formal/informal).</p>

Figura 3: Conteúdos de LP de 6º ano para o 3º trimestre – SME de Ribeirão Preto – SP
 Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto - Secretaria Municipal da Educação, 2017, p. 166-167

Entretanto, é importante salientar que a retomada do estudo das formas pronominais se justifica, também, nos sétimos anos, uma vez que há o estudo mais aprofundado da classe de

palavras “verbo”, o que reforça o estudo das pessoas do discurso e, conseqüentemente, das formas pronominais.

1.2.3. Materiais didáticos e ensino de Língua Portuguesa

No que se refere à abordagem das variedades linguísticas pelos livros didáticos, Bagno (2007) aponta que a instituição do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), em 1996, foi bastante profícua, uma vez que unia a pesquisa com o ensino, e a partir de diversos estudos, finalmente instaurou-se uma política linguística a ser trabalhada nos manuais didáticos.

Entretanto, o quesito variação linguística, segundo o autor, ainda se mostra pouco eficaz, seja na base teórica pouco fundamentada, seja na confusão de termos utilizados para se inserir a Sociolinguística no ensino. Por isso, ao se transpor ao contexto de sala de aula, há ainda lacunas entre conceitos e aplicações de atividades que contemplem esse viés sociolinguístico para os alunos.

Segundo Faraco (2008, p. 179), nos livros e nos materiais didáticos, os fenômenos de variação “são ainda marginais e maltratados”, uma vez que são abordados tendo a cultura do erro como pano de fundo. Além disso, há a predominância da abordagem da variedade geográfica, mas esta se realiza de modo anedótico. Com relação à variação estilística, observa-se que os livros pouco exploram esse tema, pois esses materiais dificilmente consideram que, em língua, não há o uso estanque, o que ocorre são contínuos de variação. Ainda, o estudioso observa que raramente os livros didáticos tratam da variação social – “isto é, dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/comum/*standard*)” (FARACO, 2008, p. 180).

Com relação à presente pesquisa, foi realizada uma investigação a respeito de como os pronomes pessoais estão sendo apresentados nos seis volumes aprovados pelo PNLD do triênio 2017/2019, a fim de corroborarmos ou confrontarmos essa visão confusa do livro didático, denunciada por Bagno (2007), no que tange à abordagem de uma pedagogia da variação linguística nos conteúdos discriminados pelos livros didáticos (no caso, dos pronomes pessoais na posição sujeito).

Pretendemos observar se o quadro pronominal¹³ vigente na gramática tradicional está presente nas obras, se há menção dos usos de **você/vocês** e **a gente** e se o trabalho com essas

¹³ Nos livros didáticos e em diversas gramáticas normativas, ainda há a divisão dos pronomes pessoais divididos em caso reto (sujeito) e caso oblíquo (objeto). Em nossa pesquisa, preferimos adotar uma visão menos normativa, utilizando o termo “pronomes pessoais” de modo geral, uma vez que, em gramáticas funcionais, essa divisão

formas pronominais, quando presentes, é destacado e reflexivo quanto à origem e aos usos em nossas variedades.

Dessa maneira, nossa análise se baseia em: observar a abordagem do assunto “pronomes pessoais”, de modo geral; avaliar se houve a menção e explicações a respeito dos usos de **você/vocês** e de **a gente** atuando como pronomes pessoais, de modo que esses apontamentos procurassem abranger uma visão do uso, das situações de comunicação para que, assim, o conteúdo trabalhado extrapolasse o tratamento estritamente normativo.

As obras indicadas pelo PNLD a serem analisadas são:

- Tecendo linguagens;
- Para viver juntos – Português;
- Universos – Língua Portuguesa;
- Português – Linguagens;
- Projeto Teláris – Português;
- Singular & Plural – Leitura, produção e estudos de linguagem.

Os volumes analisados foram os de sexto e sétimo ano, uma vez que o conteúdo pronomes pessoais não é trabalhado nos demais volumes. Quando aparecem, nos volumes de oitavo e nono ano, referem-se ao estudo da coesão, como termos anafóricos e pertinentes ao desenvolvimento de um texto coeso e coerente, sem ocorrer um aprofundamento do uso dos pronomes a partir da Sociolinguística.

1.2.3.1. Tecendo Linguagens

A coleção elaborada por Oliveira et al. (2015) é composta de quatro volumes, um para cada ano final do Ensino Fundamental. Cada livro é dividido em quatro unidades, cada uma delas com dois capítulos. Nestes, há subdivisões, tais como:

- “Para começo de conversa”, em que se propõe uma discussão sobre o tema ou o gênero que será estudado em cada capítulo;
- “Prática de leitura”, na qual se trabalha, por meio de subitens, a leitura e a interpretação de textos;
- “Momento de ouvir”, item voltado à leitura de textos pelo professor;
- “De olho na ortografia”, com atividades que reforçam a escrita ortográfica dos estudantes;

entre “reto” e “obliquo” não se faz mais presente – Neves (2008), por exemplo, divide os pronomes pessoais por função de sujeito ou por funções completivas.

- “Reflexão sobre o uso da língua”, em que, por meio de seus subitens, realiza apontamentos a respeito de aspectos gramaticais das modalidades oral e escrita da língua;
- “Hora da pesquisa”, a qual incentiva a consulta de livros e endereços eletrônicos, individualmente ou em grupos;
- “Atividade de criação”, com produções de textos verbais e não verbais;
- “Na trilha da oralidade”, em que se reflete sobre aspectos das variedades linguísticas orais;
- “Produção de texto”, na qual se elaboram textos escritos e orais;
- “Projetos em ação”, subseção composta por várias atividades cujo produto final pretende ser elaborado individualmente ou em grupo;
- “Importante saber”, com informações complementares;
- “Para você que é curioso”, com algumas curiosidades referentes ao tema abordado;
- “Leia mais”, contendo textos complementares referentes ao tema ou ao gênero estudado;
- “Preparando-se para o próximo capítulo”, com informações prévias a serem discutidas no capítulo ou na unidade subsequente.

Observa-se que o livro procura seguir um roteiro consideravelmente padronizado, para que os estudantes se acostumem com o que será abordado em cada capítulo, de modo a gerar uma expectativa, pelo menos no que se refere aos textos, do que será visto por eles no decorrer das unidades.

Partindo dessas características, iniciamos a análise do volume do 7º ano. No entanto, não há, nesse volume, qualquer menção aos pronomes pessoais, os quais só aparecem no apêndice do livro, em forma de tabela, sem ocorrer observações nem sobre os pronomes **você/vocês** (que aparecem somente como pronome de tratamento), muito menos sobre a expressão **a gente**.

Dessa maneira, foi necessário, então, realizar uma análise do volume do 6º ano, no qual encontramos, na seção “Reflexão sobre o uso da língua”, do segundo capítulo da Unidade 2, um box intitulado “Importante saber” sobre os pronomes pessoais (denominados, nessa seção, como retos e oblíquos). Pertinente frisar que esse box foi introduzido por atividades de interpretação de um bilhete e de uma tirinha para, em seguida, apresentar a explicação teórica desse conceito. Ainda, foi possível notar que a abordagem dos pronomes no livro está mais voltada ao aspecto coesivo, o que foge à simples normatização e é bastante

positivo para um aprofundamento do estudo da língua, porém esse tratamento fica restrito a apenas um aspecto do uso dessa classe gramatical, visto que a abordagem a partir da sociolinguística também seria bastante pertinente. Outro ponto a ser destacado é que, logo em seguida, há exercícios e outro “Importante saber”, mas, dessa vez, abordando os pronomes possessivos, de modo metalinguístico somente (preencher lacunas, por exemplo). Percebemos, então, a abordagem um tanto quanto resumida e pouco voltada a um estudo mais aprofundado dessa classe gramatical.

IMPORTANTE SABER

As palavras que servem para se referir a nomes, para representá-los ou substituí-los são chamadas de **pronomes**.

São **pronomes pessoais do caso reto**:

Eu – 1ª pessoa do singular	Nós – 1ª pessoa do plural
Tu – 2ª pessoa do singular	Vós – 2ª pessoa do plural
Ele – 3ª pessoa do singular	Eles – 3ª pessoa do plural

Nas situações de comunicação, os pronomes servem para indicar a(s) pessoa(s) que fala(m) (1ª pessoa do singular e do plural), a(s) pessoa(s) com quem se fala (2ª pessoa do singular e do plural) e de quem ou de que se fala (3ª pessoa do singular e do plural).

Veja:

Eu gosto muito dela. No fundo, **ela** é bem legal.

↑ Pessoa que fala. ↑ Pessoa de quem se fala.

Veja alguns exemplos retirados da canção “Loadeando”:

– E aí, pai, beleza?
– Beleza, filho. E **tu**? Tudo certo? Pessoa com quem se fala.

São **pronomes pessoais do caso oblíquo**:

Me, mim, comigo	– 1ª pessoa do singular
Te, ti, contigo	– 2ª pessoa do singular
Se, si, consigo, o, a, lhe	– 3ª pessoa do singular
Nos, conosco	– 1ª pessoa do plural
Vos, convosco	– 2ª pessoa do plural
Se, si, consigo, os, as, lhes	– 3ª pessoa do plural

– Se o papo for futebol?
– Ah! Isso é **comigo**. Pronome pessoal do caso oblíquo – 1ª pessoa do singular
– E se o assunto é Playstation?
– Tudo bem, **contigo**. A evolução aqui é de pai pra filho. Pronome pessoal do caso oblíquo – 2ª pessoa do singular

Figura 4: Quadro explicativo dos pronomes pessoais (parte 1), de Oliveira et al (2015)

Fonte: Oliveira et al, 2015, p. 120

1. Os pronomes oblíquos **o, a, os, as**, quando vêm ligados a uma forma verbal terminada por **-r, -s** ou **-z**, assumem as formas **lo, la, los, las**.

Não posso levar-o. → Não posso levá-lo.
 Levamos-os. → Levamo-la.
 Fiz-a. → Fi-la.

2. Quando a forma verbal termina em **-m, -ão, -õe**, recebe as formas pronominais **no, na, nos, nas**.

Pegaram-o. → Pegaram-no.
 Contarão-os. → Contar-nos-ão.
 Supõe-a. → Supõe-na.

4. Releia este trecho da página da agenda de Carol:

[...] Pensei no que aconteceu e queria **lhe** pedir desculpas. [...] **seu** quarto é o **seu** espaço e deve ser do jeito que **você** quer.

a) Quem é o locutor, ou seja, quem produz essa mensagem? Provavelmente, a mãe de Carol.

b) Os pronomes destacados referem-se a qual das personagens? Referem-se à Carol.

c) Por que foram usados pronomes em vez do nome da personagem ao qual se referem? Para evitar repetições, deixando o texto mais fluido.

5. Como você pôde perceber, os pronomes pessoais substituem os nomes a fim de evitar que o texto fique repetitivo. Reescreva as frases, substituindo os termos destacados por pronomes pessoais ou oblíquos de maneira coerente.

a) Encontrei **a garota** quando cheguei à escola.
Encontrei-a quando cheguei à escola.

b) Não quero que **a garota** descubra **o meu segredo**.
Não quero que ela descubra-o.

c) **O filho** confessou sua dificuldade ao pai.
Ele confessou sua dificuldade ao pai.

d) O filho confessou **sua dificuldade** ao pai.
O filho confessou-a ao pai.

e) O filho confessou **ao pai** sua dificuldade.
O filho confessou-lhe sua dificuldade.

Figura 5: Quadro explicativo dos pronomes pessoais (parte 2) e exercícios, de Oliveira et al (2015)

Fonte: Oliveira et al, 2015, p. 121

Após algumas páginas, no mesmo capítulo, há outra seção de “Reflexão sobre o uso da língua”, intitulada “Pronomes do caso reto e de tratamento (revisão)”. Há, nesse caso, um equívoco, uma vez que os pronomes de tratamento ainda não tinham sido sequer mencionados no livro didático – logo, não faz sentido que seja uma revisão de algo que ainda não havia sido trabalhado pelo material.

Reflexão

Pronomes pessoal do caso reto e de tratamento (revisão)

1. Releia os trechos a seguir:

– Eu estou aqui – disse a voz –, debaixo da macieira... [...]
 – Tu não és daqui – disse a raposa. – Que procuras? [...]
 – Começo a compreender – disse o príncipezinho. – Existe uma flor... eu creio que **ela** me cativou...

a) A quem se referem as palavras “eu”, “tu” e “ela” destacadas nesses trechos?
 “Eu”: à raposa; “tu”: ao príncipezinho; “ela”: à flor.

b) Veja como ficaria uma das falas se a personagem não tivesse utilizado o pronome “**ela**”.

A palavra “ela” substitui, retoma o substantivo “flor”, evitando repetição. Trata-se de um pronome que está substituindo o nome a que a personagem já havia se referido. Por isso, chamamos esses pronomes (eu, tu, ele, nós, vós, eles) de palavras de referência: elas se referem a termos anteriores do texto. Ao empregarmos os pronomes pessoais, evitamos a repetição de palavras sem prejudicar a unidade de conteúdo do texto.

– Existe uma **flor**... eu creio que **a flor** me cativou...

• Que função tem o pronome “ela”, empregado no texto original?

Figura 6: Revisão do conteúdo “pronomes” em Oliveira et al (2015)

Fonte: Oliveira et al, 2015, p. 134

Nessa seção, encontramos outros exercícios e dois boxes explicativos: um sobre a origem do pronome **você** e outro sobre a existência de uma variação de usos das formas **tu** e **você**. Entretanto, essa explicação a respeito da variação é bastante breve e reducionista¹⁴, pois há uma comparação com o português europeu e, sobre o português brasileiro, afirma-se que em algumas regiões há o uso dessas duas formas, sendo o **tu** indicativo de uma comunicação entre falantes com maior intimidade. Apresenta-se, ainda, um exercício que pede a transformação de um trecho com o pronome **tu** para outra forma ou aquela usada pelo aluno (o que desconsidera o uso do pronome de 2ª pessoa pelo estudante, pois, se essa fosse a forma utilizada por ele, não haveria alterações no texto. Percebe-se que o objetivo dessa questão era somente fazer a mudança verbal a partir da alteração do pronome).

¹⁴ Há uma generalização o uso do pronome **tu** na Língua Portuguesa dos falantes brasileiros, baseada em situações de intimidade ou situações de formalidade. Sabemos que o uso desse pronome em diversas variedades do português brasileiro é mais complexa que essa afirmação.

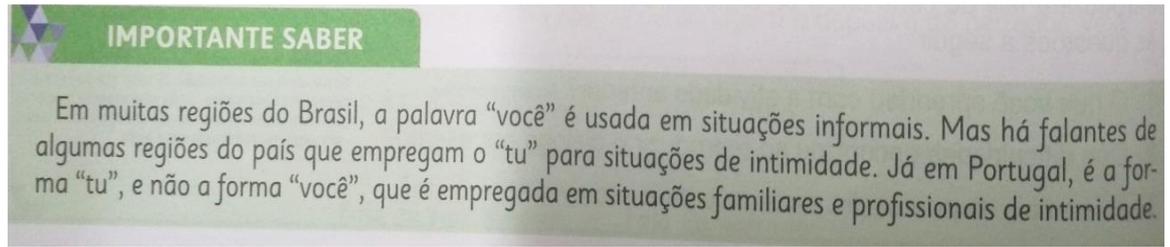


Figura 7: Quadro explicativo sobre o pronome **você** e atividade sobre pronomes de tratamento, de Oliveira et al (2015)

Fonte: Oliveira et al, 2015, p. 134

Sobre a forma **a gente** e a questão do uso do pronome **vós** em nosso cotidiano, não há nenhuma menção, em nenhum dos volumes analisados.

Portanto, observamos que os livros dessa coleção, no que diz respeito ao estudo dos pronomes pessoais, possuem uma abordagem bastante metalinguística e pouco relacionada à Sociolinguística, fazendo menções pontuais e pouco reflexivas sobre os pronomes **você/vocês** e ignorando a existência e importância da forma **a gente** como 1ª pessoa do plural em diversos contextos comunicativos.

1.2.3.2. Para viver juntos

Cada volume da coleção de Costa, Marchetti e Soares (2015) é dividido em capítulos, nos quais há sempre a realização de atividades a partir de duas leituras-base, de modo que essas propostas estão divididas nas seguintes seções:

- Estudo do texto;
- Produção de texto;
- Reflexão linguística;
- Língua viva;
- Questões da escrita.

A abordagem dos pronomes pessoais ocorre no volume do 6º ano, no capítulo seis, na seção “Reflexão linguística”. Importante destacar que há o estudo dos pronomes pessoais e dos pronomes de tratamento conjuntamente, a fim de se enfatizar a noção de usos e de pessoas do discurso¹⁵.

¹⁵ Parece-nos pertinente realizar alguns breves apontamentos a respeito da noção de pessoa. Segundo Benveniste (2005), denominamos “pessoa” apenas os participantes ativos de um ato de enunciação, isto é, os pronomes **eu** e **tu** – assim, o pronome **ele** não é considerado como “pessoa”. Nota-se que, a partir da visão do estudioso, podemos inferir que a classe dos “pronomes pessoais” apresenta equívocos, uma vez que a ideia de personalidade só é válida para **eu** e **tu**, enquanto que essa classe aponta a personalidade em pronomes como **ele**, **nós** e **vós** (sendo que os dois últimos podem ter uma noção mais generalizada). Os livros didáticos analisados, no entanto, abordam a ideia de pessoa seguindo a estrutura da gramática tradicional, de modo resumido como aquele que

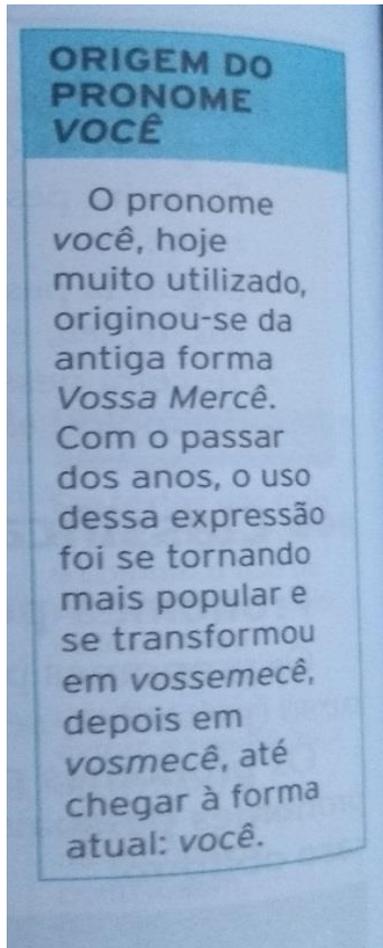


Figura 9: Box explicativo sobre a origem do pronome **você**, em Costa, Marchetti e Soares (2015)

Fonte: Costa, Marchetti e Soares, 2015, p. 202

O volume do 7º ano, por sua vez e ao contrário da coleção “Tecendo Linguagens”, apresenta uma revisão, na seção “Reflexão linguística”, da classe de palavras pronome. Entretanto, essa retomada é bastante sucinta, pois, em duas páginas, pretendeu-se explicar todos os tipos de pronomes, o que, apesar de compor um resumo, poderia ser um pouco melhor explorado, a fim de que o conteúdo não se apresentasse tão superficialmente para o estudante. Assim, a abordagem dos pronomes pessoais é insuficiente, uma vez que só aponta a existência das pessoas do discurso/enunciado e da divisão existente na gramática normativa entre pronomes pessoais retos e oblíquos. Ao final da seção, há exercícios que refletem sobre a importância dos pronomes, de um modo geral, como mecanismos coesivos – o que é positivo, mas, novamente, observa-se que o estudo dessa classe gramatical, nos livros didáticos, ainda está desvinculado da visão sociolinguística, e que o aprendizado de variedades linguísticas ainda é bastante acessório e desmembrado de um estudo da língua de um modo geral, como discurso e comunicação.

1.2.3.3. Universos: Língua Portuguesa

A coleção elaborada por Pereira, Barros e Mariz (2015) possui uma abordagem voltada ao ensino dos conhecimentos linguísticos como pretextos para a compreensão e elaboração de textos. Segundo as autoras, no apêndice destinado ao professor (e, portanto, presente somente nos exemplares “Manual do professor”), é proposto

um trabalho reflexivo com os conhecimentos linguísticos, o que pressupõe o texto como unidade de ensino e a articulação com os eixos de leitura e produção de textos escritos e orais, materializados em exercícios que privilegiam não apenas a apreensão de conceitos, mas também o entendimento dos efeitos de sentido pelo uso de determinado recurso linguístico. (PEREIRA, BARROS e MARIZ, 2015, p. 290)

Percebemos, nessas obras, que o conceito gramatical vai sendo construído pelo aluno no decorrer das atividades propostas a partir de determinados textos que funcionam como eixo. Outro aspecto interessante a ser destacado é o uso de termos como “normas urbanas de prestígio”, “recursos linguísticos”, “grau de formalidade”, entre outros, já no sumário¹⁶. Nota-se, dessa maneira, que existe uma preocupação de trabalhar a língua de um modo mais reflexivo, voltando-se ao aspecto social e comunicativo desta.

O livro da coleção “Universos” é dividido em quatro unidades, cada qual composta por três capítulos, nos quais aparecem as seguintes seções:

- Antes da leitura;
- Durante a leitura;
- Texto;
- Depois da leitura;
- Avalie o que você aprendeu;
- Oficina de textos.

Ao final de cada unidade, há a proposição de atividades integradas ou de elaboração de textos orais. O volume se encerra com as seções “Acervo PNBE – Projeto anual de leitura de romance” e “Mais gramática” – nesta última, por meio de exercícios, os alunos deveriam conceituar e revisar noções gramaticais vistas no decorrer da obra.

Com relação aos pronomes pessoais, um estudo acerca desse conteúdo aparece no volume do 7º ano, de modo um pouco mais descritivo e reflexivo do encontrado nos demais livros didáticos, por estar diluído ao longo da obra, mas, ainda assim, contém ressalvas.

No volume do 7º ano, a noção de “pronomes pessoais” aparece inicialmente no segundo capítulo da primeira unidade, com destaque para uma reflexão a respeito do uso de

¹⁶ Expressões presentes tanto no livro do aluno como em instruções do manual do professor.

formas como **lhe**. Essa abordagem não está isolada, uma vez que se apresenta o uso de verbos no pretérito mais-que-perfeito com o intuito de se refletir sobre graus de formalidade e coloquialidade de nossa língua. Nessa unidade, ainda, há atividades e explicações sobre os pronomes pessoais conforme as noções de pessoas do discurso e suas aplicações em determinadas situações de comunicação. No decorrer dessas páginas, sugere-se ao estudante que realize as atividades na seção final “Mais gramática”, a fim de que ele reflita sobre as formas pronominais e seus usos.

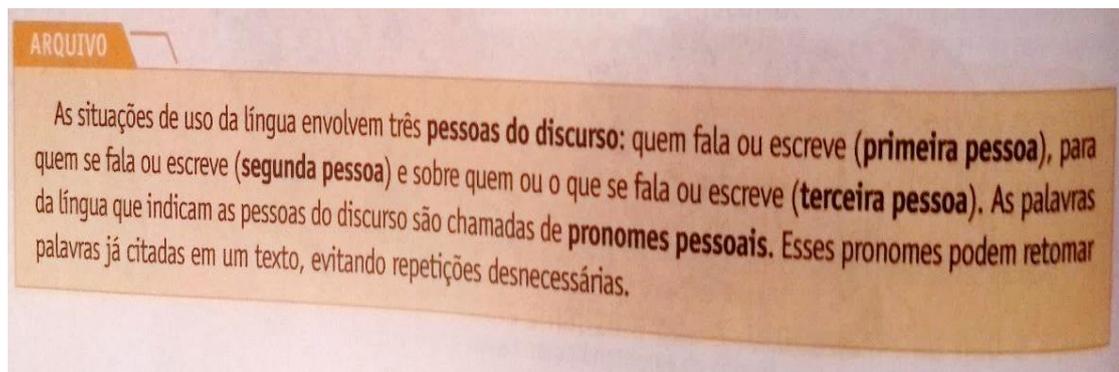


Figura 10: Pronomes pessoais e pessoas do discurso em Pereira, Barros e Mariz (2015)

Fonte: Pereira, Barros e Mariz, 2015, p. 42.

Notamos, nesse livro, que não há uma conceitualização gramaticalizada dos aspectos linguísticos de nossa língua, isto é, ainda que a conceitualização dos pronomes siga a gramática tradicional, o tratamento dado aos pronomes pessoais não é dividido, nessa coleção, em tabelas e explicações totalmente normativas, visto que há uma preocupação em apontar usos e apresentar um aspecto reflexivo para o conceito. Contudo, no que se refere ao objetivo da pesquisa, concluímos que essa coleção também não aborda uma configuração pronominal que dialogue com nossas variedades linguísticas, uma vez que não se menciona o emprego da forma **a gente** como um pronome pessoal, e pouco se discute a respeito dos usos de **tu** e **vós** (aponta-se apenas a relação entre graus de formalidade e usos desses pronomes). Sobre a forma **você**, é interessante observar que ela aparece nos exercícios e explicações sobre os usos pronominais em situações comunicativas de maneira natural; no entanto, na parte final, em que os alunos deveriam preencher um quadro com as formas pronominais, não havia espaço para inserir ou acrescentar as formas **você/vocês**, elaborando-se, assim, mais uma vez, o quadro pronominal vigente em nossas gramáticas normativas e livros didáticos.

1.2.3.4. Português: linguagens

A coleção de Cereja e Magalhães (2015), como as demais, é dividida em quatro unidades, mas, dessa vez, a quantidade de capítulos por unidade é maior: três em cada uma. Cada capítulo é dividido nos seguintes tópicos¹⁷:

- Estudo do texto (com os subtítulos “Compreensão e interpretação”, “A linguagem dos textos”, “Cruzando linguagens” e “Trocando ideias”);
- Produção de texto;
- A língua em foco (com o subtítulo “Semântica e discurso”);
- De olho na escrita;
- Divirta-se.

Ao final de cada unidade, há uma seção chamada “Intervalo”, na qual ocorre o desenvolvimento de projetos com a produção textual, seja em forma de apresentações de seminários ou peças, seja na elaboração de livro ou jornal, entre outros, com o intuito de se trabalhar a multidisciplinaridade.

Nessa coleção, a abordagem dos pronomes pessoais se inicia no livro do sexto ano: no capítulo 1 da unidade 4, há a apresentação da classe “pronome” de modo geral, ao se utilizar um texto cuja resolução dos exercícios conduziria a uma reflexão inicial sobre o assunto. Em seguida, ao se classificarem os pronomes, observamos a representação do quadro pronominal vigente nas gramáticas normativas, como observado abaixo:

PRONOMES PESSOAIS		
	Retos	Obliquos
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele(a)	o, a, lhe, se, si, consigo
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles(as)	os, as, lhes, se, si, consigo

Figura 11: Quadro de pronomes pessoais no livro do 6º ano, da coleção de Cereja e Magalhães
Fonte: Cereja e Magalhães, 2015, p. 212

¹⁷ Podendo haver a inserção, em alguns capítulos, do tópico “Para escrever com...”, cujo complemento pode ser “coesão”, “técnica”, “adequação”, etc.

No entanto, há um box intitulado “Contraponto”, em que o autor pondera que “alguns especialistas defendem a inclusão de **você, vocês** e da expressão **a gente** entre os pronomes pessoais, pelo fato de essas palavras, cada dia mais, estarem sendo utilizadas, respectivamente, em lugar de **tu, vós** e **nós**.” (CEREJA e MAGALHÃES, 2015, p. 213). Em seguida, são exibidas, por meio de exemplos, as mudanças entre **vós** por **vocês** e **tu** por **você**. Porém, não se chega a uma conclusão – na verdade, sugere-se que o estudante, em debate com o professor na sala de aula, chegue a uma reflexão a respeito desse assunto, levando-se em consideração os usos de nossa língua pelos falantes de modo geral. Aparece, ainda, na página 214 desse mesmo volume, um box chamado “Devemos empregar **tu** ou **você**?”, em que o autor explica que ambas as formas fazem parte das variedades do Português Brasileiro, e que a mistura das formas de segunda e terceira pessoa é bastante comum – apenas ressalta que, no entanto, caso o locutor opte pelo emprego da norma culta, esse tipo de construção envolvendo a mistura de usos de segunda e de terceira pessoas deve ser evitado.

O volume do sétimo ano apresenta uma retomada do estudo dessa classe gramatical no terceiro capítulo da unidade 3, ao se discutirem as funções sintáticas dos pronomes pessoais. Interessante frisar que a abordagem não se baseou apenas em conceitos, mas na realização de atividades que levassem o estudante a analisar alguns aspectos da língua. Dessa maneira, a reflexão sobre os pronomes pessoais ocorreu novamente, dessa vez na parte “Semântica e discurso”, com um anúncio publicitário da marca Subaru, conforme imagem abaixo:

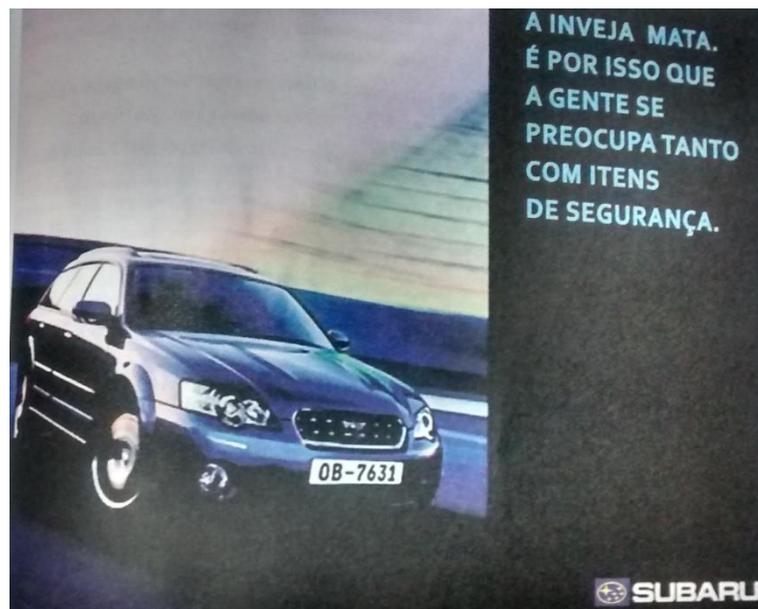


Figura 12: Anúncio retirado do volume do 7º ano da coleção de Cereja e Magalhães

Fonte: Cereja e Magalhães, 2015, p. 189

A partir do enunciado principal “A inveja mata. É por isso que a gente se preocupa tanto com itens de segurança”, é proposta aos alunos a realização de duas atividades referentes aos usos de **nós** e **a gente**, segundo contextos de comunicação e situação de falantes nesse processo comunicativo. Em seguida, há a exibição de uma tirinha de Laerte, na qual aparecem duas sentenças com o pronome você: “O problema com esse negócio de blog é que qualquer um pode ler o que você põe” e “Hugo, você revolucionou a ciência do blog!”. Partindo-se desse texto, são propostos dois exercícios cujo objetivo é fazer com que o aluno reflita sobre o uso do pronome **você**. Ainda que não haja um contraponto com a forma **vós**, é importante notar que o pronome **você** está tão naturalizado em nossos contextos de comunicação que o livro propôs duas questões que enfatizassem a análise segundo a função sintática desse pronome.

Percebemos, portanto, que a coleção de Cereja e Magalhães (2015) faz uma abordagem dos pronomes pessoais de forma mais voltada ao uso em diversas situações de comunicação, uma vez que destaca uma reflexão sobre os usos das formas **você/vocês** e **a gente** conforme as diversas variedades linguísticas presentes em nossa língua, sem se desvincular da visão voltada à norma padrão empregada nas gramáticas tradicionais. Faltou, no entanto, sistematizar (ou sugerir ao professor que se sistematizasse) esses apontamentos, a fim de que os alunos visualizassem, por meio de um quadro, as formas pronominais utilizadas como pessoas do discurso, pertencentes à gramática normativa e aos usos cotidianos.

1.2.3.5. Português: Projeto *Teláris*

A coleção de Borgatto, Bertin e Marchezi (2015) possui quatro volumes, uma para cada ano final do Ensino Fundamental, de modo que cada um desses volumes é dividido em oito capítulos, sendo que, a cada dois capítulos, há a composição de uma unidade temática maior. Cada um desses capítulos possui as seguintes seções:

- Leitura (ou “Leitura 1”, para, no decorrer do capítulo, haver “Leitura 2”, “Leitura 3”, etc.);
- Interpretação do texto (dividida em “Compreensão”, “Linguagem do texto” e “Construção do texto”);
- Prática de oralidade;
- Outras linguagens;
- Conexões;
- Língua: usos e reflexão;

- Produção de texto;
- Outro texto do mesmo gênero;
- Autoavaliação.

A cada final de unidade, tem-se uma seção intitulada “Ponto de chegada”, em que o estudante deve refletir e revisar o conteúdo estudado, e produzir um texto de um gênero textual apresentado anteriormente. No final de cada volume, há a “Unidade suplementar”, com retomada de conteúdos gramaticais, e o “Projeto de leitura”, com a reprodução de um livro ou antologia de textos escolhidos pelas autoras para que o professor trabalhe a leitura em sala de aula.

A abordagem dos pronomes pessoais nessa coleção ocorre no volume do sexto ano, no capítulo 5, situado na unidade 3. A observação a respeito desse conteúdo se inicia a partir de algumas atividades de interpretação de uma tirinha da personagem Hagar, de Dik Browne. Em seguida, parte-se para a explicação dos pronomes pessoais conforme noção de pessoas do discurso. Esse livro didático, ao contrário dos demais, destaca, logo no começo, as formas **a gente**, **você/vocês** como, respectivamente, primeira e segunda pessoas do discurso, como se observa na figura abaixo:

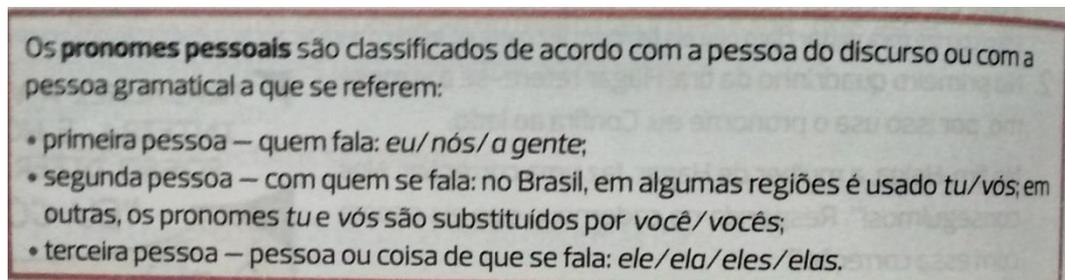


Figura 13: Classificação pronominal no volume do 6º ano da coleção *Teláris*

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi, 2015, p. 164

Logo abaixo desse quadro, há dois parágrafos com observações a respeito do uso corrente da expressão **a gente**, com a ressalva de que, no entanto, as gramáticas normativas não aconselham seu uso em situações de maior monitoramento, como na elaboração de textos científicos.

Necessário frisar que o quadro pronominal utilizado nas gramáticas tradicionais aparece após a explicação dos usos das formas **você/vocês** e **a gente** como representações de pessoas do discurso, sendo que a utilização desse quadro ocorre, principalmente, para destacar os pronomes pessoais oblíquos. As próprias autoras afirmam que “o quadro a seguir mostra

como os pronomes pessoais são apresentados tradicionalmente em uma gramática” (BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 2015, p. 164)

	Pronomes pessoais	
	Retos	Obliquos
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Figura 14: Quadro pronominal tradicional presente no volume do 6º ano da coleção *Teláris*

Fonte: Borgatto, Bertin e Marchezi, 2015, p. 164

Após a exibição do quadro pronominal tradicional, vemos o box “No dia a dia”, em que se propõe uma discussão entre os alunos acerca dos usos e sentidos da expressão **a gente** como representação de **nós** ou como referência às pessoas de modo geral. Como exemplo, apresenta-se um exercício de interpretação do uso dessa forma na canção “Fome come”, de Sandra Peres e Paulo Tatit.

Sobre os pronomes **você**, **tu** e **vós** há um subtítulo com uma discussão bastante desenvolvida sobre os usos dessas formas seguindo um contexto histórico, geográfico e social, com exemplos de trechos do *Sermão de santo Antônio aos peixes* do padre Antônio Vieira, e das canções “Sei lá”, de Gabriel o Pensador, e “Metamorfose ambulante”, de Raul Seixas. Percebe-se que a intenção dessa abordagem foi a de fazer com que os alunos refletissem sobre as transformações da língua, sobre o fato de que não existe uma forma mais ou menos correta, uma vez que cada uma é adequada conforme o contexto em que é utilizada – tanto que as autoras destacam que a mistura de pessoas gramaticais referentes a **tu** e **você** é bastante comum em situações informais, mas ainda é condenada em situações mais formais de comunicação.

O trabalho desenvolvido pela coleção *Teláris*, portanto, pareceu-nos bastante fiel à proposta desenvolvida pelas autoras no que se refere aos estudos gramaticais. Segundo os apontamentos presentes no “Manual do professor”,

O estudo da **gramática** em seu sentido amplo é muito mais do que a aprendizagem de um conjunto de regras de uso “correto” da língua falada ou escrita. [...]. Cabe aos estudos gramaticais descrever, analisar e organizar os conhecimentos sobre o sistema de escrita da língua, bem como sobre os usos e os modos de organização da língua falada. (BORGATTO, BERTIN e MARCHEZI, 2015, p. 342, grifo das autoras)

Dessa maneira, notamos que o tratamento dado aos pronomes pessoais ocorre de modo crítico e reflexivo, sem abolir ou desmerecer a gramática tradicional, mas fazendo um direcionamento do estudo desse conteúdo a partir de usos cotidianos, valorizando-se, inicialmente, as variedades linguísticas como ponto de partida para, em seguida, pontuar sobre as noções presentes nas gramáticas normativas, a fim de que o estudante entenda que não existe apenas um uso de determinados pronomes e que diversos usos são adequados a diferentes situações de comunicação envolvendo diferentes falantes. Além disso, os alunos podem, enfim, perceber a existência das formas **você/vocês** e **a gente** como outras referentes às pessoas do discurso, além dos rotulados pronomes pessoais **tu, nós** e **vós**.

A única ressalva que se faz a essa coleção, entretanto, é o fato de o estudo dessa classe gramatical não se estender nos volumes subsequentes, restringindo-se apenas ao sexto ano do Ensino Fundamental.

1.2.3.6. Singular e Plural

A coleção organizada por Figueiredo, Balthasar e Goulart (2015) possui uma divisão diferenciada quando comparada com os livros didáticos anteriormente analisados, pois cada um dos quatro volumes voltados aos últimos anos do Ensino Fundamental é segmentado em três cadernos: “Caderno de leitura e produção”, “Caderno de práticas de literatura” e “Caderno de estudos de língua e linguagem”. Cada um desses cadernos apresenta uma subdivisão própria, mas apenas o último deles segue um padrão em todos os volumes, isto é, o Caderno de estudos de língua e linguagem será composto por três unidades, sendo elas:

- Unidade 1: Língua e linguagem;
- Unidade 2: Língua e gramática normativa;
- Unidade 3: Ortografia e pontuação.

Dessa forma, podemos inferir que a proposta desse livro didático é a de criar três frentes de ensino – redação, literatura e gramática, respectivamente e de modo reduzido – sem que essas estejam, no entanto, totalmente desvinculadas umas das outras, visto que há um diálogo de temáticas nos capítulos de cada um dos cadernos, sugerindo-se a possibilidade de trabalhá-los concomitantemente.

Sobre a visão de gramática adotada, é possível notar que existe um tratamento que parte da perspectiva da linguística, da análise dos mecanismos linguísticos, a fim de proporcionar uma reflexão, e não somente uma apreensão de regras. Segundo as autoras, um dos objetivos do terceiro e último caderno que compõe cada volume “[...] não é o ensino da nomenclatura ou conceito em si, mas a compreensão do fenômeno, focando com maior

frequência o potencial que ele representa como recurso da língua na construção de nossos discursos” (FIGUEIREDO, BALTHASAR e GOULART, 2015, p. 333). Assim, constata-se o posicionamento reflexivo das obras para o ensino da gramática.

Dessa maneira, as classes de palavras são trabalhadas a partir da divisão adotada por Câmara Jr. (1976), como variáveis e invariáveis. No entanto, o eixo da aprendizagem se dá a partir do estudo somente dos substantivos e dos verbos, omitindo-se os pronomes e os conectivos, para, em seguida, explicar os demais conteúdos.

Entretanto, por adotar esse viés, pudemos concluir que a abordagem dos pronomes, de forma geral, não é suficientemente desenvolvida, uma vez que a explicação desse conteúdo só ocorre no volume do sexto ano, compondo um bloco maior denominado “palavras que podem modificar os substantivos” (do qual fazem parte, além dos pronomes, os adjetivos, os artigos e os numerais) e a explanação é bastante geral, sem especificar os diferentes tipos e usos das formas pronominais.

Logo, como mal há a divisão entre os pronomes, não ocorre um aprofundamento, nem no conteúdo explicativo, nem nos exercícios, sobre a noção de pronomes pessoais, muito menos sobre quem são as pessoas do discurso para que, então, houvesse uma reflexão a respeito das formas **você/vocês** e **a gente**.

Importante destacar que é notável a proposta desenvolvida pela coleção, visto que existe a adoção de uma perspectiva reflexiva e pouco restrita somente à gramática normativa, reforçando-se a importância do estudo do texto para o desenvolvimento das capacidades leitora e escritora dos estudantes. No entanto, não é preciso que essa aprendizagem ocorra em detrimento de um estudo que envolva a análise linguística, pois ao se valorizar esse aspecto, tencionamos o desenvolvimento de um posicionamento do aluno como crítico da língua e cientista da linguagem. Além disso, ao se trabalhar parcamente os pronomes pessoais, a obra acaba por entrar em contradição, já que as autoras afirmam, no “Manual do Professor”, referente à língua e à gramática normativa, que se dedicam

[...] a um trabalho de metalinguagem e de apresentação de algumas regras da gramática normativa mais próximas das variedades urbanas de prestígio [...]. Entretanto, consideramos importante enfatizar que, sempre que pertinente, apontamos usos, até mesmo pelos que falam segundo as normas urbanas de prestígio, que já não correspondem ao que essa gramática normativa define como norma. Além disso, também quando oportuno, destacamos a relação entre o recurso ou a norma e os efeitos de sentido que podem ser observados na escolha do seu uso. (FIGUEIREDO, BALTHASAR e GOULART, 2015, p. 333)

Portanto, a abordagem dos pronomes pessoais poderia ter ocorrido de modo mais descritivo e reflexivo, seguindo-se o posicionamento teórico da obra – o que seria tão proveitoso quanto o trabalho desenvolvido nos processos de leitura e produção de textos

realizados nos volumes analisados, pois a opção por esse posicionamento também possibilitaria o desenvolvimento de um aluno crítico e reflexivo sobre sua língua e seus usos.

Observamos, após a análise dos volumes de sextos e sétimos anos das seis coleções escolhidas pelo PNLD 2017-2019, que, no que diz respeito ao estudo dos pronomes pessoais, os livros didáticos apresentam, em geral, uma abordagem mais voltada aos preceitos das gramáticas normativas e pouco relacionada à Sociolinguística, fazendo menções pontuais e pouco reflexivas sobre os pronomes **você/vocês** e pouco mencionando a existência e a importância da forma **a gente** atuando como primeira pessoa do plural, semelhante ao pronome **nós**, em diversos contextos comunicativos. As exceções acontecem nas coleções elaboradas por Cereja e Magalhães (2015) e Borgatto, Bertin e Marchezi (2015), nas quais há uma menção mais voltada ao uso das formas supracitadas e presentes em diversas variedades linguísticas de nossa língua. Ainda assim, concluímos que ainda existe a necessidade de se aprofundar essa abordagem mais voltada ao uso, especialmente no que se refere ao tratamento, dos livros didáticos, do conteúdo “pronome pessoal”.

1.3. Os pronomes no Português Brasileiro

Considerando a existência de vários estudos acerca da reorganização do quadro pronominal do PB (RUMEU, 2015; LOPES, 2003, 2005, 2012, 2016; GÖRSKI e COELHO, 2009), nesta subseção apresentamos trabalhos já realizados sobre as formas variáveis de pronomes pessoais no PB. Além disso, pretendemos relacionar a abordagem do conteúdo “pronomes pessoais”, presente nos documentos oficiais, com alguns dos estudos da Linguística e da Sociolinguística referentes aos pronomes pessoais, a fim de reiterarmos a importância de um tratamento, no ensino de Língua Portuguesa, mais voltado ao uso e às situações de comunicação. Inicialmente, cabe lembrar que, nos PCN, o vocábulo “pronome” aparece somente na seção “Prática de análise linguística”, da seguinte maneira:

Comparação dos fenômenos lingüísticos observados na fala e na escrita nas diferentes variedades, privilegiando os seguintes domínios:

* sistema pronominal (diferentes quadros pronominais em função do gênero): preenchimento da posição de sujeito, extensão do emprego dos pronomes tônicos na posição de objeto, desaparecimento dos clíticos, emprego dos reflexivos etc.; (BRASIL, 1998, p. 60-61)

O estudo dos pronomes no Referencial Curricular do município de Ribeirão Preto – SP aparece como conteúdo referente ao sexto ano do Ensino Fundamental. De acordo com o documento, isso deve ocorrer ao longo dos três trimestres letivos, de modo que o ensino dos pronomes pessoais se faça presente nos dois primeiros trimestres. Interessante frisar que nos demais anos não há qualquer menção ao estudo do pronome, seja como conteúdo (ou como

revisão), seja como componente dos apontamentos referentes aos processos de escrita de textos.

De modo geral, no que tange ao ensino, a abordagem das formas **você/vocês** e **a gente** faz-se pertinente, como reflete Lopes (2012, p. 133), pois a necessidade de ampliar o quadro para além do exibido pela gramática normativa ocorre porque “pronomes pessoais são empregados nas situações de diálogo, são formas interlocutivas e mesmo os falantes mais cultos utilizam as novas formas e não as mais antigas.”.

O estudo dos pronomes pessoais de modo voltado aos usos e situações comunicativas se justifica nas pesquisas recentes a respeito do sistema pronominal do Português Brasileiro. Segundo Silva (1998, p. 185, grifo da autora),

a forma *você* era originalmente o pronome de tratamento formal *Vossa Mercê*, que acabou por se gramaticalizar como o único pronome de segunda pessoa do singular em boa parte dos dialetos do português brasileiro, com a perda parcial da forma *tu*, e a perda definitiva e irrecuperável da forma *vós*.

No caso de **a gente**, seu estudo se faz contundente pelo fato de essa expressão ter assumido, em paralelo a **nós**, representação da 1ª pessoa do singular (eu+ outro ou outros), estando o verbo flexionado tal como na 3ª pessoa do singular. Após evidenciar, por aspectos sintáticos e semânticos, Silva (1998, p. 188, grifo da autora) chega à conclusão de que “de fato [...] *a gente* é um pronome no português brasileiro atual”.

Dessa maneira, faz-se essencial uma abordagem dos pronomes pessoais de modo diferenciado, ou, como propõe Lopes (2016), a apresentação paralela do quadro pronominal vigente nas gramáticas normativas com o quadro que ilustra a situação atual dos empregos pronominais, considerando a nossa realidade linguística extraescolar. Para orientar sua proposta, a pesquisadora define os pronomes como uma classe de palavras que apresenta rês características privativas:

A noção de pessoa gramatical, situando a referência do pronome em função do falante (*eu, nós*), do ouvinte (*tu/você, vós/vocês*), ou fora da alçada dos dois (*ele/ela, eles/elas*); a noção de caso – variação de forma de acordo com o caso (*eu* nominativo x *me/mim* acusativo e genitivo); e o gênero neutro – referência a entidades inanimadas (*isso/aquilo*) (LOPES, 2016, p. 106, grifos da autora).

Após breve conceituação, a estudiosa realiza uma análise detalhada da origem e das funções adotadas pelos pronomes **você/vocês** e pela expressão **a gente**, refletindo sobre as especificidades dessas formas que ganharam função de pessoa do discurso (ainda que em alguns contextos o **a gente** possa ter acepções neutras e generalizadas), evidenciando que ambas as formas passaram a ter atitudes comuns aos pronomes pessoais, ou seja, tanto o **você/vocês** quanto o **a gente** adquiriram aspectos de gênero semântico (e não formal, isto é,

não se flexionam segundo os gêneros, o que favorece a ocorrência da mistura de formas de segunda e de terceira pessoas) e referem-se conforme a concordância número-pessoa.

Ao final, a autora propõe um quadro pronominal abrangente, com as seguintes formas:

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	POSSESSIVOS
P1	eu	me	meu/minha
P2	tu/você	te, lhe, (se), você	teu/tua/seu/sua/de você
P3	ele/ela	o, a (se)/lhe/ele(a)	seu/sua/dele(a)
P4	nós/a gente	nós/a gente	nosso(a)/da gente
P5	vocês	vocês/lhes/se	seu(s)/sua(s)/de vocês
P6	eles/elas	os, as (se)/lhes/eles(as)	seu(s)/sua(s)/deles(as)

Quadro 1: Usos pronominais atuais elaborado por Lopes (2016)

Fonte: Lopes, 2016, p. 116 (adaptado)

Lopes tem realizado amplas pesquisas sobre os pronomes no Português Brasileiro. Em artigo publicado em 2012 pela revista *Matraga*, a autora desenvolve uma contundente análise sobre os usos dos pronomes **tu**, **você**, **vocês**, **nós** e da expressão **a gente** como formas pronominais que se referem às pessoas do discurso. Nessa publicação, a pesquisadora observa o fenômeno de mudança de usos do pronome **você/vocês** até o momento em que este se torna concomitante ao **tu** (e em diversas variedades o supera) e suplanta completamente o **vós**. Ainda, a partir de diversas pesquisas e análises apresentadas, a estudiosa observa como o uso da expressão **a gente** tem se tornado concomitante a **nós**, tanto na fala como na escrita, inclusive em situações mais monitoradas de comunicação.

Dessa maneira, a autora percebe a discrepância existente entre língua e ensino, pois, ao refletir sobre a apresentação do estudo dos pronomes pessoais pelo ensino de língua materna, nota-se que o sistema tradicional (compostos pelos pronomes pessoais **eu**, **tu**, **ele/ela**, **nós**, **vós**, **eles/elas**) ainda se faz presente na maioria dos livros didáticos e gramáticas. Além disso, Lopes analisa alguns livros didáticos de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental e Médio a fim de confirmar que ainda existe uma “postura conservadora e, às vezes, incoerente na apresentação do quadro pronominal” (LOPES, 2012, p. 119), pois muitos ignoram as formas **a gente** e **você/vocês** como pessoas do discurso, além de se condenar a

mistura de tratamentos pronominais e verbais de segunda e terceira pessoa (isto é, o uso do pronome **tu** com verbos flexionados tal como na terceira pessoa, ou o uso de **você** junto de pronomes oblíquos de segunda pessoa).¹⁸

Seguindo um posicionamento semelhante, o estudo de Görski e Coelho (2009) ilustra a divergência existente entre a visão Sociolinguística e os conteúdos das gramáticas tradicionais ao analisar o paradigma pronominal do Português Brasileiro. De acordo com as autoras, o paradigma presente na gramática não contempla a nossa realidade linguística, uma vez que ignora a existência das formas **você/vocês** e **a gente**, além de insistir em enfatizar o pronome **vós** como se este fosse corriqueiro em nossa língua. Dessa maneira, as autoras elaboram dois paradigmas: o primeiro relacionado à gramática normativa, e o segundo com as formas pronominais mais presentes nos usos do português brasileiro.

Paradigma 1	Paradigma 2
eu	eu
tu	tu/ <i>você</i>
ele(a)	ele(a)
nós	nós/ <i>a gente</i>
vós	(vós)/ <i>vocês</i>
eles(as)	eles

Figura 15: Paradigmas pronominais tradicional e de usos no PB, segundo Görski e Coelho (2009)

Fonte: Görski e Coelho, 2009, p. 85

Ao realizar uma abordagem estritamente tradicional, o ensino omite uma variedade de formas pronominais e verbais de uso presentes não só na fala, como na escrita de diversas variedades linguísticas do Português Brasileiro.

Paradigma 1	Paradigma 2
eu ando	eu <i>ando</i>
tu andas	tu <i>anda(s)</i> / <i>você anda</i>
ele(a) anda	ele(a) <i>anda</i>
nós andamos	nós <i>anda(mos)</i> / <i>a gente anda</i>
vós andais	<i>vocês andam</i>
eles(as) andam	<i>eles andam</i>

Figura 16: Paradigmas verbais da GT e efetivos no PB, conforme Görski e Coelho (2009)

Fonte: Görski e Coelho, 2009, p. 86

¹⁸ Importante frisar que há o uso cotidiano de pronomes como **ele** e **você** em posição de objeto, ou o fato de pronomes como **te** estarem presentes em nossas variedades, ainda que o pronome **tu** tenha, em algumas variedades, sido suprimido. No entanto, devemos destacar que nossa pesquisa tem, como objeto de estudo, o uso dos pronomes pessoais somente em posição sujeito, a fim de realizar uma análise mais aprofundada dos casos observados em nosso trabalho.

Quanto aos estudos voltados à análise dos usos dos pronomes realizados por estudantes do Ensino Fundamental, há duas pesquisas, dentre tantas, a serem mencionadas: a de Moura (2015) e a de Fleck (2016).

A primeira fundamenta-se em um estudo sobre o conceito de pronome, sobre o ensino da gramática em consonância com ou em contraposição aos usos linguísticos dos alunos. Em seguida, a pesquisadora parte da aplicação de produções textuais a fim de observar os usos dos pronomes pessoais funcionando como complementos, corroborando-se o ponto de vista de que há uma divergência entre os conceitos apreendidos em sala de aula e os empregos das formas pronominais nas diversas situações comunicativas das quais os alunos fazem parte.

A segunda pesquisa investiga, a partir da análise de questionários e produções textuais e sustentada nos pressupostos da Pedagogia da Variação Linguística, como os pronomes pessoais na função de sujeito são utilizados por alunos de uma escola de Bagé – RS, a fim de se propor uma unidade didática que contemplasse as variedades linguística dos alunos, estendendo a abordagem tradicional vigorada no ensino dos pronomes pessoais em Língua Portuguesa.

É importante destacar que algumas gramáticas recentes do PB, que partem do uso, também já apontam reorganizações no quadro pronominal.

Neves (2008), por exemplo, apresenta a seguinte proposta para o quadro pronominal do PB:

	Singular	Plural
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	Tu, Você	Vós, Vocês
3ª pessoa	Ele, Ela	Eles, Elas

Quadro 2: Pronomes pessoais em Moura Neves (2008)

Fonte: NEVES, 2008, p. 454 (adaptado)

Como podemos observar na sistematização acima, Neves (2008) inclui em seu quadro pronominal a forma **você/vocês** como pronome pessoal, enquanto em muitas gramáticas tradicionais esses pronomes ainda são considerados uma forma de tratamento. Com relação à forma **a gente**, a estudiosa também realiza uma análise, e essa forma é abordada como

sintagma nominal que é empregado na linguagem menos monitorada (a autora faz uso da expressão “linguagem coloquial”¹⁹), como pronome pessoal (NEVES, 2008, p. 469).

Para Neves (2008, p. 469), o sintagma nominal **a gente** é empregado para fazer²⁰:

(a) referência à primeira pessoa do plural (nós):

(01) Depois a gente conversa.

(b) ou referência genérica, incluindo outras pessoas do discurso:

(02) Dizem que a gente se habitua a tudo...

Já Castilho (2010, p. 477-482), ao descrever o quadro de pronomes pessoais do PB para as seis pessoas do discurso²¹, atenta para a conversão da forma **você>ocê>cê** e para a interpretação dos clíticos **te** e **cê** (**você**) como morfemas prefixais de pessoa no PB informal: **`você vai` > `cê vai`**; **`vocês vão` > `cês vão`**; **`te encontrou` > `tincontrô`**.

Abaixo, podemos visualizar as formas pronominais relacionadas a segunda pessoa do singular nas funções de sujeito e de complemento, nos registros formal e informal do PB, a partir da distribuição proposta por Castilho (2010):

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me, mim, Prep + eu, mim
2ª pessoa sg.	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora	Você/ocê/tu	Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (-docê, cocê)
3ª pessoa sg.	Ele, ela	o/a, lhe, se, si, consigo	Ele/ci, ela	Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela
1ª pessoa pl.	Nós	Nos, conosco	A gente	E gente, Prep + a gente
2ª pessoa pl.	Vós, os senhores, as senhoras	Vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras	Vocês/ocês/cês	Vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ ocês
3ª pessoa pl.	Eles, elas	Os/as, lhes, se, si, consigo	Eles/eis, elas	Eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas

Figura 17: Os pronomes pessoais no PB

Fonte: Castilho (2010, p. 477)

¹⁹ No entanto, é possível encontrar a forma **a gente** também em situações mais formais, principalmente na modalidade falada da língua.

²⁰ Exemplos extraídos de Neves (2008, p. 469).

²¹ Seguindo a distribuição proposta por Câmara Jr. (1976).

Como podemos observar no quadro acima, em sua gramática, Castilho (2010) analisa detalhadamente a reorganização do quadro dos pronomes pessoais em PB, apontando três processos:

(i) criação, substituição e alteração de formas pronominais. Vejamos alguns casos:

1. Primeira pessoa: A forma **nós** tem como forma concorrente o sintagma nominal **a gente**, como se percebe nos exemplos abaixo, retirados de Castilho (2010, p. 478):

(03) **A gente** não está sabendo bem como sair desta.

(04) **Nós** rimos muito ontem à noite, e aí **a gente** começamos a se entender.

2. Segunda pessoa: Na segunda pessoa do singular, **tu** tem sido substituído, em algumas variedades do português brasileiro, por **você**, forma que surgiu por alterações fonológicas na expressão de tratamento **Vossa Mercê**. Conforme o autor, em algumas regiões brasileiras, o tratamento **tu** continua vigente. Nessas regiões, **você** indicaria distanciamento. Usa-se também a forma **senhor**, designada para tratamento cerimonioso.

3. Terceira pessoa: Quanto às mudanças no quadro de pronomes de terceira pessoa, Castilho (2010) destaca: (i) a alteração nas formas **ele/eles** para **ei/eis**, quando na função de sujeito; (ii) o uso de **ele/eles** também como objeto direto; (iii) o desaparecimento das formas **o** e seus alomorfes²²; (iv) a mudança da forma **lhe** para **li**, que funciona como objeto direto; e (v) a grande alteração no quadro de reflexivos. Para Castilho (2010), a perda do clítico **o** é acompanhada de dois ganhos: **ele** e **lhe**, que antes funcionavam como sujeito e objeto indireto, respectivamente, e agora assumem também a função acusativa.

De acordo com o estudioso, ocorrem, ainda, perdas e ganhos no quadro dos pronomes reflexivos. Um exemplo é a perda do reflexivo **SE**, como, por exemplo, com verbo “esquecer”; além da transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoa. Conforme o autor aponta, há uma transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoa, o que já havia sido insinuado “nas entrelinhas do ensaio e Câmara Jr. sobre o clítico *o*” (CASTILHO, 2010, p. 482, grifo do autor). A fim de demonstrar essa postulação, Castilho (2010) apresenta alguns exemplos, como:

(05) Primeira Pessoa - **Prefixos em função de sujeito no PB não padrão**

²² Acreditamos que não houve um desaparecimento dessa forma, no entanto, é notável que o uso do pronome **o** tem sido menos frequente, principalmente em situações menos monitoradas de comunicação.

{e-}: Eu vou > *Evô*

{noi-}: Nós vamos >

noivamo

Bagno (2011), semelhante a Castilho, para sistematizar os indicadores da segunda pessoa nas funções de sujeito e complemento produtivos no discurso menos monitorado do PB, compôs o seguinte quadro.

INDICADORES DA 1ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEMENTO OBLÍQUO	
Sing.	plural	Sing.	Plur.	Sing.	plural	Sing.	Plur.	singular	plural
Eu	Nós	Me	Nos	Me	Nos	Me	Nos	Mim	Nós
Me	A gente	Eu	Nós	A mim	A nós		Se	(comigo)	(conosco)
Mim				Para mim	Para nós À gente			Eu	A gente
				Para cu	Para a gente				

Quadro 3: Indicadores da 2ª pessoa no português brasileiro

Fonte: Bagno (2011, p. 743)

Como podemos verificar, Bagno (2011) reconhece o termo **a gente**, juntamente com outros pronomes tradicionais da língua portuguesa, na posição de sujeito e complemento, com indicadores de primeira pessoa do plural. Cabe mencionar que, para a elaboração das atividades, seguiremos a proposta de Bagno (2011) e os pronomes mais produtivos (mais empregados) pelos alunos.

Vale ainda lembrar, também, a relação entre os sujeitos pronominais de segunda pessoa **tu** e **você** e as estratégias de complementação verbal de segunda pessoa (**te, lhe, a você, para você, contigo, com você**) existentes no PB, o que reforça a observação do uso da forma **você** como pronome pessoal referindo-se à segunda pessoa do discurso.

Desse modo, com base nos estudos supracitados acerca dos usos pronominais no PB, pretendemos analisar os usos dos pronomes pessoais em produções textuais de alunos do sétimo ano, a fim de ilustrar, no contexto de sala de aula, como as observações apontadas por esses estudiosos se fazem presentes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Para atingir nossos objetivos, percorremos as seguintes etapas:

- 1) Revisão teórica sobre o assunto em estudos linguísticos e em gramáticas;
- 2) Análise do Referencial Curricular elaborado pela Secretaria da Educação do Município de Ribeirão Preto sobre ensino de Língua Portuguesa e análise de livros didáticos;
- 3) Elaboração e aplicação da proposta de produção de carta pessoal e de relato pessoal para coleta de dados (Apêndices A e B);
- 4) Análise dos empregos dos pronomes nas produções textuais;
- 5) Elaboração das atividades que compõem o Caderno de Atividades;
- 6) Aplicação e observação das atividades desenvolvidas;
- 7) Elaboração das orientações para os professores e revisão do Caderno de Atividades.

2.1. Métodos adotados

De acordo com Coelho et al (2010), a pesquisa em Sociolinguística, partindo-se inicialmente de uma análise quantitativa, funciona a partir das seguintes etapas:

identifica-se uma variável no uso corrente da língua de uma comunidade; identificam-se, a seguir, as variantes dessa variável; a partir das hipóteses que elaboramos quanto aos fatores que possam estar em jogo no favorecimento ou desfavorecimento das variantes, prossegue-se à coleta e, posteriormente, à análise de dados, para a confirmação ou refutação de nossas hipóteses iniciais. (COELHO et al, 2010, p. 29)

Dessa maneira, em nossa pesquisa, a intenção é observar o emprego dos pronomes pessoais em redações escolares de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Ribeirão Preto – SP, principalmente, em relação às variáveis pronominais de primeira e de segunda pessoas do discurso, a partir da análise do uso das variantes **tu/vós**, **você/vocês**, como segunda pessoa, e **nós** e **a gente**, como primeira pessoa do plural. Para isso, elaboramos e aplicamos uma proposta de produção textual. De posse das redações, analisamos quantitativamente os pronomes ou formas correspondentes encontradas. Em seguida, a partir desses dados, realizamos uma análise qualitativa, que nos auxiliou na construção do Caderno de Atividades.

Bortoni-Ricardo (2008) pontua que a pesquisa qualitativa valoriza o trabalho com variáveis inseridas em um contexto, de modo a favorecer a elaboração de uma pesquisa que trabalhe com a interpretação. A autora afirma que

[...] a pesquisa qualitativa não se propõe testar [...] relações de causa e consequência entre fenômenos, nem tampouco gerar leis causais que podem ter um alto grau de generalização. A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34)

Portanto, a metodologia da pesquisa qualitativa é bastante profícua para esta pesquisa, por haver a valorização da interpretação de dados e da ação do pesquisador em interpretá-los e utilizá-los tanto na elaboração de um plano de intervenção, como na reflexão a respeito das causas e consequências da existência desses dados. A pesquisa qualitativa, então, relaciona-se ao objetivo de analisar os usos dos pronomes pessoais que atuam como segunda pessoa e como primeira pessoa do plural pelos estudantes, bem como ao de conceber uma nova configuração, novas abordagens desse conteúdo.

2.2. A comunidade investigada

Como já mencionado, para elaboração das atividades sobre pronomes pessoais, partimos dos resultados da análise do emprego dos pronomes pessoais em produções textuais escolares de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Ribeirão Preto – SP.

Para isso, a pesquisa foi desenvolvida em uma escola localizada no bairro Ipiranga, zona Norte do referido município, conforme Figura 19 abaixo. Essa instituição oferece cursos de Ensino Fundamental regular (1º a 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos em Ensino Fundamental Termos Anos Iniciais (TAI – 1º a 5º ano) e Termos Anos Finais (TAF – 6º a 9º ano), atendendo cerca de 2600 (dois mil e seiscentos) alunos, distribuídos em três períodos (matutino, vespertino e noturno). O IDEB da escola, em 2015, para os anos finais de Ensino Fundamental, foi de 5,8.

Com relação ao perfil da escola e dos alunos que nela estudam, podemos afirmar que, uma vez que a escola situa-se em uma área central e com uma distribuição de transporte coletivo bastante considerável, há a presença de estudantes que residem em diversos bairros da cidade na referida escola. Dessa maneira, não é possível traçar um perfil exato dos estudantes, uma vez que a comunidade, por ser constituída de diversos bairros do município, não se faz muito presente no contexto escolar, e por haver alunos em diversas situações sociais. Logo, podemos inferir que a escola em que realizamos nossa pesquisa possui um público bastante heterogêneo.²³

²³ Há casos de alunos que vieram de escolas particulares, casos de alunos cujas famílias dependem de auxílios governamentais, casos de alunos que vêm à escola de ônibus, van, trazidos por pais ou taxistas, entre outros, por exemplo.

sociais. É um gênero textual que circula no domínio privado das esferas das atividades humanas (SILVA, 2002, p.98).

Portanto, a carta pessoal apresenta-se como um gênero que pressupõe um diálogo, uma resposta, imaginando-se uma interação entre destinatário e remetente²⁵, havendo entre eles desde uma relação de afetividade comprovada, até o estabelecimento de uma relação de interação (quando se escreve uma carta para conhecer alguém, por exemplo).

Outro aspecto relevante para a adoção do gênero carta pessoal se refere ao fato de que, nesse gênero, pressupõe-se a abordagem de questões particulares, da esfera privada. Dessa forma, ainda que fictícias (caso o estudante queira criar personagens ou máscaras de si mesmo que sejam tanto remetente como destinatário), terão, em seu assunto, conteúdos pessoais, de afetividade e confiança, o que favorece ainda mais a interlocução e, portanto, o uso das formas **você/vocês** e **a gente**.

Com relação ao uso do relato pessoal como instrumento de observação do uso pronominal, isso se faz pertinente porque o relato é um gênero que considera a visão do autor, uma vez que ele não será mero transcritor de um momento vivido, mas um protagonista no ato de recordar. De acordo com Pujadas (2000, p. 127),

La recuperación y gran auge del método biográfico en estos últimos veinte años forma parte de la revalorización del actor social (individual y colectivo), no reducible a la condición de dato o variable (o a la condición de representante arquetípico de un grupo), sino caracterizado como sujeto de configuración compleja y como protagonista de las aproximaciones que desde las ciencias sociales se quiere hacer de la realidad social.²⁶

Assim, podemos considerar que o relato pessoal é um gênero textual bastante importante para a construção ou ratificação da autoestima dos estudantes, de modo que estes percebam como o ato de recordar e de transcrever a memória ultrapassa a noção de registro factual. Dessa maneira, podemos afirmar que esse gênero é uma forma de tornar seu autor protagonista a partir de seu ponto de vista sobre o fato.

Segundo Pollak (1992), há três fatores modificadores da realidade passada que devem ser considerados para que se ocorra uma análise do gênero relato pessoal: primeiro, o relato, por ser expressão de um olhar específico sobre uma situação – e esta pode ser interpretada de diferentes maneiras por diferentes sujeitos, poderá demonstrar mais de uma perspectiva. Em

²⁵ Ainda que nesse caso não ocorra efetivamente o envio da carta, inferimos que o aluno realizaria uma interlocução para o destinatário escolhido.

²⁶ Em tradução livre, “A recuperação e a grandeza do sistema biográfico em estágios mais recentes são parte integrante da revalorização do ator social (individual e coletivo), não se reduzindo à condição de datar o variável (o condicional de representante arquetípico de um grupo), mas se caracterizando como um sujeito de configuração complexa e como protagonista das aproximações que, desde as ciências sociais, se querem fazer da realidade social.”

segundo lugar, deve-se considerar o tempo que separa o momento da elaboração do relato e o momento do acontecimento rememorado. Ainda, os motivos que levam um sujeito a rememorar um determinado fato e os objetivos que o levam a elaborar esse gênero textual devem ser considerados. Por essa razão, observar como esses fatores influenciam o desenvolvimento de um relato pode possibilitar a observação de elementos que auxiliam o entendimento do presente e do passado tanto do escritor, sujeito da enunciação, como do fato rememorado.

O relato pessoal, portanto, mostra-se um instrumento que pode favorecer uma nova visão sobre seu autor, isto é, sobre os alunos. Pretendemos, portanto, utilizar a carta pessoal com o objetivo de analisar as ocorrências de pronomes que se referem à interlocução (como **tu, vocês/você**), enquanto que a aplicação da produção de um relato pessoal se justifica por esse gênero favorecer o uso de formas como **nós** e **a gente**, a fim de que sejam analisados para nossa pesquisa.

A aplicação das propostas ocorreu no segundo semestre de 2017, quando foi retomado o estudo dos gêneros textuais carta pessoal e relato pessoal, a fim de que os alunos se recordassem das características desses textos, através da leitura e interpretação de alguns exemplos presentes tanto no livro didático²⁷, quanto alguns escolhidos pela professora. Em seguida, as propostas textuais foram apresentadas e discutidas com os alunos: primeiramente, aplicamos a proposta da carta pessoal, em que os alunos tiveram cerca de duas aulas para realizarem sua produção; na semana seguinte, em duas aulas novamente, realizamos a aplicação da proposta de produção do relato pessoal.

A proposta de produção de carta pessoal consistia na leitura de quatro textos de apoio: trechos de uma carta de João Cabral de Melo Neto para Mário de Andrade; trecho de carta de Afonso Arinos; uma carta de Jorge Amado; e trechos de correspondência de Guimarães Rosa para Mário de Andrade. Após a leitura, e embasados da noção e das características do gênero, os alunos deveriam redigir uma carta pessoal, de no mínimo vinte linhas, endereçada a um amigo ou parente, na qual ele relatasse acontecimentos referentes ao semestre anterior. Além disso, ele deveria fazer um convite a esse interlocutor, para que ambos fizessem algo juntos, a fim de se usar, mais explicitamente, as formas referentes à primeira pessoa do plural e à segunda pessoa do discurso.

Já a proposta do relato pessoal consistia na leitura de um trecho da obra *O menino no espelho*, de Sabino (2003), mais especificamente do capítulo “Galinha ao molho pardo”; e de

²⁷ O livro adotado pela escola faz parte da coleção *Tecendo Linguagens*, de OLIVEIRA et al (2015)

um relato de Paulo Freire²⁸ intitulado “Que saudade da professorinha”. Em seguida, os alunos deveriam redigir um relato, com no mínimo 25 linhas, que narrasse algum momento marcante vivido por eles nos primeiros anos da escola, rememorando as emoções e sensações experimentadas. Outro aspecto a ser levado em consideração é o fato de que esse texto deveria ser lido ou compartilhado com os colegas, possibilitando-se, assim, o uso mais perceptível da interlocução e dos usos de forma referentes à primeira pessoa do plural.

Após a aplicação das propostas textuais, os pronomes pessoais utilizados pelos alunos foram coletados. A análise foi realizada da seguinte maneira: as cartas foram nomeadas pela inicial C, enquanto que os relatos foram intitulados pela inicial R; cada texto analisado recebeu uma numeração após a letra a que o texto se refere; em seguida, em cada produção foram selecionadas as orações com ocorrências pronominais; ao final, elaboramos duas tabelas, de modo que a primeira contemplava os usos pronominais nas cartas pessoais e a segunda se referindo aos usos nos relatos pessoais²⁹.

Assim, como podemos observar, nossa abordagem é quantitativa – para análise dos pronomes utilizados pelos alunos – e qualitativa. Os dados coletados das propostas de produção textual foram analisados quantitativamente com auxílio dos programas *Word* e *Excel*, *softwares* do sistema operacional *Windows*, que fornece ferramentas para organizar, analisar e interpretar dados. Das quatro funções principais deste aplicativo, as utilizadas foram planilhas (com o uso de fórmulas), banco de dados e gráficos. Após essas tabulações, realizamos a análise qualitativa dos dados, explorando os resultados obtidos, selecionando os componentes principais que podem representar o uso do quadro pronominal pelos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental II.

Destacamos, por fim, que a turma de sétimo ano tem 36 alunos, dos quais 15 entregaram as autorizações. As redações aptas à pesquisa foram numeradas a fim de se facilitar a observação e a análise dos textos.

2.4. Critérios para a análise das ocorrências

Após a entrega das produções textuais, selecionamos os pronomes presentes nos textos dos alunos, considerando as reorganizações do quadro pronominal descritas na seção 1.3 deste trabalho. Ao selecionarmos as ocorrências, separamo-nas, inicialmente, em dois grupos: pronomes na posição de sujeito e pronomes na posição de objeto.

²⁸ A partir de adaptação de proposta elaborada por Dantas (2015)

²⁹ Cabe ressaltar a pertinência da existência de casos em que o sujeito esteve em sua forma desinencial. Ainda que essa elipse não contemple os objetivos da pesquisa, é importante destacar que esses casos foram observados, estando presentes predominantemente em 10 cartas e em 08 relatos.

Com relação à ocorrência de **nós** e **a gente**, analisamos tais dados seguindo os grupos de fatores descritos a seguir:

2.4.1. Variáveis dependentes e variáveis independentes

De acordo com Coelho et al. (2010, p. 26), “variável corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação; variantes são as formas individuais que “concorrem” em uma variável”. Em nossa pesquisa, variantes são as formas de expressão de segunda pessoa e de primeira pessoa, enquanto que as variantes são, respectivamente, as formas **tu/vós/você/vocês** e **nós/a gente**.

Para nossa análise, consideramos, como variáveis independentes³⁰, os seguintes aspectos:

(a) Concordância Verbal: foi observado se ocorreu a concordância ou não, seguindo o que foi postulado por Castilho (2010, p. 411) “a concordância é a conformidade morfológica entre uma classe (nesse caso, o verbo) e seu escopo (nesse caso, o sujeito)”. De acordo com a regra da Gramática Tradicional, o verbo e o sujeito devem concordar em número e pessoa. Assim, observamos as mudanças que podem ocorrer na produção desses alunos conforme a escolha deles pelo uso do pronome **nós** ou de **a gente**, se seguem os padrões normativos ou não.

(b) Paralelismo formal (LOPES, 1998): Com relação à noção de paralelismo, é importante destacar que este ocorre, na fala ou na escrita, a partir da retomada de estruturas referentes aos níveis fonológico, lexical, morfológico, sintático ou semântico. Segundo Silva (1999, p. 69),

O princípio do paralelismo aparece conjugado essencialmente, mas não de modo exclusivo, com uma simetria de construção. Nessa perspectiva, considera-se que o paralelismo canônico (sintático) ocorre quando estruturas gramaticais repetidas em formatos paralelos apresentam determinados pares fixos de palavras e cada membro do par aparece em posição estruturalmente idêntica. O refrão da conhecida canção de Gabriela — Eu nasci assim/ eu brinquei assim / eu vivi assim.. — ilustra o paralelismo sintático canônico.

Nota-se que esse grupo de fatores busca analisar a tendência de o falante repetir uma mesma forma, numa sequência discursiva, seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por

³⁰ Importante destacar que, de acordo com a Sociolinguística (COELHO et al., 2010, p. 28), consideramos variável dependente a própria variável a ser analisada (em nossa pesquisa, os usos de segunda pessoa e de primeira pessoa do plural), enquanto que as variáveis independentes são os grupos de fatores a serem analisados dentro da variável dependente estudada.

influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos. Com relação ao estudo do pronome temos, como exemplo³¹:

(06) "Eh, dizem, dizem, os nutrólogos, né, que **nós** somos um povo que pior comem, né? “*Nós*” não sabemos nos alimentar, né? E é, e é verd... e é real porque **a gente** não tem um mínimo, **a gente** não tem a mínima preocupação com a comida..." (Inquérito 050, Rio de Janeiro / LOPES, 1998, grifos da autora).

No exemplo, podemos observar que o usuário escolhe o pronome **nós** (1ª referência) para designar o brasileiro em geral, incluindo-se nesse contexto. Na sequência do discurso, utiliza novamente o **nós** - precedido de **nós** (repete a forma). Utiliza depois duas vezes **a gente**, o primeiro antecedido por **nós** e o segundo precedido por **a gente** (repete a forma).

Assim, nesse item, analisamos como os pronomes aparecem: se há um caso apenas e a referência passa a ser elíptica, ou se ocorre uma retomada da forma pronominal utilizada em forma de paralelismo. Para isso, observamos o Referência 1 (primeira aparição do pronome) e o Referência 2 (a retomada do Referência 1).

(c) Traço semântico do referente (“[+] ou [-] eu-ampliado”): analisamos nossas ocorrências seguindo esquemas propostos em outros trabalhos (cf. LOPES, 1998), baseados em dois extremos: o grau máximo de inclusão do **eu** ([+] ampliado) e o grau mínimo de inclusão do **eu** e o grau máximo de inclusão de outro ou outros ([-] ampliado).

Já para as variáveis **você** (e **tu**, caso fosse encontrado), investigamos o **traço semântico do referente (“[+] ou [-] eu-ampliado”)**, ou seja, investigamos se o **você/tu** é menos ampliado, direcionado a uma única segunda pessoa do discurso, como em “Você vai ao cinema comigo”, ou se o **você** tem sentido mais amplo, referindo-se a vários **vocês**, ou seja, a várias pessoas implicitamente, como em:

(07) Vem pra Caixa **você** também (Você = pessoas que veem ou escutam a propaganda, possíveis clientes do banco)

Segundo Neves (2008), pode ocorrer, ainda, situações em que o **você** não se refira a um falante específico, havendo, segundo a estudiosa, uma indeterminação:

³¹ Exemplo extraído de Lopes (1998).

(08) **VOCÊ** vai lá, fica dois dias fazendo curso, eles te catequizam, fazem **VOCÊ** comprar uma tonelada de sabão e abrir o seu negócio.³²

Após a análise das ocorrências a partir dos grupos de fatores descritos, foram criados gráficos contendo os resultados mais relevantes para a nossa pesquisa. Para facilitar a interpretação estatística dos dados, foram utilizados tabelas e gráficos a partir dos *softwares Microsoft Word e Excel*.

Em seguida, partindo dos resultados obtidos, elaboramos um **Caderno de Atividades**, destinado aos alunos, e um **Manual para o Professor**, os quais procuram promover o ensino do novo quadro pronominal do PB, incluindo as formas **a gente** e **você(s)**. Pretendemos, portanto, realizar uma nova abordagem dos pronomes pessoais para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental. Ao final, esperamos que ocorra a elaboração, por parte de professor e alunos, de novos quadros pronominais, os quais contemplem tanto a norma culta quanto as outras normas utilizadas em diversos contextos de comunicação.

É relevante mencionar ainda que, após a elaboração do Caderno de Atividades, ao aplicá-los em sala de aula, realizamos a análise de conteúdo, seguindo a proposta de Minayo (2007), buscando interpretar nossas percepções sobre o nosso objeto de estudo. Assim, neste trabalho, é possível observar que o método qualitativo foi utilizado para o aprofundamento de estudos quantitativos.

³² Exemplo extraído de Neves (2008)

3. ANÁLISE DO EMPREGO DOS PRONOMES

Após a aplicação das propostas das redações, coleta dos termos de autorização dos responsáveis legais dos alunos e seleção dos empregos dos pronomes pessoais (na posição de sujeito), apontamos os resultados descritos a seguir.

3.1. Levantamento de usos nas Cartas Pessoais

A partir da elaboração das redações do gênero carta pessoal, chegamos aos seguintes resultados, para os pronomes na posição de sujeito:

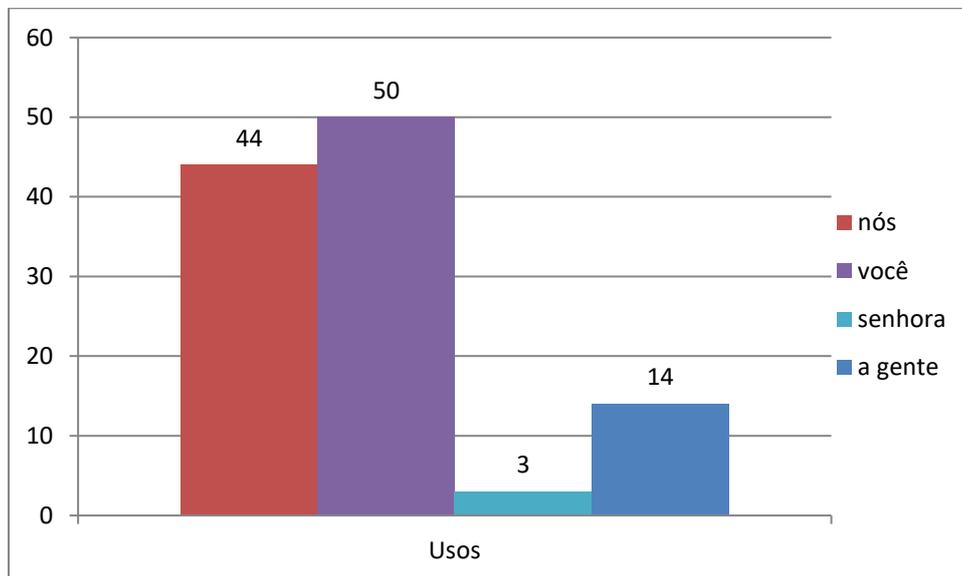


Gráfico 1: Usos pronominais na posição de sujeito nas cartas pessoais

Fonte: as autoras

Como podemos evidenciar no Gráfico 1, nas cartas pessoais, foi possível observar a predominância do uso de **você** como pronome pessoal direcionado à segunda pessoa, não havendo explicitamente a ocorrência de **tu**. Outro dado observado foi o uso mais frequente do pronome **nós** em comparação com a forma **a gente**.³³

Interessante comentar que encontramos alguns usos do pronome pessoal oblíquo **te** (**04 ocorrências**) em referência a segunda pessoa do discurso. Sobre uso de **te**, cabe relembrar

³³ Além desses dados, uma observação digna de nota foi a ocorrência de vinte e dois casos em que o pronome **nós** apareceu implicitamente. Esse dado é relevante no que diz respeito aos recursos coesivos adotados pelos estudantes em suas produções, isto é, podemos inferir que muitos optam pelo uso do **nós** em vez de **a gente** pelo fato de não precisarem repetir a primeira forma tanto quanto a segunda, uma vez que o verbo conjugado na primeira pessoa do plural só pode se relacionar ao pronome **nós**. Ainda assim, é possível notar ambos os usos nas cartas pessoais, ou seja, mesmo implicitamente, o **nós** não excluiu o uso de **a gente**.

ainda que estudos linguísticos à luz da Teoria da Variação e da Mudança, sob a orientação teórico-metodológica laboviana, (LOPES et al., 2011c; MARCOTULIO, 2010; RUMEU, 2013; etc), já apontaram a produtividade do **te**, seja como complemento dativo ('o prêmio **te dá** água na boca'), seja como complemento acusativo ('o presente **te deixa** com lágrimas nos olhos'), já na escrita íntima brasileira de fins do século XIX. Nesse sentido, entende-se que o **te** representa uma evidência da resistência do uso pronominal de segunda pessoa do singular, ainda que isso ocorra na posição objeto e não na posição sujeito analisada em nossa pesquisa. Dessa maneira, ainda que a forma **tu** não esteja presente nas produções analisadas, é importante destacar que o pronome **tu** ainda persiste no sistema pronominal do PB, tanto no espaço mineiro de expressão linguística em que o **você** prevalece como pronome-sujeito de segunda pessoa, quanto no espaço carioca em que **tu** e **você** disputam o mesmo espaço funcional como pronomes-sujeito de segunda pessoa. (LOPES et al., 2011)

Em nossa pesquisa, entretanto, para expressar a ideia de complemento do verbo³⁴, os alunos optaram, em sua maioria, pela forma **preposição+você (06 ocorrências)**, como em:

(08) [...] escrever **para você** e demonstrar o quanto amo você.

(09) Você viu as fotos que mandei **pra você**?

(10) Tchau, Marcelo. **Espero você**.

(11) [...] ela fala **com você** [...]

Com relação aos usos mais ou menos ampliados da forma **você**, nas cartas analisadas, só foram encontrados casos do uso menos ampliado dessa forma, uma vez que a proposta de produção textual pedia uma interlocução explícita com uma pessoa. Dessa maneira, o uso do pronome **você** referiu-se somente ao interlocutor direto da carta, isto é, ao destinatário.

Outro ponto a ser destacado foi o uso, em uma carta, da forma **a senhora**. Cabe lembrar que Castilho (2010) considera as formas **o senhor/ a senhora** dentro do quadro pronominal. Essa forma **a senhora** ocorreu porque a interlocutora da carta era a avó do estudante, o que demonstra um tratamento respeitoso, e não de distanciamento, entre os interlocutores – tanto que há um uso redundante da forma oblíqua **te**, o que reforça essa afetividade entre avó e neto.

³⁴ Nossa pesquisa tem como intento observar os usos dos pronomes como sujeito das orações. No entanto, foi possível observar o uso de pronomes pessoais atuando como objetos direto ou indireto. Nas ocorrências analisadas, notamos que houve o uso de pronomes pessoais utilizados como complementos verbais (**te, me, se, etc**) para indicar objetos diretos, enquanto que, para indicar a interlocução em objeto indireto, houve o uso de **você+preposição**.

- (12) [...] vou ver a senhora
 (13) vou te ensinar a senhora jogar
 (14) a senhora deve estar

No que se refere ao uso da primeira pessoa do plural, há a predominância da forma **nós**, havendo casos em que só esse pronome aparece – em outros, porém, as formas **nós** e **a gente** aparecem concomitantemente, havendo ou não mistura entre flexão verbal e forma pronominal. É possível inferir que o domínio do uso de **nós** pode ter ocorrido por causa das ocorrências de situações com sujeito elíptico, indicando que o uso da forma verbal pressupõe a forma pronominal referida – o que não ocorre com a expressão **a gente**, que deveria ser referida pelo autor ao menos uma vez, a fim de que o leitor percebesse o sujeito elíptico, e não confundisse a forma verbal em terceira pessoa com as referências pronominais **ele/ela** ou **você**.

Em relação aos grupos de fatores, temos os resultados (número de ocorrências) :

	Presença de CV	Ausência de CV
NÓS	28	16
A GENTE	13	01
TOTAL	41	17

Tabela 1: **nós/a gente** vs. concordância verbal

Fonte: As autoras

Outra ocorrência observada, ainda que não esteja diretamente relacionada à variável de concordância verbal, mas que se refere à ideia de concordância, ocorre na relação entre pronome oblíquo e verbo: foram 04 ocorrências de uso de pronome oblíquo em terceira pessoa e verbo em primeira pessoa do plural, conforme o exemplo:

- (15) Nós se divertimos muito.

Convém ressaltar que não iremos explorar, por ora, essas observações referentes aos pronomes oblíquos, uma vez que o foco da pesquisa concentra-se nos usos dos pronomes pessoais.

Outra análise foi:

	Referência 1	Referência 2
NÓS	27	17
A GENTE	10	04
TOTAL (nº de ocorrências)	37	21

Tabela 2: **nós/a gente** vs. paralelismo formal

Fonte: As autoras

Foi possível observar que, no caso de **nós**, não houve muitas ocorrências de Referência 2 pelo fato de ter havido o uso elíptico do pronome. Dessa maneira, muitas cartas iniciavam-se com a forma verbal em primeira pessoa do plural, sem necessariamente se fazer menção ao pronome **nós**. Podemos notar, ainda, que no caso de **a gente** o paralelismo esteve mais presente, uma vez que se mencionava a forma antes do verbo e, dessa maneira, repetia-se o uso de **a gente** para evitar a confusão com o sujeito da forma verbal em terceira pessoa do singular **ele/ela**, por exemplo.

Por fim, analisamos, ainda, das ocorrências de **nós** e **a gente**, o traço semântico do referente (“[+] ou [-] eu-ampliado”), conforme tabela abaixo:

	[+] ampliado	[-] menos ampliado
NÓS	28	16
A GENTE	02	12
TOTAL	30	28

Tabela 3: **nós/a gente** vs. valores semânticos das formas

Fonte: As autoras

Podemos observar a predominância do uso mais ampliado da formas **nós**, provavelmente devido à interlocução direta proposta pelo gênero carta textual, explicitando-se majoritariamente um diálogo entre **eu+outro**, nesses casos. Foi possível, porém, notar alguns usos mais ampliados, principalmente com o uso da forma **a gente**, os quais ocorreram no sentido de se referir à família ou a um grupo de pessoas, como nos exemplos abaixo:

- (16) Nós também perdemos o jogo
- (17) Então nós chegaremos aí
- (18) eu e o Zé estamos vendo de comprar

Observamos, portanto, que, nas cartas pessoais, não houve o uso do pronome **tu** pelos estudantes, o que demonstra que nas variedades utilizadas por eles não ocorre, como em outras variedades, a concomitância entre **você** e **tu** para se referirem à segunda pessoa. Com relação à variável do uso da primeira pessoa do plural, notamos o uso paralelo de **nós** e **a gente**, ainda que a primeira forma esteja em predominância³⁵.

3.2. Levantamento de usos nos Relatos Pessoais

A partir da elaboração das redações do gênero relato pessoal, chegamos aos seguintes resultados, para os pronomes na posição de sujeito:

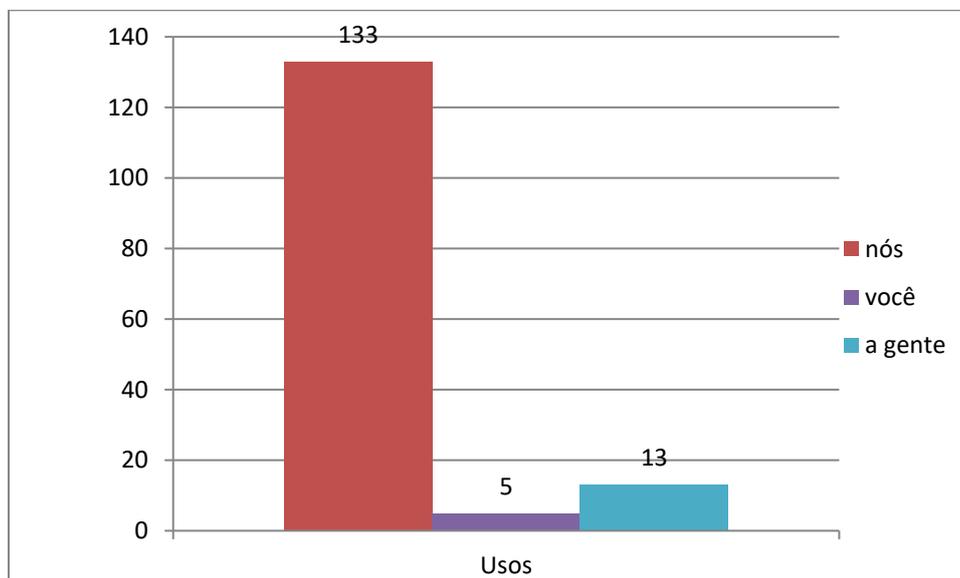


Gráfico 2: Usos pronominais em relatos pessoais

Fonte: as autoras

Com relação aos relatos pessoais, foi possível perceber que certos usos não ocorreram como esperado, uma vez que os alunos não compreenderam que o texto seria lido para os colegas, e que eles poderiam recorrer à interlocução. Além disso, muitos relataram situações que ultrapassaram o ambiente escolar, ou relataram acontecimentos vividos com outros colegas em outra escola. Ainda, para muitos, a ideia de que o relato poderia conter diálogos e interlocuções não foi plenamente assimilada, por isso os textos possuem essencialmente a voz

³⁵ Interessante destacar que os resultados observados não reproduzem um padrão, nem uma realidade, uma vez que existe o uso de **tu** em outras variedades de nossa língua (cf. FLECK, 2016), e existem pesquisas que apontam o uso predominante de **a gente** em comparação ao **nós** (cf. MOURA, 2015 e SMANIOTTO, 2010). É possível que a predominância do **nós** em nossa análise decorra do fato de que a produção foi realizada no contexto escolar e, por esse motivo, houve um monitoramento maior por parte dos alunos no momento de redigir o texto. Ainda assim, os dados encontrados são pertinentes a nosso estudo das variantes utilizadas para as variáveis de segunda pessoa e de primeira pessoa do plural analisadas.

do narrador. No entanto, com relação aos usos referentes ao “eu+outro”, foi possível obter resultados passíveis de análise³⁶.

Consideramos, nesse caso, no entanto, que a aplicação dos textos obteve êxito, uma vez que, no que se refere à interlocução, com a aplicação das cartas, foi bastante visível a ocorrência de **você** em todos os textos, sem paralelo algum com o **tu**, ressaltando-se somente o uso, em alguns casos, do pronome oblíquo **te**, mas, ainda assim, dialogando com o pronome **você**. Foi possível identificar, também nessas produções, o predomínio do pronome **nós**, ainda que houvesse uso da forma **a gente** (grafada como “agente”), como nos exemplos retirados de R2:

(19) agente foi se aproximando

(20) agente virou melhores amigas

Infer-se que o uso expressivo da forma **nós** se deve, mais uma vez, à facilidade de identificação do sujeito, fato que pode ser explicado por mais da metade dos usos de primeira pessoa do plural se referirem a situações elípticas, bem como pelo fato de que a supressão da forma **a gente**, sem ter havido pelo menos uma ocorrência, não indicaria exatamente a qual sujeito o verbo se refere.

Com relação ao **traço semântico do referente** (“[+] ou [-] eu-ampliado”) para as formas **nós** e **a gente**, foi possível observar, conforme tabela abaixo:

	[+] ampliado	[-] menos ampliado
NÓS	21	112
A GENTE	06	07
TOTAL	27	119

Tabela 4: **nós/a gente** vs. valores semânticos das formas

Fonte: As autoras

Assim como na carta pessoal, houve, nos relatos pessoais, a predominância das formas menos ampliadas, uma vez que os estudantes escreveram um relato pensando em um colega/amigo/parente específico e, desse modo, o uso de **nós** e **a gente** refletiria a relação eu+outro. Com relação aos casos das formas mais ampliadas, foi possível perceber que isso se

³⁶ Dessa maneira, notamos que não houve, nos relatos, dados consistentes para se comparar as noções de [+ampliado] ou [-ampliado] do pronome **você**, uma vez que as cinco ocorrências desse pronome encaixam-se mais na noção de [+ampliado]. Tal resultado pode ser interpretado visto que, em muitos casos, o relato pessoal não se dirige a um leitor específico. Assim, os alunos, seguindo a orientação geral do gênero trabalhado, não realizaram a interlocução direta, isto é, [-ampliada], em seus textos.

deveu ao fato de **nós** e **a gente** referirem-se a um grupo maior de pessoas, conforme os exemplos abaixo:

- (21) Eu, a Isabela e a Giovana fomos passear
- (22) [...] eu e uma amiga tocamos no assunto
- (23) [...] perdemos um jogo
- (24) agente (sic) ganhou [...] recebemos a medalha

No que se refere à concordância, encontramos os seguintes dados:

	Presença de CV	Ausência de CV
NÓS	129	04
A GENTE	10	03
TOTAL	139	07

Tabela 5: **nós/a gente** vs. Concordância verbal

Fonte: As autoras

Percebemos que ocorreu a concordância verbal na maioria dos dados observados, tanto em casos com o pronome aparecendo explicitamente, como nos casos elípticos. Nota-se, portanto, que os alunos realizaram a referência entre sujeito e verbo.

Com relação ao paralelismo, podemos observar os seguintes dados:

	Referência 1	Referência 2
NÓS	48	85
A GENTE	08	05
TOTAL	56	90

Tabela 6: **nós/a gente** vs. Paralelismo formal

Fonte: As autoras

A partir da tabela acima, é possível verificar uma ocorrência maior de casos de Referência 2, principalmente no que se refere ao uso do pronome **nós**. Isso é possível porque, nos relatos dos alunos, houve a produção de parágrafos extensos, nos quais a referência pronominal ocorria logo no início e, no decorrer do parágrafo, realizava-se a referência ao termo anterior, seja de forma explícita ou implícita. Houve, ainda, casos em que a mudança de referência era mais comum devido ao fato de ora o texto utilizar o pronome **nós**, ora utilizar a expressão **a gente**, como nos exemplos retirados da R14:

(25) Nesse dia a gente estava morrendo de medo porque nós íamos jogar contra o 7º ano. A gente estava com medo de perder e passar vergonha.

Assim, esses resultados nos auxiliaram na elaboração das atividades destinadas a esse mesmo público (alunos de sétimo ano), o que resultou em um caderno de atividades que pretende contemplar os usos pronominais referentes às pessoas do discurso, segundo tanto a gramática normativa quanto as variedades não contempladas pela perspectiva gramatical.

Como já mencionado, após essas etapas, elaboramos um **Caderno de atividades** e um **Manual para o professor**, que consideraram o ensino do novo quadro pronominal do PB. Pretendemos, portanto, realizar uma nova abordagem dos pronomes pessoais para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental. Ao final, esperamos que ocorra a elaboração, por parte de professor e alunos, de novos quadros pronominais, os quais contemplem tanto a norma culta quanto as outras variedades linguísticas menos prestigiadas no ambiente escolar.

4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: O CADERNO DE ATIVIDADES E O CADERNO DE ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR

A partir da coleta e análise dos dados extraídos dos textos dos alunos, iniciamos, então, a criação e a aplicação de um caderno de atividades, inicialmente delineado pelo plano de intervenção elaborado no primeiro semestre de 2017³⁷. Além disso, junto com o **Caderno de atividades**, realizamos a criação de um **Caderno de orientações ao professor**, isto é, um Manual para o Professor.

Acreditamos que, seguindo Faraco (2008, p. 163), o melhor caminho para se atingir o domínio da(s) norma(s) culta(s) “seja o contato direto e sistemático com a língua viva e com textos oriundos das mais diversas fontes, em particular dos meios de comunicação social (revistas e jornais); e, claro, com os textos literários.”.

4.1. A estrutura do Caderno de atividades

O **Caderno de atividades** reúne atividades elaboradas a partir de textos de diferentes gêneros, os quais envolvem situações nas quais é possível verificar o uso dos pronomes pessoais. Foram escolhidos textos como letras de canções, propagandas de determinados períodos históricos e referentes a diferentes localidades, poemas, publicações em redes sociais, dentre outros.

O viés do caderno consiste em apresentar atividades epilinguísticas, isto é, que trabalhem com a reflexão da linguagem. Segundo Travaglia (2001, p. 34),

As atividades epilinguísticas são aquelas que suspendem o desenvolvimento do tópico discursivo (ou do tema ou do assunto), para, no curso da interação comunicativa, tratar dos próprios recursos lingüísticos que estão sendo utilizados, ou de aspectos da interação. (...) A atividade epilingüística pode ser ou não consciente. Se pensamos que inconsciente se relaciona com a gramática de uso, se consciente parece se aproximar mais da gramática reflexiva, todavia, de qualquer forma há uma reflexão sobre os elementos da língua e de seu uso relacionada ao processo de interação comunicativa.

O caderno, nesse sentido, contém atividades que são divididas a partir da abordagem dos pronomes pessoais e formas pronominais que atuam como pronomes pessoais. No total, elaboramos catorze atividades: as duas primeiras abordam noções de variedades linguísticas de modo geral; as atividades 3 e 4 abordam o uso do pronome **tu**; as atividades de 5 a 8 trabalham com o uso do pronome **vós**; a proposta 9 utiliza textos dos estudantes a fim de que

³⁷ Conferir Apêndice C.

haja a reflexão acerca do uso dos pronomes de tratamento **senhor/senhora/senhorita**; já as atividades 10, 11 e 12 abordam os usos de **você** e **a gente**, a partir das variáveis [+ampliado] ou [-ampliado]; enquanto a proposta 13 faz um apanhado geral de diversos usos dos pronomes **tu**, **a gente** e **nós**. Ao final, a atividade 14 propõe a construção, pelo aluno, de um quadro pronominal a partir das reflexões realizadas.

O objetivo do caderno de atividades é, portanto, apresentar algumas propostas de abordagem dos pronomes pessoais de uma maneira que extrapole o conteúdo explorado em gramáticas e livros didáticos, a fim de que o aluno observe os usos pronominais referentes ao seu cotidiano sem deixar de ter ciência da existência e da importância de se estudar a norma culta, através de pronomes pouco comuns em suas variedades linguísticas (como, no caso dos estudantes de Ribeirão Preto – SP, o pronome **tu**), mas que também fazem parte de nossa língua³⁸.

Com relação à elaboração das atividades e de seu respectivo caderno, realizamos as seguintes etapas: inicialmente, procuramos textos como letras de canções e anúncios publicitários a partir dos quais seria possível trabalhar o uso dos pronomes pessoais; em seguida, analisamos as produções, com o intuito de utilizarmos alguns trechos em atividades do Caderno; depois, observamos a pertinência das escolhas realizadas na primeira etapa, o que nos levou a alterar, substituir ou acrescentar algumas questões; ao final, aplicamos a maior parte das questões elaboradas para o Caderno de Atividades e, a partir dessa aplicação, pudemos modificar e adaptar os textos e questões elaborados, a fim de finalizarmos nossa produção.

Pretendemos, em seguida, apresentar algumas atividades que foram aplicadas em sala de aula e que chamaram a atenção dos alunos, com o intuito de justificar alguns de nossos objetivos, ou seja, como abordamos o uso das formas **tu**, **você**, **nós**, **a gente**, **vós** nas propostas desenvolvidas; bem como de exemplificar como algumas atividades foram elaboradas e aplicadas. Apresentamos, ainda, um exemplo de atividade comentada presente no Caderno de orientações ao professor, com a intenção de exemplificar como os apontamentos para o docente foram realizados nesse caderno.³⁹

³⁸ Importante frisar que o pronome **vós**, ainda que praticamente ausente nas normas utilizadas pelos falantes de nossa língua, ainda está presente em diversos textos escritos, e representa um uso presente em variedades utilizadas em contextos passados, como nos séculos XVII e XVIII, e ainda pode ser encontrado em textos bíblicos, por exemplo.

³⁹ O Caderno de atividades e o Caderno de orientações ao professor completos estão disponíveis nos Apêndices E e E da dissertação.

4.2. Exemplos de atividades aplicadas que compõem o Caderno de atividades

Um dos exemplos ilustrados abaixo é a atividade 4, a qual utiliza-se de um anúncio publicitário da cerveja “Polar”, conhecida nacionalmente, mas bastante consumida na região Sul do Brasil, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul. A partir do texto, os alunos deveriam refletir sobre o uso do pronome **tu**.

Primeiro exemplo de proposta: atividade 4

Observe a propaganda abaixo e responda:



Disponível em <http://infoligeiro.blogspot.com.br/2011/07/gaucho-sem-modestia.html>

- Qual o pronome pessoal utilizado na propaganda? Em sua variedade linguística, é comum o uso desse pronome? Se não, qual você usaria no lugar?
- Qual variedade linguística foi empregada nesse texto? Justifique com exemplos de palavras do anúncio.
- A partir do texto presente no anúncio, é possível entender por qual motivo essa forma pronominal foi empregada. Explique por que esse pronome foi utilizado, considerando-se a variação linguística a que ele se refere?
- De acordo com a gramática normativa, a correspondência entre pronome e verbo está adequada? Como deveríamos relacionar pronome e verbo em conformidade com a norma culta?
- É possível afirmar que, de acordo com a variedade linguística empregada, o texto está adequado? Por quê?

A partir do anúncio e das questões propostas, os alunos puderam discutir acerca do uso do pronome **tu**. No decorrer da atividade, houve uma discussão a respeito da funcionalidade do pronome **tu** na variedade linguística usada em Ribeirão Preto e em locais em que os

estudantes já estiveram. Foi possível perceber que alguns conheciam pessoas que utilizavam esse pronome, ainda que a grande maioria se referisse ao outro usando o pronome **você**.

Outro aspecto pertinente a ser destacado é a presença da interjeição “tchê” no anúncio, de modo que muitos dos alunos apontaram que conheciam essa expressão e que ela, assim como o uso do pronome **tu** e do adjetivo “gaúcho”, remetiam ao universo do Rio Grande do Sul.

Assim, a aplicação da atividade acima foi interessante para que os estudantes refletissem sobre a sua variedade linguística a partir de uma variedade geográfica diferente, reforçando-se a noção de que existem vários falares dentro da Língua Portuguesa e de que cada um é adequado para determinadas situações e lugares.

Segundo exemplo de proposta: atividade 6

O segundo exemplo de atividade procurou utilizar textos presentes na internet com o intuito de resgatar o uso do pronome **vós**, a fim de que os estudantes notassem que, embora esse pronome não faça parte de seu cotidiano, ainda está presente em determinadas situações de comunicação e, dessa maneira, não poderia ser esquecido ou desmerecido pelos falantes.

A atividade apresentava a estrutura descrita abaixo:

Meme, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, é uma palavra cuja origem vem do grego *mímena*, com sentido de “imitação, imagem”. Segundo o dicionário, o verbete pode significar:

“1. Informação visual ou textual que se espalha pela rede; 1.1 (freq.) crítica humorística sobre fato ou pessoa que foi notícia.”. (disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1> Acesso em outubro/2018)

Posto isso, observe os memes abaixo e responda:



Não só bebereis, como me afogareis kkkk



a) É possível perceber que, no que se refere à linguagem verbal, há o uso de expressões que fazem intertextualidade, isto é, dialogam, com outros textos bastante conhecidos em nossa sociedade. Essas expressões podem ser encontradas em qual tipo de texto?

b) Observe que a conjugação do verbo “beber”, no primeiro meme, relaciona-se à forma “eu”. No entanto, de acordo com a norma culta, com qual forma pronominal esses verbos se relacionam?

c) O uso dessas formas verbais que ocorrem em “deixar” e “beber”, nos memes acima, é frequente em sua variedade linguística? Como ficariam os enunciados dos memes caso utilizássemos as formas verbais mais comuns do cotidiano dos falantes de Língua Portuguesa?

d) Podemos dizer, a partir da leitura desses textos, que os usos dos verbos referentes ao “vós” (segunda pessoa do plural) estão extintos e não fazem mais parte de nossa língua. Deveríamos, então, deixar de estudá-los?

As respostas referentes à atividade supracitada foram interessantes, uma vez que o uso do meme da internet chamou bastante a atenção dos alunos, de modo que muitos deles conseguiram observar que produções cotidianas poderiam ser analisadas linguisticamente, fazendo-se com que a interpretação textual e a reflexão com viés linguístico se tornassem mais atrativas para eles.

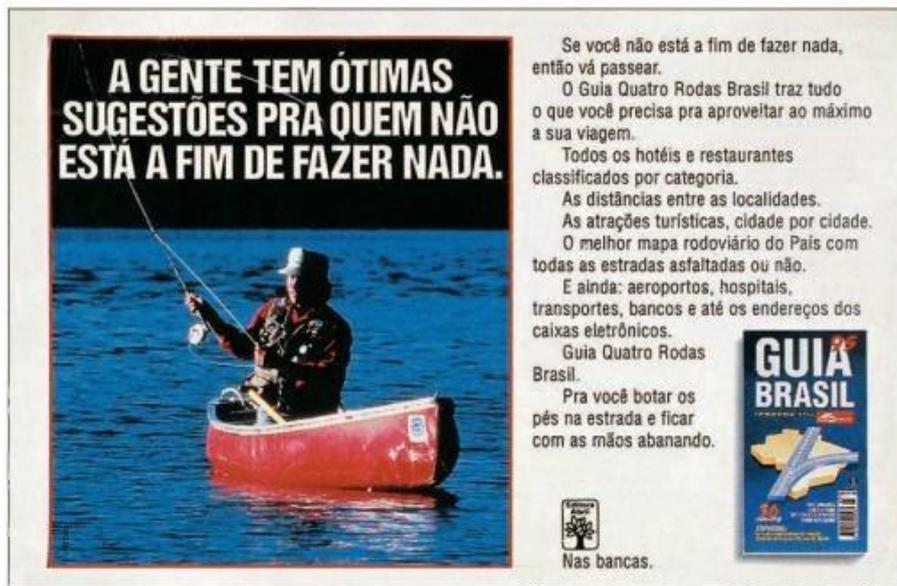
Além disso, a maioria dos alunos conseguiu notar a intertextualidade com o texto bíblico (oração “Pai Nosso”) e com o provérbio “Não digas que desta água não beberás”, o

que gerou uma discussão interessante, pois muitos puderam perceber que é possível estabelecer diálogos entre produções mais recentes com textos menos frequentes ou mais antigos para o contexto do estudante.

Terceiro exemplo de proposta: atividade 10

Outro exemplo de atividade partiu da análise de um anúncio publicitário publicado na revista *Veja*, com o intuito de os alunos observarem as formas pronominais apresentadas e quais seriam as intenções do anunciante em utilizá-las, pensando-se no gênero textual e na revista em que texto circulou. Dessa maneira, os estudantes puderam pensar a respeito da ideia de reprodução de uma linguagem que emulasse uma proximidade entre anunciante e leitor, a fim de convencer o segundo a adquirir o produto anunciado.

Leia o anúncio abaixo e responda:



A GENTE TEM ÓTIMAS SUGESTÕES PRA QUEM NÃO ESTÁ A FIM DE FAZER NADA.

Se você não está a fim de fazer nada, então vá passear.

O Guia Quatro Rodas Brasil traz tudo o que você precisa pra aproveitar ao máximo a sua viagem.

Todos os hotéis e restaurantes classificados por categoria.

As distâncias entre as localidades.

As atrações turísticas, cidade por cidade.

O melhor mapa rodoviário do País com todas as estradas asfaltadas ou não.

E ainda: aeroportos, hospitais, transportes, bancos e até os endereços dos caixas eletrônicos.

Guia Quatro Rodas Brasil.

Pra você botar os pés na estrada e ficar com as mãos abanando.

GUIA BRASIL

Nas bancas.

(*Veja*, ano 28, nº 18.)

Disponível em <http://diogoprofessor.blogspot.com.br/2014/01/atividades-sobre-pronomes-indefinidos-e.html>

a) Quais as formas pronominais utilizadas no texto acima? Elas fazem parte da classificação dos pronomes pessoais encontrada nas gramáticas ou em nossos livros didáticos? Explique.

b) Levante interpretações: por que o anúncio da revista *Guia Brasil* utilizou formas pronominais cotidianas, isto é, comuns em diversas variedades linguísticas em nosso idioma? Por que não se optou pelos usos pronominais presentes na maioria das gramáticas e dos livros didáticos?

c) O anúncio acima foi publicado na revista *Veja*, em 1995. Considerando-se o alcance nacional da revista e a data em que a propaganda foi publicada, o que podemos interpretar a respeito do uso das formas **você** e **a gente**? Elas são usadas e facilmente interpretadas pelos leitores brasileiros? Se sim, isso quer dizer que o anúncio conseguiu atingir a sua intenção? Por quê?

Nessa atividade, pretendeu-se que os alunos observassem a diferença entre norma culta e variedades linguísticas, a fim de ponderarem sobre o fato de que os usos presentes nas gramáticas normativas estão sendo suplantados por outras formas, de modo que **você** e **a gente** fazem parte de construções textuais destinadas a meios de comunicação cujo alcance abrange diferentes classes sociais em diferentes localidades. Assim, os alunos perceberam que a expressão **a gente**, cuja função ainda se mostra pouco explorada em diversas gramáticas normativas, faz parte não só do cotidiano oral dos falantes de nossa língua, como já está presente em textos escritos com alcance nacional. Dessa maneira, foi possível que houvesse a reflexão sobre a importância do uso para a efetivação da expressão **a gente** como sinônimo de **nós** em nossa língua.

Quarto exemplo de proposta: atividade 11

Outro exemplo é a canção de Lulu Santos, “Toda forma de amor”, a qual possui as formas **você** próxima a formas oblíquas na segunda pessoa do discurso e **a gente** próxima a formas verbais em primeira pessoa do plural, realizando um recorte de dizeres comuns a algumas variedades de nossa língua. A partir da letra da canção, os alunos puderam refletir sobre esses usos que se referem às pessoas do discurso, sobre a relação de proximidade e afetividade estabelecida por essas marcas. Além disso, faz-se pertinente, por meio desse texto, pensar no aspecto semântico da expressão **a gente** não só como marca de “eu+outro”, mas como ideia de “as pessoas”, de modo geral, por exemplo.

Observe a letra da canção abaixo, do músico Lulu Santos:

Toda Forma de Amor

Lulu Santos

Eu não pedi pra nascer
 Eu não nasci pra perder
 Nem vou sobrar de vítima
 Das circunstâncias

Eu tô plugado na vida
Eu tô curando a ferida
Às vezes eu me sinto
Uma mola encolhida

Você é bem como eu
Conhece o que é ser assim
Só que dessa história
Ninguém sabe o fim

Você não leva pra casa
E só traz o que quer
Eu sou teu homem
Você é minha mulher

E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor

Eu não pedi pra nascer
Eu não nasci pra perder
Nem vou sobrar de vítima
Das circunstâncias

Você não leva pra casa
E só traz o que quer
Eu sou teu homem
Você é minha mulher

E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor.

a) A partir da letra da canção acima, podemos destacar quais usos de pronomes e formas pronominais?

b) É possível dizer que nessa canção há um uso mais formal ou mais informal da Língua Portuguesa? Explique com exemplos.

c) Com relação à expressão **a gente**, podemos interpretá-la como um uso de indicação de “eu+outro” (assim como o pronome **nós**), ou como uma expressão singular que indica as pessoas de um modo geral (gente, o ser humano). Nessa canção, é possível afirmar à qual interpretação o eu-lírico se refere, ou ambas podem ser aceitas? Explique.

d) Por que Lulu Santos, o autor da canção, fez essa opção, ou seja, com qual intenção comunicativa ele escolheu determinados pronomes e formas pronominais?

Um aspecto pertinente a ser apontado sobre a atividade acima refere-se à dificuldade em elaborar um enunciado que estivesse bastante claro para os alunos. Em muitos momentos foi necessário alterar os enunciados das questões, principalmente no item “c”, o qual aborda a visão [+ampliada] da expressão **a gente**: muitos estudantes tiveram dificuldade em compreender essa interpretação de que a expressão pode se referir às pessoas de um modo geral, não necessariamente de uma ideia restrita de “eu+outro”. No entanto, graças às demais atividades e explicações a respeito da semântica da expressão **a gente**, foi possível que os estudantes conseguissem interpretar o uso dela na letra da canção.

Ao aplicar a atividade 11 também foi interessante notar que os alunos conseguiram observar os usos dos pronomes de modo geral, uma vez que apontaram, no item “a”, a presença de outros pronomes, fossem eles pessoais, indefinidos ou possessivos. Além disso, foi possível refletir acerca da linguagem empregada na letra da canção, visto que eles notaram marcas de oralidade (verbo “estou” como “tô”) e discutiram a respeito da importância da escolha de palavras não só devido ao aspecto rítmico de uma canção, como também no que diz respeito à intencionalidade do compositor de aproximar-se de seu leitor/ouvinte.

Assim, esperamos que a aplicação dessas e de outras atividades que compõem o caderno de atividades tenham auxiliado o estudante a refletir sobre a relação existente entre o que se observa em livros e manuais didáticos com o que se usa no cotidiano, (re)pensando-se a importância das variedades linguísticas como construção de sujeitos, discursos e efetivação de comunicação.

4.3. O Caderno de orientações ao professor

Após a elaboração do Caderno de Atividades e de suas aplicações, desenvolvemos um manual com orientações para o professor sobre as atividades desenvolvidas. O Manual foi dividido em dois segmentos: o primeiro deles trata de reflexões sobre Sociolinguística, Pedagogia de Variação Linguística, além de realizar uma abordagem sobre o estudo dos pronomes pessoais a partir de um viés linguístico e, sobretudo, sociolinguístico, apresentando-se os quadros pronominais de Neves (2008), Lopes (2016), Görski e Coelho (2009), Castilho (2010) e Bagno (2011), com o intuito de promover uma reflexão no próprio docente, a fim de que se note a possibilidade e a viabilidade de se abordar os pronomes pessoais de uma maneira diferente do que ocorre nos manuais didáticos, enfatizando-se os usos cotidianos dos falantes de nossa língua.

O segundo segmento se destina à exibição das atividades propostas aos alunos, acrescidas de comentários a respeito da finalidade dos enunciados das questões, bem como apontamentos de explicações a respeito das propostas e de possíveis respostas esperadas.

Como exemplo de comentários referentes a uma determinada proposta, reproduzimos, abaixo, a primeira atividade que compõe o caderno:

Atividade 1 – Interpretação de poema

Professor, é importante, antes de iniciar a leitura, contextualizar autor e produção da obra. Segue, abaixo, um quadro com informações acerca de Oswald de Andrade e sua relevância para a Literatura Brasileira.

DADOS BIOGRÁFICOS



Imagem disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1857657-nova-edicao-traz-22-poemas-ineditos-de-oswald-de-andrade.shtml>

José Oswald de Sousa Andrade nasceu em São Paulo em 1890. Fez o curso secundário no Ginásio de São Bento e formou-se em Direito em 1919. Viajou pela primeira vez à Europa em 1912, retomando, diversas vezes, no período de 1922 a 1929. Essas visitas lhe possibilitaram entrar em contato com o futurismo italo-francês e a conhecer, mais profundamente, as vanguardas surrealistas francesas. Antes, em 1911, fundou o semanário humorístico O Pirralho, publicando aí ensaios; em 1920, criou outro jornal: Papel e Tinta.

Nos anos que antecederam a Semana de Arte Moderna, foi um ativo organizador, clamando pela ruptura com a tradição europeia por meio de rebelião estética, o que estimulou o meio artístico a buscar novos rumos. Ao encontrar-se, em 1920, com Mário de Andrade, apresenta-o ao público como "o meu poeta futurista", marcando a luta pela renovação. Em 1924, iniciou o movimento Pau-Brasil, cujo programa era libertar a poesia "das influências nefastas das velhas civilizações em decadência", apontando o primitivismo como caminho a ser seguido. Em 1928, lançou outro movimento, o Antropofágico. Com o "crack" da Bolsa e a Revolução de 30, a fortuna familiar passa por grave crise. O escritor assumiu posição esquerdista, filiando-se ao Partido Comunista.

Em 1943 e 1946, publicou dois volumes da obra inacabada Marco Zero, dedicada à análise da crise econômica de 1930 e à sociedade burguesa paulista. Em 1945, tornou-se livre-docente em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. De acordo com Antonio Candido, pode-se afirmar que a "importância histórica [de Oswald de Andrade] de renovador e agitador (no mais alto sentido) foi decisiva para a formação da nossa literatura contemporânea". Morreu em São Paulo, em 1954.

Disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/oswalddeandrade.htm>

Leia o poema abaixo, de Oswald de Andrade, e responda:

Pronominais

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.

(ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.)

a) De acordo com o poema, quem representa a norma culta da Língua Portuguesa? E quem representa as variedades linguísticas, a língua falada espontaneamente?

Espera-se que o estudante, a partir da leitura com o professor, possa observar a relação entre norma padrão e gramática, e que, no poema, são representadas pelo “professor”, pelo “aluno” e pelo “mulato sabido”. Já as variedades linguísticas, exemplificadas na fala final, relacionam-se ao “bom negro” e ao “bom branco” da “Nação Brasileira”. Procure, nesse item, reforçar as noções de norma(s) linguística(s) e variedades.

b) A respeito do uso dos pronomes, percebemos uma diferença na conjugação do verbo “dar” nas duas situações em que ele é empregado. Na primeira delas, de acordo com qual pronome o verbo foi conjugado? E na segunda?

Observar que, na primeira ocorrência, o verbo está conjugado na 3ª pessoa do singular (referindo-se a você); já na segunda, o verbo foi conjugado na 2ª pessoa do singular (tu).

c) Considerando a forma pronominal mais usada em sua variedade linguística para dialogar com alguém, em qual dos verbos ela está sendo empregada? Esse uso se encaixa na “gramática do professor e do aluno” ou no dizer do “bom negro e (do) bom branco da nação brasileira”?

Nesse tópico, o aluno teria de perceber que o primeiro caso se relaciona ao pronome “você”. No entanto, será necessário orientá-lo para que reflita que a forma verbal mais comum nas situações mais informais de uso é justamente com o verbo conjugado na 2ª pessoa do singular. Nesse item, é possível realizar uma discussão a respeito de certas “posições” a respeito do uso de “você” e “tu”, reforçando-se que, embora o pronome “tu” não seja a forma mais utilizada em algumas variedades, não significa que a conjugação verbal referente a esse pronome também cairá no desuso – em contrapartida, nem sempre o verbo referindo-se ao “você” indicará informalidade.

d) Levando-se em consideração a sua resposta anterior, responda: em nossa realidade, é possível fazer uma separação de usos “corretos” e “incorretos” dos pronomes? O que podemos afirmar sobre esses usos no que diz respeito à sua comunicabilidade?

Acredita-se que o estudante poderá refletir, de modo crítico e embasado nos itens anteriores, que não há um uso totalmente “certo” ou “errado”, tudo depende do contexto de comunicação.

É importante frisar, no entanto, que nossa intenção não é tão somente elaborar um caderno que se torne a única ferramenta para o professor para o estudo dos

pronomes pessoais. Pretendemos que o material apresentado sirva como um apoio e como uma sugestão ao se discutir, em sala de aula, sobre o conteúdo abordado, de modo que o professor se sinta à vontade para e inspirado em elaborar, também, questões que permitam uma reflexão não só sobre os pronomes pessoais presentes nos manuais didáticos ou sobre os pronomes e formas pronominais estudados pelos alunos, mas atividades nas quais seja possível trabalhar com os usos presentes nos falares cotidianos de nossos alunos. Esperamos que nosso Caderno de Atividades auxilie docentes e estudantes no estudo dos pronomes pessoais e, conseqüentemente, na valorização de uma visão sociolinguística de nossa Língua Portuguesa, a fim de que o aluno não aprenda somente a norma culta, mas que ele valorize a diversidade linguística, tornando-se, por fim, parafraseando Bechara (2002, p.), “poliglota de sua própria língua”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Faraco (2008, p. 189), o Brasil ainda não teve tempo para se adaptar e se reorientar suficientemente diante das profundas transformações ocorridas tanto em nossa sociedade (como o êxodo rural e a mobilidade social que ocorreu entre as décadas de 90 e a primeira década dos anos 2000). No caso específico do ensino de português, “a urbanização intensa e a escolarização em massa puseram em evidência a complexa realidade sociolinguística do país”.

Por esse motivo, embora os PCN considerem o ensino da gramática tradicional anacrônico e proponham o ensino voltado à valorização das variedades linguísticas, não criamos ainda uma pedagogia adequada aos falantes das mais diversas variedades do português, uma vez que gramáticas e manuais didáticos persistem em se ater à valorização de uma gramática que privilegia poucos e reproduz uma ilusão linguística. Falta, em nosso país, segundo Faraco (2008, p. 189), elaborar uma pedagogia que permita, aos falantes, ao mesmo tempo, “incorporar a seu repertório o português urbano (a linguagem urbana comum) e as práticas da cultura escrita”.

Barbosa (2016), ao refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa nas escolas, considera a existência de três saberes linguísticos: a norma vernácula do falante, o saber da gramática tradicional e o saber do professor. Segundo o autor, é necessário que o docente consiga articular esses três saberes, a fim de se ensinar a língua como uso e reflexão.

Nossa proposta, nessa pesquisa, foi, a partir da análise dos usos dos pronomes pessoais encontrados em cartas pessoais e relatos pessoais produzidos pelos alunos, refletir acerca da relação entre o conteúdo “pronomes pessoais”, estudado em sala de aula, com as palavras que efetivamente no cotidiano funcionam como pronomes pessoais para os falantes de Língua Portuguesa e, mais especificamente, para estudantes de sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola de Ribeirão Preto – SP.

Após as análises, buscamos elaborar e aplicar, por meio de intervenção pedagógica pautada nos pressupostos da Sociolinguística, propostas de atividades que, ao incorporarem a nossa realidade linguística aos postulados presentes no ambiente escolar, possam contribuir para o trabalho docente no processo de ensino e aprendizagem dos pronomes pessoais, de modo que esse caderno atue, em sala de aula, como complementação, não como substituição ao material didático já utilizado.

O Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) foi de extrema importância para a transformação da nossa atividade docente, especialmente no que se refere ao olhar

para e sobre a língua, pois o estudo realizado durante o Programa foi essencial para o desenvolvimento de uma observação mais reflexiva e analítica no tocante ao trabalho com as variedades linguísticas, ajudando-nos a atuar mais como linguistas que como gramáticas. Após o cumprimento das disciplinas e da vivência entre as colegas, foi possível notar uma transformação em nossa prática docente, uma vez que, a partir de agora, temos uma nova visão sobre língua, literatura, aprendizagem do aluno, produção e realização de atividades – as quais devem extrapolar o aspecto metalinguístico, produção e correção de textos, além de nos renovarmos como docentes e, principalmente, como seres humanos.

O desenvolvimento da pesquisa, por sua vez, foi ocorrendo paulatinamente e partindo-se de um considerável arcabouço teórico para, então, iniciar as etapas da pesquisa em sala de aula. Inicialmente, foi realizada a leitura de estudiosos das áreas de Sociolinguística, Sociolinguística Educacional e Pedagogia da Variação Linguística. Em seguida, partimos para a observação de documentos e dos materiais didáticos, a fim de avaliarmos como o conteúdo “Pronomes pessoais” tem sido abordado no ambiente escolar. Após essas etapas, delineamos como a pesquisa seria aplicada: a elaboração de propostas de produções textuais com o intuito de coletar dados referentes aos usos dos pronomes pessoais; a escolha dos gêneros carta pessoal e relato pessoal; a análise dos dados coletados e a interpretação de prováveis usos (predominância do **você** para se referir à segunda pessoa, por exemplo) e de casos inesperados (como o uso do pronome **senhora** em uma das cartas). A etapa final consistiu em, partindo dos textos dos alunos e de gêneros textuais comuns tanto ao cotidiano do estudante quanto ao conteúdo presente em materiais didáticos (textos como anúncios publicitários, letras de canções, “memes” da internet, etc), elaborarmos nosso Caderno de atividades, bem como o Caderno de orientações ao professor. É importante destacar que em vários momentos houve a necessidade de rever propostas, bem como precisamos realizar, ao longo do processo, ajustes com relação à análise dos dados e no que se referia à elaboração do Caderno de Atividades⁴⁰.

Ao final, pretendemos que o trabalho desenvolvido por ora e em constante desenvolvimento para o(s) amanhã(s) possa colaborar com as tentativas de se ensinar a língua de uma maneira que dialogue o uso cotidiano com as práticas sociais tanto usuais como as de prestígio. Esperamos, a partir dos resultados obtidos com a aplicação das propostas textuais, com a análise de usos e com a aplicação do caderno de atividades, que os estudantes possam observar que a língua está sempre em mudança, que não

⁴⁰ Houve situações de mudança de enunciados, alteração na divisão das questões, além da escolha dos textos a serem trabalhados nas questões (em alguns casos, havíamos optado por um trecho da letra da canção para, posteriormente, utilizarmos a letra completa da canção, por exemplo).

existem formas estanques, que a gramática pode (e deve) estar em consonância com a realidade linguística dos falantes, e que formas como **você** e **a gente**, tão comuns e presentes nos textos elaborados pelos alunos, já fazem parte de nosso arsenal de usos que se referem às pessoas do discurso e, por isso, ainda que não estejam gramaticalizadas como “pronomes pessoais”, fazem parte da língua do “bom negro e [d]o bom branco/Da Nação Brasileira”, como o modernista Oswald de Andrade já pronunciava quase um século atrás.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, F; BENTES, A. C.. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Pronomes brasileiros, por favor!** Disponível em <http://e-proinfo.mec.gov.br/e-proinfo/blog/preconceito/pronomes-brasileiros-por-favor-iii.html>. Acesso em maio de 2017.
- BARBOSA, A. G. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- BECHARA, E. **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade? 11. Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade da linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.
- BODGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Projeto Teláris: português: ensino fundamental 2**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2015.
- BORGES, H. Paralelismo gramatical: construindo sentenças coordenadas e correlatas. In: **Revista Ícone**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Volume 09 – Janeiro de 2012. Disponível em <http://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/viewFile/5075/3332>. Acesso em setembro de 2018.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Estratégias de ensino; 8)
- BORTONI-RICARDO, S. M.; FREITAS, V. A. L. Sociolinguística Educacional. In Hora, D. et alii (orgs.) **Abralin – 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 217-240. Disponível em

<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/901-titulo-soiolioguistiia-iiuiaiiioal>. Acesso em agosto de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2016.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016

CAMACHO, R. G. A relevância social da Sociolinguística. In: **Cadernos de ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – (58.3)**, Campinas, pp. 461-479 - set./dez. 2016.

CAMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo, Editora Contexto, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**. 9. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2015.

CINTRA, L. F. L. **Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18, 1972.

COELHO, I. L. [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COSTA, C. L.; MARCHETTI, G.; SOARES, J. J. B. **Para viver juntos: português, 7º ano: anos finais: ensino fundamental**. 4. ed. São Paulo: Edições SM, 2015. (Para viver juntos)

DANTAS, S. A. **Oralidade e letramento no ensino de língua portuguesa: proposta de trabalho com o gênero relato pessoal**. Uberlândia: UFU, 2015. (Dissertação de Mestrado)

DUARTE, I.; BRITO, A. M. Predicação e Classe de Predicadores. In: MATEUS. M. H. M. [et al]. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

DUARTE, M. E. L. O papel da Sociolinguística no (re)conhecimento do Português Brasileiro e suas implicações para o ensino. In: **Revista Letra**. Rio de Janeiro: Revista da UFRJ, 2013.

FACIN, D. As marcas do sujeito na língua: análise da categoria de pessoa e não-pessoa em tiras. In: **Revista Linguagem**. São Carlos: UFSCar, 2012. v. 19. Disponível em

http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo_007.pdf. Acesso em setembro/2018

FARACO, C.A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap.3. p. 37-61.

FIGUEIREDO, L.; BALTHASAR, M.; GOULART, S. **Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015

FLECK, L. S. **Por uma pedagogia da variação linguística: o ensino dos pronomes pessoais na perspectiva sociolinguística**. Bagé: Universidade Federal do Pampa, 2016. Dissertação (Mestrado)

FREIRE, P. Que saudade da professorinha. In: **Revista Nova Escola**, n. 81, out. 2010.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE). Disponível em <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>. Acesso em maio de 2017.

GÖRSKI, E.M; COELHO, I.L. Variação linguística e ensino de gramática. In: **Work. Pap. Linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun, 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12022>. Acesso em maio de 2017.

ILARI, R; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contextos, 2006.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. In: **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em maio de 2017.

LOPES, C. R. S. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174

_____. *Nós e a gente* no português falado culto do Brasil. In: **DELTA** [online], São Paulo, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em ref.scielo.org/j8ntr9. Acesso em novembro de 2018.

_____. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. In: **Revista Matraca**. Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca30/arqs/matraca30a06.pdf>. Acesso em maio de 2017.

_____. Pronomes pessoais. In: In: VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

- LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. R. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. **Revista Linguística**: Madrid, v. 25: 30-65. 2011.
- LOPES, C. R. S.; COUTO, L. R.; DUARTE, M. E. L. Como as pessoas se tratam no cinema latino-americano: análise de formas de tratamento em roteiros de três países. In: **Actas do XIV Congresso internacional da ALFAL**, volume 2. Monterrey, Santiago de Chile: Alba Valencia E., v. 2, p. 01-14. 2005.
- LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. 1a ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003: 61-76.
- LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. S.(org.). **A Norma Brasileira em Construção**: Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas, FAPERJ: 45-66. 2005.
- LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. In: CALLOU, D. I.; BARBOSA, A. G. **A norma brasileira em construção**: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 265-292. 2011.
- LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: LOPES, C. R. S.; COUTO, L. R. (Org.). **As formas de tratamento em português e em espanhol**: variação, mudança e funções conversacionais. Niterói, Editora da UFF: 315-348. 2011.
- LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B.; CARNEIRO, Z. O. N. A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. **Revista do GELNE**, V. 15, 2013. p. 187-212.
- LOPES, C. R. S.; SOUZA, C. D.; OLIVEIRA, T. L. O tratamento pronominal de 2ª pessoa e as formas alternantes oblíquas: analisando a variação linguística em cartas pessoais dos séculos XIX-XX. **Anais do VI Simpósio Internacional de estudos de Gêneros Textuais**. Natal, Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/visiget/>. Acesso em fevereiro de 2018.
- MARCOTULIO, L. L. **Língua e história**: O 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOURA, J. B. M. **O uso dos pronomes pessoais em textos escritos**: contribuições para o ensino de gramática a partir da abordagem funcionalista. Rio Grande do Norte: UERN, 2015. (Dissertação de Mestrado)
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora de UNESP, 2008.

OLIVEIRA, L. C.; CYRANKA, L. F. M. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. In: **SOLETRAS**, N. 26 (jul.- dez. 2013)

OLIVEIRA, T. A. [et al]. **Língua Portuguesa: 7º ano**. 4. ed. São Paulo: IBEP, 2015 (Tecendo linguagens)

PEREIRA, C. S.; BARROS, F. P.; MARIZ, L. **Universos: Língua Portuguesa, 7º ano: anos finais: ensino fundamental**. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2015. (Universos)

POLLAK, M. Memória e identidade Social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-215

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Referencial Curricular**. Ribeirão Preto: Secretaria Municipal da Educação, 2017.

PROJETO NORMA LINGUÍSTICA URBANA CULTA – RJ. Disponível em <http://www.nurcrj.lettras.ufrj.br/home.htm>. Acesso em dezembro de 2018.

PUJADAS, J. J. El método biográfico y los géneros de la memoria. In: **Revista de Antropología Social**. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2000, v.9, p.127-158 Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/viewFile/RASO0000110127A/9967>. Acesso em maio de 2017.

RUMEU, M. C. B. **Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

_____. **Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. (Dissertação de mestrado)

_____. 'Tu' ou 'você', 'te' ou 'lhe'? : a correlação entre as funções de sujeito e complemento verbal de 2ª pessoa. In: **Linguística**, Montevideu, v. 31, n. 2, p. 83-109, nov. 2015. Disponível em http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2015000200007&lng=es&nrm=iso. Acesso em novembro de 2018.

_____. Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. In: **Revista Veredas (UFJF)**, 2012, Volume 16, n. 2: 36-55.

SABINO, F. **O menino no espelho**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. In: **Tabuleiro de Letras – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL-UNEB)**. Bahia: Universidade do Estado da Bahia, 2012. n.4, julho/2012. Disponível em http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf. Acesso em maio de 2017.

SCHERRE, M. M. P.; LUCCA, N. N. G.; DIAS, E. P. A.; QUEIROZ, C.; MARTINS, G. F. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. Comunicação apresentada no **II SIMELP**: Universidade de Évora, 2009.

SMANIMOTTO, J. **O uso de *a gente* no lugar do pronome *nós* entre os falantes de Língua Portuguesa**. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2010. (Trabalho de conclusão de curso). Disponível em <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/619/TCC%20vers%C3%A3o%20final%20Jana1207.pdf?sequence=1>. Acesso em dezembro de 2018.

SILVA, D. E. G. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. In: **Revista do GELNE**. Rio Grande do Norte: UFRN, 1999. v. 1, n.1, fevereiro/1999: 69-75. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9283/6637>. Acesso em outubro de 2018.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Tese de doutorado). Disponível em http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQU I20121016135107.pdf. Acesso em maio de 2017.

SILVA, M. C. F. Inovações morfológicas no português brasileiro. In: CABRAL, L.G.; GORSKI, E. (orgs.) **Linguística e ensino**: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis: Insular, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Proposta de produção de carta pessoal

Leia as cartas abaixo, redigidas pelos escritores João Cabral de Melo Neto, Afonso Arinos, Jorge Amado e Guimarães Rosa para o também escritor Mário de Andrade:

Texto 1

Londres, 3 de janeiro de 1945.

Meu caro Mário,

Coincidência: sua carta me chega na manhã mesma em que lhe estou mandando seus três Mirós. Portanto, a pergunta última que você me fez está respondida. Botei dedicatória no seu e deixei os outros em branco. Como você os oferece, você é que deve dedicá-los.

Vejo que você continua o mesmo lírico de antigamente. Como já o conhecia, sei que o atual lirismo não é questão de cerveja. Aliás: há cerveja aí?

Vejo também que você continua adiando o nosso encontro. O Geraldo, com quem estive há dois dias em Paris, também prometeu vir e não veio. Veja se se decide, homem!

Grande abraço. (...)

Do seu

João Cabral de Melo Neto

(Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/usp-vai-receber-mais-de-cinco-mil-cartas-ineditas-de-intelectuais-brasileiros-8563371>)

Texto 2

Genebra, 15 de junho de 1962

Compadre,

(...) Anah teve uma repetição daquela infecção dentária que a fez sofrer uma operação a bordo, há cerca de 30 anos. Coincidência curiosa: em 1932 ela veio se operar em Genebra como agora. Felizmente, desta vez, não só a infecção foi muito menos séria, como também a operação — pois se trata de verdadeira operação — pode ser feita em muito menos tempo e com muito menor sofrimento. (...) Provocada pelo dente siso incluso no osso da face, e que nunca nascera, mas que, de repente, provoca dores fortes e grande inflamação do rosto. O remédio é extrai-lo, mas isto representa um trabalho de abertura da gengiva e do próprio maxilar. Aqui há um cirurgião especialista, que opera em ambiente pomposo, com assistentes, enfermeiras, anestesista, ficando a paciente deitada, com o rosto coberto por um pano verde esterilizado etc. Como você vê, uma beleza para quem não sofre nem assiste ao espetáculo. O resultado é que ela perdeu três quilos (...)

Grande abraço do compadre e amigo,

Afonso Arinos

(Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/usp-vai-receber-mais-de-cinco-mil-cartas-ineditas-de-intelectuais-brasileiros-8563371>)

Texto 3

Salvador, 7 de outubro de 1980

Caro Calábria,

Venho de receber a sua carta e fico sabendo quais livros faltam à sua coleção: “Tieta do agreste”, “O gato malhado e a andorinha sinhá” e “Farda fardão camisola de dormir”. Como estou com o pé no estribo, ou seja, no avião, remeterei esses livros para você de Portugal, de onde estarei nos meados de novembro. Chegarão mais rapidamente do que seu os mandasse por aqui, por via marítima.

REFERÊNCIA

Recomendações a todos os seus, meus e de Zélia.

Um abraço cordial do velho amigo

Jorge Amado

(Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/usp-vai-receber-mais-de-cinco-mil-cartas-ineditas-de-intelectuais-brasileiros-8563371>)

Texto 4

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1964

Meu caro Mário,

De repente, houve o vácuo, fiquei com saudades, mais. Também está chegando o Natal, [...] as Festas, e quero por aqui, em papel e formulação, os votos, [...], vivos, muitos, altos: de alegrias e felicidade para a Família completa, os Calábrias usufruindo e sorrindo, festando: Paz na terra aos de boa-vontade. De vez em quando, torno a sentir-me em Munique. Vocês merecem muito; e eu sou um dos que mais sabemos disso. [...] Você já deve saber, estive aqui a Sra. De Siervi. E gostei muito dela, conversamos de verdade. Sua gente é sempre de primeira. [...]

Por via aérea, recebi o primeiro exemplar de “CORPO DI BALLO” [...]. Achei a tradução estupenda, notável, insuperável [...]

Abraço enorme do

Guimarães Rosa

(Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/usp-vai-receber-mais-de-cinco-mil-cartas-ineditas-de-intelectuais-brasileiros-8563371>)

Podemos observar, após a leitura, que as cartas pessoais seguem a seguinte estruturação:

- Local;
- Data;
- Saudação;
- Assunto a ser abordado ao destinatário;
- Despedida;
- Assinatura.

Sua tarefa é: elaborar uma carta endereçada a um (uma) melhor amigo(a) ou a um parente com quem tenha bastante afinidade, mas que não vê há muito tempo, pedindo notícias e contando as novidades que lhe aconteceram no semestre passado. Aproveite e faça, também, um convite, pedindo-lhe que venha visitá-lo para que possam ir ao cinema assistir a um filme que ambos estejam ansiosos para ver.

Não se esqueça de inserir os elementos característicos de uma carta pessoal.

Sua carta deve ter, no mínimo, 20 (vinte linhas).

APÊNDICE B – Proposta de produção de relato pessoal

Primeiramente, leia o trecho abaixo da obra **O menino no espelho**, de Fernando Sabino, em que o autor relata episódios de sua infância, misturando memória e ficção, imaginação. Em seguida, leia o relato do educador Paulo Freire a respeito de sua experiência com sua primeira professora:

Galinha ao molho pardo

Fernando Sabino

Ao chegar da escola, dei com a novidade: uma galinha no quintal.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabirola, um pé de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. [...] De um lado o barracão com o quarto da Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. [...]

Pois no fundo do quintal que eu vi a galinha, toda folgada, ciscando na caixa de areia. Havia sido comprada por minha mãe para o almoço de domingo: Dr. Junqueira ia almoçar em casa e ela resolveu fazer galinha ao molho pardo.

Eu já tinha visto a Alzira matar galinha, uma coisa terrível. Agarrava a coitada pelo pescoço, agachava, apertava o corpo dela entre os joelhos, torcia com a mão esquerda a cabecinha assim para um lado, e com a direita, zapt! passava o facão afiado, abrindo um talho no gogó. O sangue esguichava longe. Ela aparava logo o esguicho com uma bacia, deixando que escorresse ali dentro até acabar. E a bichinha ainda viva, estrebuchando nas mãos da malvada. Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, a Alzira me contou o que ia acontecer com a nova galinha.

Revoltado, resolvi salvá-la.

Eu sabia que o Dr. Junqueira era importante, meu pai dependia dele para uns negócios. Pois no que dependesse de mim, no domingo ele ia poder comer tudo, menos galinha ao molho pardo.

Era uma galinha branca e gorda, que não me deu muito trabalho para pegar. Foi só correr atrás dela um pouco, ficou logo cansada. Agachou-se no canto do muro, me olhou de lado como as galinhas olham e se deixou apanhar.

Não sei se percebeu que eu não ia lhe fazer mal. Pelo contrário, eu pretendia salvar a sua vida. O certo é que em poucos minutos ficou minha amiga, não fugiu mais de mim.

- O seu nome é Fernanda - falei então. [...]

- Vou esconder você num lugar que ninguém é capaz de descobrir.

Junto do tanque de lavar roupa costumava ficar uma bacia grande de enxaguar. A Maria lavadeira só ia voltar na segunda-feira. Antes disso ninguém ia mexer naquela bacia. Assim que escureceu, escondi a Fernanda debaixo dela.

[...] Na manhã de domingo me levantei bem cedo e fui dar uma espiada na Fernanda, onde tinha ido me esconder.

[...] Lá no fundo escuro do porão [...] vi a Alzira olhar ao redor:

- [...] onde é que se meteu a galinha? [...]

- Você não estava brincando com ela ontem, menino?

- Isso foi ontem. Hoje eu não vi ela ainda.

- Será que fugiu? Ou alguém roubou? [...]

Agarrei a ideia no ar, era a salvação:

- Isso mesmo! Quando eu estava ali no quintal vi um homem passar correndo... Levava uma coisa escondida embaixo do paletó. Só podia ser a galinha.

A Alzira não parecia acreditar muito na história. Pelo contrário, ficou mais desconfiada.

[...] E saiu pelo quintal, à procura da galinha, olhando aqui e ali: nos galhos das árvores, atrás do barracão, no meio dos bambus. Depois foi contar para mamãe que a galinha havia sumido.

Fui atrás, para o que desse e viesse. Escutei tudo. Mamãe torcia as mãos:

- E agora, como vai ser? Como é que ela foi sumir assim, sem mais nem menos?

- Sei lá - respondeu a Alzira: - Não acredito que tenham roubado, como diz o Fernando. Vai ver que saiu voando e pulou o muro. Bem que pensei em cortar as asas dela e me esqueci. Agora é tarde.

- Está quase na hora do almoço - disse minha mãe: - O Dr. Junqueira está para chegar em uma hora, e como é que a gente vai fazer sem a galinha? O Domingos vai ficar aborrecido.

Dali a pouco era o meu pai quem chegava da rua, trazendo o jornal de domingo debaixo do braço. Quando mamãe lhe deu a triste notícia, para surpresa minha e dela, ele não se aborreceu:

- Faz outra coisa. Macarrão, por exemplo. O Dr. Junqueira é bem capaz de gostar de macarrão.

[...] Pois o Dr. Junqueira não só gostou, como repetiu duas vezes, para grande satisfação de mamãe. [...] Guardanapo enfiado no colarinho, o Dr. Junqueira limpou os bigodes, satisfeito:

- Ainda bem que era essa macarronada tão boa. Eu estava com medo que fosse galinha. Se tem uma coisa que eu detesto é galinha. Principalmente ao molho pardo.

Nem por isso senti que minha amiga Fernanda não estava mais condenada à morte. Mesmo porque, meu pai gostava também de galinha, com ou sem o Dr. Junqueira. Por outro lado, ela podia ficar escondida o resto da vida (eu não tinha a menor ideia de quanto tempo vivia uma galinha). E na manhã seguinte a Maria viria lavar roupa, ia descobrir a Fernanda encolhida debaixo da bacia.

Depois que o almoço terminou e o Dr. Junqueira se despediu, fui lá perto do tanque fazer uma visitinha a ela, resolvido a ganhar tempo:

- Você hoje ainda vai dormir aí, mas amanhã eu te solto, está bem?

Ela fez que sim com a cabeça. [...]

De manhãzinha, antes que a Maria lavadeira chegasse, fui até lá, levantei a bacia e peguei a Fernanda, procurei mamãe com ela debaixo do braço:

- Olha só quem está aqui.

Mamãe se espantou:

- Uai, ela não tinha sumido? Onde é que você encontrou essa galinha, Fernando?

De repente seus olhos se apertaram num jeito muito dela, quando entendia as coisas: havia entendido tudo. Antes que me passasse um pito, eu avisei:

- Se tiverem de matar a minha amiga, me matem primeiro.

Mamãe achou graça quando soube que ela se chamava Fernanda e resolveu não se importar com o que eu tinha feito, pelo contrário: deixou que a galinha passasse a ser um de meus brinquedos. Só proibiu que eu a levasse para dentro de casa. Fernanda me seguia os passos por toda parte, como um cachorrinho.

E ela continuou minha amiga, até morrer de velha, não sei quanto tempo mais tarde.

Só sei que alguns dias depois do almoço do Dr. Junqueira, mamãe comprou um frango.

- Esse vai se chamar Alberto - eu disse logo.
 - Pois sim - disse minha mãe, e mandou que a Alzira tomasse conta do frango.
- No dia seguinte mesmo, no almoço, comemos o Alberto. Ao molho pardo.

(SABINO, F. **O menino no espelho**. Rio de Janeiro: Record, 2003)

Que saudade da professorinha

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto. Chamava-se Eunice Vasconcelos, e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de "sentenças".

Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar. Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas a minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal.

Não houve ruptura alguma entre o novo mundo que era a escolinha de Eunice e o mundo das minhas primeiras experiências – o de minha velha casa do Recife, onde nasci com suas salas, seu terraço, seu quintal cheio de árvores frondosas. A minha alegria de viver, que me marca até hoje, se transferia de casa para a escola, ainda que cada uma tivesse suas características especiais. Isso porque a escola de Eunice não, me amedrontava, não tolhia minha curiosidade.

Quando Eunice me ensinou era uma meninota, uma jovenzinha de seus 16, 17 anos. Sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: "Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!..." É como se ela me tivesse chamado.

Eu me entregava com prazer à tarefa de "formar sentenças". Era assim que ela costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma.

Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua - os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais.

Mais tarde ficamos amigos. Mantive um contato próximo com ela, sua família, sua irmã Débora, até o golpe de 1964. Eu fui para o exílio e, de lá, me correspondia com Eunice. Tenho impressão de que durante dois anos ou três mandei cartas para ela. Eunice ficava muito contente.

Não se casou. Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência. E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer a docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida.

Eunice foi professora do Estado, se aposentou, levou uma vida bem normal. Depois morreu, em 1977, eu ainda no exílio. Hoje, a presença dela são saudades, são

lembranças vivas. Me faz até lembrar daquela música antiga, do Ataulfo Alves: "Ai, que saudade da professorinha, que me ensinou o bê-a-bá".

(FREIRE, P. Que saudade da professorinha. **Revista Nova Escola**, nº 81, out. 2010)

Agora é a sua vez: escreva um relato de algum momento vivido em seus primeiros anos na escola, recordando algum momento marcante (seja engraçado, triste, surpreendente, etc.) e lembrando suas emoções e sensações com essa experiência. Procure elaborar um texto que possa ser lido e/ou compartilhado com seus colegas.

Seu texto deve ter um título e, no mínimo, 25 linhas.

APÊNDICE C – Plano de intervenção

Plano de intervenção

Título: O emprego de pronomes pessoais em sala de aula

Público alvo: Estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Ribeirão Preto – SP

Tema: Como a Sociolinguística pode contribuir para as aulas de língua materna

Problematização

A abordagem dos pronomes pessoais no ambiente escolar ainda é bastante normatizada e pouco dialoga com as representações cotidianas de formas pronominais como **você/vocês** em substituição ao **tu/vós** e da expressão **a gente** em uso paralelo ao pronome **nós**. As gramáticas tradicionais, bem como os livros didáticos, pouco avançaram nessa discussão e isso se reflete em sala de aula, uma vez que a classificação pronominal apresentada aos alunos não reflete os usos dentro e fora das escolas.

Propomos, portanto, realizar uma nova abordagem dos pronomes pessoais para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, período em que o estudo das classes gramaticais “pronome” e “verbo” ocorre de maneira mais aprofundada. A partir deste plano de intervenção, pretendemos desenvolver atividades que envolvam práticas de leitura e escrita, a fim de que tragam, como consequência, a elaboração, por parte de docente e educandos, de novos quadros pronominais, os quais contemplem tanto a norma padrão quanto as variedades vernáculas dos estudantes.

Justificativa

A variedade da norma culta deve ser abordada nas escolas por ser, segundo Alkimin (2006, p. 40), socialmente mais valorizada e de considerável prestígio dentro de uma comunidade, e seu uso é “normalmente, requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação, do assunto tratado, da relação entre os interlocutores etc.”.

Já a abordagem das formas **você/vocês** e **a gente** é pertinente porque há a necessidade de ampliar o quadro para além do exibido pela gramática normativa, porque o uso dos pronomes pessoais faz parte de nosso cotidiano e as formas supracitadas

foram inseridas nos diálogos, nos textos escritos, na realidade do falante de Língua Portuguesa. Segundo Silva (1998, p. 185 e 188),

a forma *você* era originalmente o pronome de tratamento formal *Vossa Mercê*, que acabou por se gramaticalizar como o único pronome de segunda pessoa do singular em boa parte dos dialetos do português brasileiro, com a perda parcial da forma *tu*, e a perda definitiva e irrecuperável da forma *vós* [...] [A forma] *a gente* não se comporta como uma expressão nominal [...] de fato *a gente* é um pronome no português brasileiro atual.

Dessa maneira, a realização deste plano de intervenção se justifica pelo fato de abordar aspectos linguísticos da realidade dos alunos, de modo a se basear na Sociolinguística, para que os estudantes possam perceber que o uso dos pronomes pessoais se modificou com o passar do tempo, o que prova a vivacidade de nossa língua. A partir da proposta de elaboração de textos e do caderno de atividades, os alunos poderão compreender como os usos dos pronomes pessoais do caso reto, bem como das formas **você** e **a gente** foram se transformando, e como essas formas são usadas na realidade atual, passível de novas mudanças e variações.

Objetivos

Objetivo Geral

Elaborar, a partir da observação das variedades linguísticas dos estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Ribeirão Preto – SP, uma nova abordagem do ensino dos pronomes pessoais do caso reto, a fim de contemplar tanto a norma padrão quanto as variedades vernáculas utilizadas dentro e fora de sala de aula.

Objetivos Específicos:

a) Diagnosticar o uso dos pronomes pessoais do caso reto nas produções textuais dos estudantes de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Ribeirão Preto – SP;

b) Elaborar materiais que contemplem uma abordagem sociolinguística dos pronomes pessoais, de modo a ensinar tanto as formas prestigiadas pelas gramáticas normativas (**vós**, **tu** e **nós**), quanto as formas **você(s)** e **a gente**, adotadas na escrita e na fala pelas demais variedades da Língua Portuguesa no Brasil;

c) Formular, a partir de práticas de leitura e escrita dos estudantes, novas interpretações a respeito do uso dos pronomes pessoais;

d) Elaborar, a partir das reflexões dos alunos, um novo quadro pronominal, o qual contemple os usos padrão e vernáculos da Língua Portuguesa.

Metodologia/ Estratégias de ação

Os gêneros escolhidos para o início do levantamento sobre o uso dos pronomes pessoais pelos estudantes, em um primeiro momento⁴¹, serão a carta pessoal e o relato de memória. Além das produções, pretendemos realizar a aplicação de questionários, de propostas de modelos de usos pronominais (pautados em práticas de referência e interlocução).

Após o diagnóstico dos usos das formas pronominais realizados pelos estudantes, demonstraremos, a partir de textos orais e escritos, quais são os pronomes pessoais do caso reto, com o intuito de levá-los à reflexão da discrepância existente entre o normatizado e o vernáculo, aquilo que é comum à realidade deles.

Para o diagnóstico, pretendemos realizar atividades referentes à leitura, interpretação e produção de cartas e relatos pessoais. Em seguida, aplicaremos algumas atividades de leitura e interpretação de poema, anúncios publicitários e letras de canções⁴², os quais demonstrem os variados usos das diferentes formas pronominais, conforme circunstâncias de tempo, lugar, situação comunicativa, relação entre interlocutores, intencionalidade do autor do texto, entre outros.

Ao final, esperamos que os estudantes consigam elaborar um quadro pronominal semelhante ao elaborado por Bagno (2017).

Recursos pedagógicos

Serão realizados(as):

- Apresentação de vídeos e áudios disponíveis no site youtube.com;
- Cópias com textos de diversos gêneros, tanto nas atividades de leitura e produção de carta pessoal e relato pessoal, quanto nas atividades de interpretação de canções, poemas e anúncios publicitários;
- Dinâmicas individuais, em dupla e em grupos para leitura e produção de textos;

⁴¹ É possível que outros gêneros sejam utilizados juntamente a esses escolhidos, ou em substituição a um deles ou a ambos.

⁴² As oito atividades, bem como as atividades de propostas de produções textuais, podem ser consultadas na seção “Apêndices”

- Atividades individuais e em grupo para interpretação de textos.

Resultados esperados

Esperamos que a pesquisa possa corroborar as observações de Lopes (2012 e 2016) a respeito do descompasso existente entre a abordagem dos pronomes pessoais do caso reto pelos livros didáticos e materiais que privilegiem a norma padrão, com o uso de formas como **você** e **a gente** pelos estudantes, seja em representações orais ou escritas. A partir desse diagnóstico, pretendemos elaborar materiais que valorizem a visão sociolinguística, explicitando formas pronominais comuns à variedade padrão – porém pouco usadas pelos estudantes, com as formas usuais e presentes em variantes vernáculas. Acreditamos que a presente pesquisa será pertinente à visão dos estudantes sobre a vivacidade linguística do Português Brasileiro, reforçando-se a noção, afirmada por Bechara (2002), de se ser “poliglota em sua própria língua”.

Avaliação

Os alunos serão avaliados conforme a confirmação dos resultados esperados, isto é, se houve uma percepção da noção de os usos em Língua Portuguesa não são estáticos; de que os pronomes pessoais não seguem uma única classificação; de que as formas **você/vocês** e **a gente** fazem parte da nossa realidade e, possivelmente, poderão constar, futuramente, no quadro pronominal da norma padrão; e de que o uso de determinado pronome deve ocorrer conforme determinadas variedades linguísticas, de modo a garantir a comunicabilidade entre os indivíduos.

Além disso, esperamos que seja possível avaliar os alunos a partir da configuração pronominal observada e elaborada por eles.

Referências

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, F; BENTES, A. C.. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.
- BAGNO, M. **Pronomes brasileiros, por favor!** Disponível em <http://e-proinfo.mec.gov.br/e-proinfo/blog/preconceito/pronomes-brasileiros-por-favor-iii.html>. Acesso em maio de 2017.
- BECHARA, E. **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade? 11. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

LOPES, C.R.S. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. In: **Revista Matranga**. Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/matranga/matranga30/arqs/matranga30a06.pdf>. Acesso em maio de 2017.

_____. Pronomes pessoais. In: In: VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016

SILVA, M.C.F. Inovações morfológicas no português brasileiro. In: CABRAL, L.G.; GORSKI, E. (orgs.) **Linguística e ensino**: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis: Insular, 1998.

APÊNDICE D – Caderno de orientações ao professor

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pronomes pessoais e formas pronominais

norma **a gente**

nós **lingua**

variedades linguísticas

eles **eu**

Sociolinguística **ele**

ela

você **vocês**

uso **vós** **elas**

Linguística **tu**

Língua Portuguesa

ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR

Mayra Cantarella Silva
Juliana Bertucci Barbosa
Fomento: CAPES



SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	113
2. O QUE É SOCIOLINGUÍSTICA?.....	113
2.1. Norma culta, norma padrão e variedades linguísticas.....	114
2.2. Pedagogia da variação linguística e os PCN.....	116
3. O ESTUDO DOS PRONOMES PESSOAIS: GRAMÁTICA <i>VERSUS</i> VARIEDADES LINGUÍSTICAS.....	118
4. PROPOSTA DE ATIVIDADES.....	123
5. SUGESTÕES DE LEITURAS.....	147

1. APRESENTAÇÃO

Este caderno de orientações tem, como objetivo principal, apresentar propostas de atividades que proporcionem uma reflexão sobre a língua que utilizamos e é utilizada em diversas situações de comunicação, com ênfase no uso dos pronomes pessoais, além de formas e expressões que têm funcionado, em diversas variedades linguísticas, como pronomes pessoais. Neste manual, o professor também encontrará aportes teóricos referentes às noções de Sociolinguística e Pronomes Pessoais, além de orientações para a aplicação das atividades propostas. Esperamos que, com este material, você, caro professor, possa, além de expandir o estudo dos pronomes pessoais em sala de aula, reforçar aos estudantes, a partir das atividades sugeridas, a importância das variedades linguísticas em nossos contextos de comunicação, salientando como nossa língua está sempre passando por mudanças, está sempre viva.

2. O QUE É SOCIOLINGUÍSTICA?

A Sociolinguística é uma área de estudo a partir da qual se iniciou a observação da língua como um fenômeno social, uma vez que Estruturalismo e Gerativismo, ainda que observassem o fator social da língua, consideravam-na uma abstração, isto é, a língua estudada por essas áreas estaria desvinculada de aspectos históricos e sociais. Além disso, a Sociolinguística também se destaca por dialogar com fatores antropológicos (por descrever e analisar a língua a partir da observação da cultura em que é usada), sociológicos (por haver interação entre língua e comportamento social) e geográficos (por ter a intenção de criar um atlas linguístico a partir da realidade linguística das mais diversas regiões do Brasil). Assim, a língua estudada por um viés sociolinguístico assume que mecanismos internos e externos atuam sobre ela.

Nos estudos sociolinguísticos desenvolvidos a partir da proposta de Labov (2008), acredita-se que não existe uma língua homogênea viva, e que a variação é um traço inerente a qualquer comunidade de fala, pois nenhum falante se expressa do mesmo modo, além do fato de que um mesmo falante pode se expressar de diferentes maneiras em diversas situações de comunicação. Segundo Labov (2008, p. 120-121),

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso.

De acordo com Faraco (2008, p. 34), nos estudos científicos da linguagem verbal, dizemos que uma língua é “um entidade cultural e política e não propriamente uma entidade linguística”, ou seja, a língua não é definida somente por critérios linguísticos, mas por aspectos políticos e culturais que a permeiam.

A respeito da observação da heterogeneidade linguística objetivada pela Sociolinguística, é importante distinguir alguns conceitos. Com relação aos de norma e variedades linguísticas, Faraco (2008, p. 37) aponta que

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade [...] [No entanto] é importante deixar claro que a ideia de norma, embora nascida no interior do arcabouço teórico estruturalista de inspiração saussuriana, não perde sua vitalidade quando transposta para outros quadros teóricos [...] qualquer modelo teórico tem, inexoravelmente, de se posicionar [...] frente às diferentes variedades que constituem uma língua.

Observa-se, então, que, pelo fato de a norma representar fatos comuns e corriqueiros a uma comunidade de fala, podemos inferir que não existe apenas uma, mas várias normas linguísticas conforme as diferentes comunidades de fala⁴³. Além disso, segundo o estudioso, podemos concluir que um falante domina mais de uma norma, visto que faz parte de diferentes domínios linguísticos. Assim, de acordo com a visão de Faraco (2008), é possível afirmar que as variedades são, também, normas, pois fazem parte do cotidiano de diversas comunidades de fala.

2.1. Norma culta, norma padrão e variedades linguísticas

Sobre a norma culta, Faraco (2008) aponta que ela existe a partir de análises dos três *continua* propostos por Bortoni-Ricardo (2004): rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística. Segundo pesquisas do NURC⁴⁴, a norma culta é aquela que está mais próxima dos seguintes extremos dos *continua*: urbano, letramento e estilo mais monitorado. Assim, ela é uma norma que representa o falar culto e, “ao mesmo tempo, tem poderoso efeito homogeneizante sobre as variedades do chamado português popular brasileiro” (FARACO, 2008, p.49).

Segundo Duarte (2013), as comunidades linguísticas estabelecem entre si algumas normas de comportamento linguístico bastante específicas, a fim de que se atendam as necessidades comunicativas e culturais – lembrando-se de que essas normas

⁴³ Neste manual, no entanto, adotaremos os vocábulos norma e variedade em dicotomia, a fim de se evitar incompreensões.

⁴⁴ Norma Linguística Urbana Culta

de comportamento linguístico relacionam-se a fatores sociais, culturais e ideológicos. De acordo com a estudiosa,

Por isso, é importante que o aluno tenha consciência de que existem várias normas como, por exemplo, a norma que é recorrente em um determinado grupo social que emprega construções como “A gente vai”, “Nóis foi” ou “Os meu fio tá tudo viajanu”. Os falantes dessa construção normatizaram uma estrutura gramatical que atende às suas necessidades comunicativas, culturais e sociais, fato que não constitui erro linguístico, mas uma adequação do falante tendo em vista o processo de variação da língua e sua realidade. (DUARTE, 2013, p.80)

No que concerne à norma padrão, Faraco (2008) afirma que esta é uma abstração, envolvendo certo artificialismo, pois atuaria como uma variedade fixa que sintetizasse a língua neutralizada de marcas dialetais e sociais. Seria, então, a variedade adotada nas gramáticas normativas e manuais de ensino. No entanto, a norma não representa nenhuma variedade utilizada pelos falantes, seja em situações formais de comunicação, seja em usos mais informais.

Sobre variação, podemos afirmar que esta se refere aos aspectos que constituem a heterogeneidade de uma língua. Além disso, não existe apenas um tipo de variação, mas vários, tais como: variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical, e estilístico-pragmática.

Considerando-se, portanto, os aspectos sociais, históricos, geográficos, socioeconômicos; os de escolarização, idade e contextos de comunicação, é possível observar que existem as seguintes variedades sociolinguísticas, de acordo com Bagno (2007): diatópica (segundo os diferentes lugares), diastrática (conforme as diversas classes sociais), diamésica (a partir da diferença entre fala e escrita), diafásica (segundo a monitoração estilística) e diacrônica (a partir de mudanças históricas, temporais).

Dessa maneira, pontuando-se as noções de variação, podemos afirmar que a variedade linguística, de acordo com Bagno (2007), corresponde aos diferentes modos de se falar uma língua e que, portanto, é possível delimitar e descrever quantas variedades linguísticas forem necessárias a partir dos mais diversos fatores (como idade, sexo, posição social, lugar onde nasceu ou reside) a serem analisados.

Outros conceitos a serem destacados são o de variável e o de variante. Segundo Coelho et al (2010, p. 26), chamamos de variável “o lugar na gramática em que

localizamos variação, de forma mais abstrata [...] Chamamos de variantes dessa variável as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável⁴⁵”.

2.2. Pedagogia da variação linguística e os PCN

Uma vez que a Sociolinguística tem ganhado espaço e destaque nos mais diversos estudos acadêmicos, não demoraria para que essa corrente teórica fosse transposta ao contexto educacional brasileiro. Assim, Bortoni-Ricardo (2004) propôs a Pedagogia da Variação Linguística, termo defendido também pelos estudiosos Faraco (2008) e Bagno (2007). Essa noção, de acordo com esses teóricos, defende uma perspectiva de ensino de Língua Portuguesa que pretende: **a)** contribuir para que o ensino de nossa língua na Educação Básica esteja pautado numa visão mais reflexiva e sensível às variações, sejam elas linguísticas ou sociais; e **b)** contribuir para a desconstrução da noção de que nossa língua é homogênea e de que a língua corresponde à gramática normativa, além de se procurar abolir a dicotomia “certo x errado” a fim de se favorecer as noções de “adequado x inadequado” a determinadas situações comunicativas de fala e escrita (BAGNO, 2007). Seguindo essa corrente, os estudiosos acreditam ser possível incorporar os postulados da Sociolinguística nos processos de educação linguística no ensino de Língua Portuguesa.

Oliveira e Cyranka (2013, p. 76) observam que a Pedagogia da Variação Linguística tem “a intenção de desenvolver uma pedagogia fundamentada no processo de educação sociolinguística, que vislumbra as reflexões a respeito da heterogeneidade linguística própria de línguas naturais, como o português do Brasil.”.

Dessa maneira, é possível levar o aluno a refletir criticamente sobre a suposta existência de uma homogeneidade linguística, a qual tem sido questionada a partir de postulados que revelam que as línguas são, na verdade, marcadas por regras que variam e estão sujeitas a mudanças. Assim,

É preciso que os alunos compreendam que, quando nos referimos ao uso da língua, o que há, na verdade, não são “erros” nem “acertos”, mas que ocorrem adequações e inadequações quanto ao uso que fazemos do português, dadas as variedades linguísticas de que dispomos para nos comunicar e interagir socialmente. (OLIVEIRA e CYRANKA, 2013, p.79)

Bortoni-Ricardo e Freitas (2009) reconhecem a importância da Sociolinguística no espaço escolar não somente com o intuito de fazer com que o estudante compreenda

⁴⁵ Como exemplo, apontamos que as variáveis são as expressões pronominais de segunda pessoa e de primeira pessoa do plural; já as variantes são, respectivamente, os pronomes **tu/vós** e **você/vocês**, e o pronome **nós** e a expressão **a gente**.

os fenômenos da linguagem, mas também que ele consiga entender os fenômenos sociais, os quais são intimamente ligados aos da linguagem. Para que isso aconteça, é necessário, inicialmente, que o aluno tenha acesso a uma variedade linguística mais prestigiada, sem desvalorizar aquela que ele domina desde sempre.

A escola deve, então, possibilitar ao aluno o domínio de outras variedades da língua além daquela que ele já possui. A língua deve ser apresentada, desde o início, como um sistema social, político, cultural e linguístico pautado em convenções vistas como comuns e aceitas pelos falantes de uma língua. A partir da visão de norma, é possível, a seguir, trabalhar os conceitos de variedades e de usos linguísticos conforme as situações de comunicação.

Entretanto, antes mesmo do desenvolvimento do termo Pedagogia da Variação Linguística, no que se refere à Sociolinguística no ensino de nossa língua materna, podemos observar que os PCN, publicados quase uma década antes do estudo de Bortoni-Ricardo (2004), faziam alusão ao fato de que

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Dessa maneira, é possível avaliar que existe a consciência de que a língua não é única, mas formada por vários falares constituintes de nosso idioma. Outro aspecto relevante é o fato de os PCN reiterarem o papel social das variedades linguísticas, reforçando-se que existem falares prestigiados e outros passíveis de condenação social. No que se refere à escola, aponta-se que esse ambiente deve se livrar de vários mitos tão difundidos em nossa sociedade, tais como o de que existe uma única forma correta de falar, “o de que a fala de uma região é melhor [...], o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado” (BRASIL, 1997, p. 26).

De acordo com o documento, esses mitos são tão nocivos que conduzem a uma prática de desvalorização de nossa cultura, por discriminar a fala do aluno, de modo a deslocá-lo de sua identidade. Ainda, essas crenças fazem com que se obtenha uma visão simplista da língua, pois não se consideram as diferenças entre fala e escrita, ignora-se o fato de que a escrita não vai corresponder exatamente a nenhuma das variedades utilizadas em nossa fala. Por isso,

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa – dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 31)

Observa-se, assim, que o ensino de Língua Portuguesa deve assumir um viés que respeite e trate com igualdade as diferenças linguísticas, a fim de se formar um cidadão que reconheça e reflita sobre a importância da sua variedade e da dos demais, sem qualquer juízo de valor. Segundo Bagno (2007, p. 22),

Se a Sociolinguística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística. Um reconhecimento que não pode ficar na simples constatação, mas que tem de incorporar também uma instância de crítica e questionamento das crenças linguísticas estabelecidas e, sobretudo, de militância na reivindicação do direito que tem toda e qualquer pessoa com cidadania brasileira de falar e escrever a(s) suas(s) língua(s) materna(s), do jeito que ela(s) existe(m) hoje, no século XXI, e não como quer uma ideologia linguística autoritária e excludente, imposta séculos atrás por uma potência colonial escravagista.

Portanto, a partir dos documentos e estudos supracitados, notamos a pertinência de se abordar a língua portuguesa, em sala de aula, de uma maneira que faça os estudantes observarem-na e tornarem-se críticos e reflexivos em relação a ela. Dessa maneira, certos preceitos e preconceitos arraigados podem ser combatidos, para que, ao final, o falante possa compreender, aceitar e valorizar a heterogeneidade de sua língua.

3. O ESTUDO DOS PRONOMES PESSOAIS: GRAMÁTICA *VERSUS* ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

O estudo dos pronomes pessoais de modo voltado aos usos e situações comunicativas se justifica em pesquisas recentes a respeito do sistema pronominal do Português Brasileiro. Segundo Silva (1998, p. 185, grifo da autora), com relação ao uso de **você**,

a forma *você* era originalmente o pronome de tratamento formal *Vossa Mercê*, que acabou por se gramaticalizar como o único pronome de segunda pessoa do singular em boa parte dos dialetos do português brasileiro, com a perda parcial da forma *tu*, e a perda definitiva e irrecuperável da forma *vós*.

De modo geral, no que tange ao ensino, a abordagem das formas **você/vocês** e **a gente** faz-se pertinente, como reflete Lopes (2012, p. 133), pois a necessidade de ampliar o quadro para além do exibido pela gramática normativa ocorre porque “pronomes pessoais são empregados nas situações de diálogo, são formas interlocutivas e mesmo os falantes mais cultos utilizam as novas formas e não as mais antigas.”.

No caso de **a gente**, seu estudo se faz contundente pelo fato de essa expressão ter assumido, em paralelo ao **nós**, representação da 1ª pessoa do singular (eu+ outro ou outros), estando o verbo flexionado tal como na 3ª pessoa do singular. Após apresentar, por aspectos sintáticos e semânticos, evidências, Silva (1998, p. 188, grifos da autora) chega à conclusão de que “de fato [...] *a gente* é um pronome no português brasileiro atual”.

Dessa maneira, faz-se essencial uma abordagem dos pronomes pessoais de modo diferenciado, ou, como propõe Lopes (2016), a apresentação paralela do quadro pronominal vigente nas gramáticas normativas com o quadro que ilustra a situação atual dos empregos pronominais, considerando a nossa realidade linguística extraescolar.

Lopes (2016, p. 106, grifos da autora) define os pronomes como uma classe de palavras que apresenta rês características privativas:

A noção de pessoa gramatical, situando a referência do pronome em função do falante (*eu, nós*), do ouvinte (*tu/você, vós/vocês*), ou fora da alçada dos dois (*ele/ela, eles/elas*); a noção de caso – variação de forma de acordo com o caso (*eu* nominativo x *me/mim* acusativo e genitivo); e o gênero neutro – referência a entidades inanimadas (*isso/aquilo*) (LOPES, 2016, p. 106, grifos da autora).

Após breve conceituação, a estudiosa realiza uma análise detalhada da origem e das funções adotadas pelos pronomes **você/vocês** e pela expressão **a gente**, ao se refletir sobre as especificidades dessas formas que ganharam função de pessoa do discurso (ainda que em alguns contextos o **a gente** possa ter acepções neutras e generalizadas), evidenciando que ambas as formas passaram a ter atitudes comuns aos pronomes pessoais, ou seja, tanto o **você/vocês** quanto o **a gente** adquiriram aspectos de gênero semântico (e não formal, isto é, não se flexionam segundo o gêneros) e referem-se conforme a concordância número-pessoa.

Ao final, a autora propõe um quadro pronominal abrangente, com as seguintes formas:

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	POSSESSIVOS
P1	eu	me	meu/minha
P2	tu/você	te, lhe, (se), você	teu/tua/seu/sua/de você
P3	ele/ela	o, a (se)/lhe/ele(a)	seu/sua/dele(a)
P4	nós/a gente	nós/a gente	nosso(a)/da gente
P5	vocês	vocês/lhes/se	seu(s)/sua(s)/de vocês
P6	eles/elas	os, as (se)/lhes/eles(as)	seu(s)/sua(s)/deles(as)

Quadro de usos pronominais atuais elaborado por Lopes (2016)

Fonte: Lopes, 2016, p. 116 (adaptado)

Seguindo um posicionamento semelhante, o estudo de Görski e Coelho (2009) ilustra a divergência existente entre a visão Sociolinguística e os conteúdos das gramáticas tradicionais ao analisar o paradigma pronominal do Português Brasileiro. De acordo com as autoras, o paradigma presente na gramática não contempla a nossa realidade linguística, uma vez que ignora a existência das formas **você/vocês** e **a gente**, além de insistir em enfatizar a presença do pronome **vós** como se fosse corriqueiro em nossa língua.

Paradigma 1	Paradigma 2
eu	eu
tu	tu/ <i>você</i>
ele(a)	ele(a)
nós	nós/ <i>a gente</i>
vós	(vós)/ <i>vocês</i>
eles(as)	eles

Paradigmas pronominais tradicionais e de usos no PB, segundo Görski e Coelho (2009)

Fonte: Görski e Coelho, 2009, p.85

É importante destacar que algumas gramáticas recentes do PB, que partem do uso, também já apontam reorganizações no quadro pronominal. Neves (2008), por exemplo, apresenta a seguinte proposta para o quadro pronominal do PB:

	Singular	Plural
1° pessoa	Eu	Nós
2° pessoa	Tu, Você	Vós, Vocês
3° pessoa	Ele, Ela	Eles, Elas

Pronomes pessoais em Moura Neves (2008)

Fonte: NEVES, 2008, p. 454 (adaptado)

Já Castilho (2010, p. 477-482), ao descrever o quadro de pronomes pessoais do PB, para as seis pessoas do discurso⁴⁶, atenta para a conversão da forma **você**>**ocê**>**cê** e para a interpretação dos clíticos **te** e **cê** (**você**) como morfemas prefixais de pessoa no PB informal: **`você vai`** > **`cê vai`**; **`vocês vão`** > **`cês vão`**; **`te encontrou`** > **`tincontrô`**.

Em seguida, podemos visualizar as formas pronominais relacionadas à segunda pessoa do singular nas funções de sujeito e complemento, nos registros formal e informal do PB, conforme Castilho (2010):

⁴⁶ Castilho (2010) dividiu seu quadro em três pessoas do singular e três pessoas do plural, por isso o uso de seis pessoas do discurso.

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me, mim, Prep + eu, mim
2ª pessoa sg.	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora	Você/ocê/tu	Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (=docê, cocê)
3ª pessoa sg.	Ele, ela	o/a, lhe, se, si, consigo	Ele/ci, ela	Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela
1ª pessoa pl.	Nós	Nos, conosco	A gente	E gente, Prep + a gente
2ª pessoa pl.	Vós, os senhores, as senhoras	Vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras	Vocês/ocês/cês	Vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ ocês
3ª pessoa pl.	Eles, elas	Os/as, lhes, se, si, consigo	Eles/eis, elas	Eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas

Os pronomes pessoais no PB

Fonte: Castilho (2010, p. 477)

Bagno (2011), semelhante a Castilho, para sistematizar os indicadores da segunda pessoa nas funções de sujeito e complemento produtivos no discurso menos monitorado do PB, compôs o seguinte quadro.

INDICADORES DA 1ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEMENTO OBLÍQUO	
Sing.	plural	Sing.	Plur.	Sing.	plural	Sing.	Plur.	singular	plural
Eu	Nós	Me	Nos	Me	Nos	Me	Nos	Mim	Nós
Me	A gente	Eu	Nós	A mim	A nós	Se	(comigo)	(conosco)	
Mim		Para	Para nós			Eu	A gente		
		mim	À gente						
		Para eu	Para a gente						

Indicadores da 2ª pessoa no português brasileiro

Fonte: Bagno (2011, p. 743)

É possível notar, portanto, que o estudo dos pronomes pessoais, no que se refere à área da Sociolinguística, tem mostrado uma amplitude de usos conforme as diferentes situações de comunicação. Faz-se essencial que, em sala de aula, esse tipo de estudo reflexivo também possa ocorrer, a fim de que os estudantes não mais vejam a língua do

cotidiano como “incorreta” e totalmente distante e alheia da língua das gramáticas e manuais didáticos, devendo, portanto, deixar de abordar somente as abstrações, para que haja, entre os alunos, a visão crítica e reflexiva de várias línguas na, não mais uma, Língua Portuguesa.

4. PROPOSTA DE ATIVIDADES

Apresentamos, a seguir, algumas atividades a serem trabalhadas em sala de aula, divididas conforme a abordagem dos pronomes e formas pronominais que atuam como pronomes pessoais: as duas primeiras atividades abordam noções de variedades linguísticas de modo geral; as atividades 3 e 4 abordam o uso do pronome **tu**; as atividades de 5 a 8 trabalham com o uso do pronome **vós**; a proposta 9 utiliza textos de estudantes a fim de que haja a reflexão do uso dos pronomes de tratamento **senhor/senhora/senhorita**; já as atividades 10, 11 e 12 abordam os usos de **você** e **a gente**, enquanto a proposta 13 faz um apanhado geral de diversos usos. Ao final, a atividade 14 propõe a construção, pelo aluno, de um quadro pronominal a partir das reflexões realizadas. Todas as atividades acima descritas apresentam orientações específicas para o trabalho em sala de aula.

Atividade 1 – Interpretação de poema

Professor, é importante, antes de iniciar a leitura, contextualizar autor e produção da obra. Segue, abaixo, um quadro com informações acerca de Oswald de Andrade e sua relevância para a Literatura Brasileira.

DADOS BIOGRÁFICOS



Imagem disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1857657-nova-edicao-traz-22-poemas-ineditos-de-oswald-de-andrade.shtml>

José Oswald de Sousa Andrade nasceu em São Paulo em 1890. Fez o curso secundário no Ginásio de São Bento e formou-se em Direito em 1919. Viajou pela primeira vez à Europa em 1912, retornando, diversas vezes, no período de 1922 a 1929. Essas visitas lhe possibilitaram entrar em contato com o futurismo ítalo-francês e a conhecer, mais profundamente, as vanguardas surrealistas francesas. Antes, em 1911, fundou o semanário humorístico O Pirralho, publicando aí ensaios; em 1920, criou outro jornal: Papel e Tinta.

Nos anos que antecederam a Semana de Arte Moderna, foi um ativo organizador, clamando pela ruptura com a tradição europeia por meio de rebelião estética, o que estimulou o meio artístico a buscar novos rumos. Ao encontrar-se, em 1920, com Mário de Andrade, apresenta-o ao público como "o meu poeta futurista", marcando a luta pela renovação. Em 1924, iniciou o movimento Pau-Brasil, cujo programa era libertar a poesia "das influências nefastas das velhas civilizações em decadência", apontando o primitivismo como caminho a ser seguido. Em 1928, lançou outro movimento, o Antropofágico. Com o "crack" da Bolsa e a Revolução de 30, a fortuna familiar passa por grave crise. O escritor assumiu posição esquerdista, filiando-se ao Partido Comunista.

Em 1943 e 1946, publicou dois volumes da obra inacabada Marco Zero, dedicada à análise da crise econômica de 1930 e à sociedade burguesa paulista. Em 1945, tornou-se livre-docente em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. De acordo com Antonio Candido, pode-se afirmar que a "importância histórica [de Oswald de Andrade] de renovador e agitador (no mais alto sentido) foi decisiva para a formação da nossa literatura contemporânea". Morreu, em São Paulo, em 1954.

Disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/oswalddeandrade.htm>

Leia o poema abaixo, de Oswald de Andrade, e responda:

Pronominais

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

(ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.)

a) De acordo com o poema, quem representa a norma culta da Língua Portuguesa? E quem representa as variedades linguísticas, a língua falada espontaneamente?

Espera-se que o estudante, a partir da leitura com o professor, possa observar a relação entre norma padrão e gramática, e que, no poema, são representadas pelo “professor”, pelo “aluno” e pelo “mulato sabido”. Já as variedades linguísticas, exemplificadas na fala final, relacionam-se ao “bom negro” e ao “bom branco” da “Nação Brasileira”. Procure, nesse item, reforçar as noções de norma(s) linguística(s) e variedades.

b) A respeito do uso dos pronomes, percebemos uma diferença na conjugação do verbo “dar” nas duas situações em que ele é empregado. Na primeira delas, de acordo com qual pronome o verbo foi conjugado? E na segunda?

Observar que, na primeira ocorrência, o verbo está conjugado na 3ª pessoa do singular (referindo-se a você); já na segunda, o verbo foi conjugado na 2ª pessoa do singular (tu).

c) Considerando a forma pronominal mais usada em sua variedade linguística para dialogar com alguém, em qual dos verbos ela está sendo empregada? Esse uso se encaixa na “gramática do professor e do aluno” ou no dizer do “bom negro e (do) bom branco da nação brasileira”?

Nesse tópico, o aluno teria de perceber que o primeiro caso se relaciona ao pronome “você”. No entanto, será necessário orientá-lo para que reflita que a forma verbal mais comum nas situações mais informais de uso é justamente com o verbo conjugado na 2ª pessoa do singular. Nesse item, é possível realizar uma discussão a respeito de certas “posições” a respeito do uso de “você” e “tu”, reforçando-se que, embora o pronome “tu” não seja a forma mais utilizada em algumas variedades, não significa que a conjugação verbal referente a esse pronome também cairá no desuso – em contrapartida, nem sempre o verbo referindo-se ao “você” indicará informalidade.

d) Levando-se em consideração a sua resposta anterior, responda: em nossa realidade, é possível fazer uma separação de usos “corretos” e “incorretos” dos pronomes? O que podemos afirmar sobre esses usos no que diz respeito à sua comunicabilidade?

Acredita-se que o estudante poderá refletir, de modo crítico e embasado nos itens anteriores, que não há um uso totalmente “certo” ou “errado”, tudo depende do contexto de comunicação.

Atividade 2 – Interpretação de letra de canção

Leia a letra de canção abaixo e responda:

Chópis Centis (Dinho/Júlio Rasec)

Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra mode a gente lanchar

Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que tava gostoso
Mas eu prefiro aipim

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

Esse tal Chópis Cêntis
É muicho legalzinho
Pra levar as namoradas
E dar uns rolezinhos

Quando eu estou no trabalho
Não vejo a hora de descer dos andaime
Pra pegar um cinema do Schwarzenegger
Também o Van Daime

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

a) Qual é o assunto tratado na letra da canção? É possível deduzir qual seria a profissão do eu poético (aquele que conta os acontecimentos da letra) a partir do conteúdo da canção? Para você, qual seria essa profissão?

Espera-se que o aluno responda que o eu lírico narra um passeio que fizera com uma acompanhante ao Shopping Center. Pelos versos “Quando eu estou no trabalho/ Não vejo a hora de descer dos andaime” é possível inferir que o eu poético provavelmente trabalha em uma construção.

b) Há, na música, alguns usos que estão em desacordo com o que é proposto pela norma padrão, isto é, há usos de palavras e expressões que não são consideradas “adequadas” conforme as gramáticas e livros didáticos. Apresente, pelo menos, dois exemplos, e explique por que esse tipo de uso pode ter acontecido na letra da canção.

O estudante pode apresentar os exemplos de conjugação verbal e concordância, como “Eu di um beijo nela” e “A gente fomos no shopping”. É importante destacar que não há uma resposta exata para o que motivou esses usos, mas é possível interpretar que o eu poético parece não ter contato com a norma culta (talvez por pouca escolaridade). Além disso, por estar narrando um acontecimento relacionado ao lazer, talvez com um ouvinte com quem tenha algum grau de intimidade, é comum haver um grau de informalidade maior.

c) No terceiro verso da letra da canção há o uso de uma expressão que tem atuado, em diversas variedades linguísticas, como forma pronominal (a gente) e um verbo correspondente à primeira pessoa do plural (fomos). No entanto, esse uso é visto como uma inadequação segundo a norma culta. Explique por que esse tipo de mistura de forma pronominal e verbo pode acontecer em diversas variedades linguísticas, e reescreva essa construção conforme a norma culta.

O estudante deve refletir sobre o uso da expressão “a gente” em substituição ao “nós”, isto é, referindo-se à noção de “eu+outro”. Por essa razão é possível explicar a mistura de forma nominal em 3ª pessoa do singular (mas que representa mais de uma pessoa e, portanto, possui noção de plural) com verbo em 1ª pessoa do plural. As respostas aceitáveis seriam “Nós fomos ao shopping” ou “A gente foi ao shopping”.

Atividade 3 – Anúncio com o pronome “tu”

Nessa atividade, é interessante que se discuta sobre as características do anúncio publicitário, bem como que se contextualize a produção do texto, destacando-se que, por ser do final dos anos 30, o aluno observará diferenças ortográficas, por exemplo.

Observe o anúncio abaixo, publicado pelo jornal *Estado de São Paulo*, em 27 de junho de 1939.

QUE LINGUA SUJA... tu tens meu filho!
Hoje á noite, antes de te deitares para dormir, tomarás uma colher de
MAGNESIA S. PELLEGRINO
 PURGA, REFRESCA E DESINFECTA O ESTOMAGO E INTESTINOS

Disponível em <http://www.estadao.com.br/blogs/reclames-do-estadao/lingua-suja/>

a) A propaganda sugere uma conversa entre mãe e filho. Levando-se isso em consideração, responda: como a mãe se refere ao filho, isto é, qual pronome pessoal ela usa para se comunicar com ele?

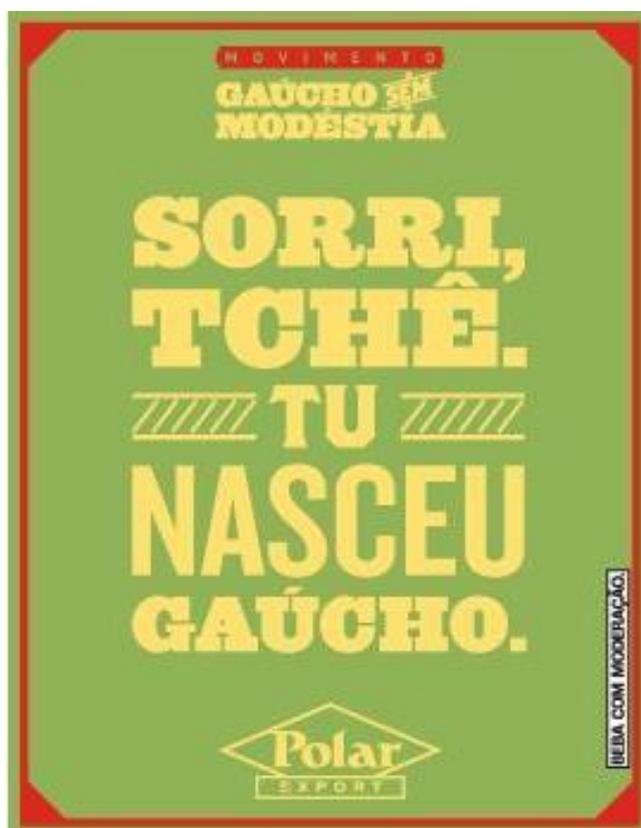
O estudante deve observar que a mãe usa o pronome “tu” para se referir ao menino.

b) Em algumas variedades linguísticas de nosso país, essa forma poderia ou não ser utilizada? E em sua variedade, como você faria a interlocução da mãe para o filho?

Reforçar que há variedades que usam somente o “tu”; outras usam somente o “você” e outras que usam ambas as formas para se referir à pessoa com quem se dialoga. Em seguida, o estudante deve pensar em sua variedade especificamente.

Atividade 4 – Anúncio com o pronome “tu”

Observe a propaganda abaixo e responda:



Disponível em <http://infoligeiro.blogspot.com.br/2011/07/gaúcho-sem-modestia.html>

Orientar que o objetivo dessa atividade é refletir sobre as variedades linguísticas a partir de uma variedade geográfica específica (um dos falares dos gaúchos)

a) Qual o pronome pessoal utilizado na propaganda? Em sua variedade linguística, é comum o uso desse pronome? Se não, qual você usaria no lugar?

Nesse caso, a resposta à segunda pergunta pode variar conforme a variedade linguística do aluno e da turma, podendo ou não, assim como no anúncio, haver o uso cotidiano do pronome “tu”.

b) Qual variedade linguística foi empregada nesse texto? Justifique com exemplos de palavras do anúncio.

Observar que o vocabulário do texto tem relação com variedade linguística utilizada na região Sul do país e, mais especificamente de acordo com o contexto do anúncio (o adjetivo “gaúcho” e a interjeição “tchê”), com o falar dos gaúchos.

c) A partir do texto presente no anúncio, é possível entender por qual motivo essa forma pronominal foi empregada. Explique por que esse pronome foi utilizado, considerando-se a variação linguística a que ele se refere?

Reforçar que o pronome “tu” é bastante frequente na variedade linguística dos gaúchos, na realização de uma interlocução mais aproximada entre falantes, e por isso se faz pertinente.

d) De acordo com a gramática normativa, a correspondência entre pronome e verbo está adequada? Como deveríamos relacionar pronome e verbo em conformidade com a norma culta?

Observar que é comum, em algumas variedades linguísticas, o uso do pronome “tu” com o verbo em terceira pessoa do singular. Poderiam ser aceitas as respostas “Sorri, tchê, tu nasceste gaúcho” ou “Sorria, tchê, você nasceu gaúcho”.

e) É possível afirmar que, de acordo com a variedade linguística empregada, o texto está adequado? Por quê?

Ressaltar que os usos são bastante pertinentes, uma vez que o anúncio é direcionado, principalmente, a leitores gaúchos, falantes da variedade apresentada. Explicar, também, que um falante de outra região, que se comunica utilizando outras variedades, também consegue compreender a intencionalidade do anúncio de cerveja, o qual procura enaltecer a figura do gaúcho.

Atividade 5 – Canção com o pronome “vós”

Leia a letra da canção abaixo e responda:

A Voz do Dono e o Dono da Voz

Chico Buarque

Chegou a sonhar amantes
E, rouca, regalar os seus bemóis
Em troca de alguns brilhantes

Até quem sabe a voz do dono
Gostava do dono da voz

Enfim a voz firmou contrato
E foi morar com novo algoz

Casal igual a nós, de entrega e de
abandono
De guerra e paz, contras e prós
Fizeram bodas de acetato - de fato
Assim como os nossos avós

Queria se prensar,
Queria ser um prato
Girar e se esquecer, veloz

O dono prensa a voz,
A voz resulta um prato
Que gira para todos nós

Foi revelada na assembléia - atéia
Aquela situação atroz

A voz foi infiel, trocando de traquéia
E o dono foi perdendo a voz

O dono andava com outras doses
A voz era de um dono só

E o dono foi perdendo a linha - que
tinha
E foi perdendo a luz e além

Deus deu ao dono os dentes
Deus deu ao dono as nozes

E disse: "Minha voz, se vós não sereis
minha

Às vozes Deus só deu seu dó
Porém, a voz ficou cansada após
Cem anos fazendo a santa

Vós não sereis de mais ninguém"

Sonhou se desatar de tantos nós
Nas cordas de outra garganta

(O que é bom para o dono é bom para a
voz

O que é bom para o dono é bom para
vós

A louca escorregava nos lençóis

O que é bom para o dono é bom para
nós)

A canção do cantor e compositor Chico Buarque de Hollanda está presente no álbum “Almanaque”, de 1981. Pensando nisso, responda:

a) O emprego do pronome “vós”, nessa canção, não ocorre porque essa forma pronominal seria vigente à época. O que motivou o compositor a utilizá-la, isto é, quais seriam as intenções ao usar o pronome “vós” na letra?

É interessante discutir as intencionalidades do compositor da canção, isto é, o uso do pronome “vós” com o intuito de criar um jogo sonoro com a palavra “voz”.

b) Qual forma pronominal usaríamos, em nosso cotidiano, no lugar do pronome “vós”? Como ficariam os verbos que o acompanham?

Os alunos vão observar que, em nossa língua, tanto na norma culta quanto em diversas variedades, o pronome “vós” está em desuso e tem sido cada vez menos utilizado. Em seu lugar, utilizamos o pronome “vocês” com formas verbais na terceira pessoa do plural e, em algumas variedades, com o verbo na terceira pessoa do singular. Discutir como a Língua Portuguesa tem mudado com o tempo, refletindo também sobre situações informais e sobre o fator social na visão de “adequado” ou “inadequado” da língua (como o preconceito linguístico contra quem usa o pronome “vocês” com formas verbais no singular, por exemplo).

Atividade 6 – Uso do pronome “vós” em memes da internet

Essa atividade é bastante pertinente para mostrar, aos estudantes, que os textos vistos em seu cotidiano são passíveis de estudo e análise e podem ser objeto de reflexão acerca da Língua Portuguesa. Além disso, o uso de formas verbais referentes aos pronome “vós” reforça a visão de uma língua que se transforma, atualiza-se e utiliza aquilo que é considerado arcaico com aquilo que se vê como novo, ressignificando usos e conceitos.

Meme, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, é uma palavra cuja origem vem do grego *mímena*, com sentido de “imitação, imagem”. Segundo o dicionário, o verbete pode significar:

“1. Informação visual ou textual que se espalha pela rede; 1.1 (freq.) crítica humorística sobre fato ou pessoa que foi notícia.”. (disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1> Acesso em outubro/2018)

Posto isso, observe os memes abaixo e responda:



Não só beberéis, como me afogareis kkkk

a) É possível perceber que, no que se refere à linguagem verbal, há o uso de expressões que fazem intertextualidade, isto é, dialogam, com outros textos bastante conhecidos em nossa sociedade. Essas expressões podem ser encontradas em qual tipo de texto?

Interessante notar que os memes acima, os quais possuem cunho humorístico, usaram, como referência, respectivamente, um provérbio (“Não digas que desta água não beberás”) e um trecho da oração “Pai Nosso”.

b) Observe que a conjugação do verbo “beber”, no primeiro meme, relaciona-se à forma “eu”. No entanto, de acordo com a norma culta, com qual forma pronominal esses verbos se relacionam?

Os alunos devem observar que a forma verbal “beberéis” está flexionada na segunda pessoa do plural. Logo, de acordo com a norma culta, a forma pronominal correspondente é o pronome “vós”.

c) O uso dessas formas verbais que ocorrem em “deixar” e “beber”, nos memes acima, é frequente em sua variedade linguística? Como ficariam os enunciados dos memes caso utilizássemos as formas verbais mais comuns do cotidiano dos falantes de Língua Portuguesa?

Comentar que, no primeiro texto, os verbos poderiam ser flexionados segundo a primeira pessoa do singular “Só não falo que dessa água não beberei porque no fundo eu sei que beberei sim. Não só beberei, como me afogarei”); já no segundo, os verbos poderiam estar na terceira pessoa do singular ou do plural, referindo-se aos pronomes “você”/“vocês” (“Não nos deixe/deixem cair em tentação mas às vezes deixe/deixem”). É importante ressaltar que, caso essas alterações ocorram, parte do sentido do meme é perdida, uma vez que o humor ocorre principalmente com o diálogo com os textos originais, os quais utilizam a forma verbal na segunda pessoa do plural.

d) Podemos dizer, a partir da leitura desses textos, que os usos dos verbos referentes ao “vós” (segunda pessoa do plural) estão extintos e não fazem mais parte de nossa língua. Deveríamos, então, deixar de estudá-los?

Professor, é essencial, nesse item, conduzir os alunos a uma reflexão a respeito do que seria considerado formal ou informal. Se os usos verbais de segunda pessoa do plural não são mais frequentes na maioria das variedades linguísticas de nossa língua, ainda assim, não podemos concluir que eles estão extintos ou são arcaicos, uma vez que o meme, um texto novo e pautado na informalidade, tem revisitado e reutilizado esses usos, de forma bastante informal. Logo, o estudo da segunda pessoa do plural representada pelo “vós” e pela conjugação verbal referente a esse pronome ainda é necessário nas aulas de Língua Portuguesa.

Atividade 7 – Anúncio com o pronome “vós”

Observe a propaganda abaixo, publicada pelo jornal *Estado de São Paulo* em 16 de dezembro de 1917 e responda:



**Que posso fazer para obter
maior ordenado ???**

Matriculae-vos na ESCOLA REMINGTON
Estudai **Dactylographia** e **Tachygraphia**
Estará assim iniciada a vossa carreira.
Com estes elementos obtereis um bom ordenado e
podereis mais facilmente estudar **inglez** e
Escreituração Mercantil.

De posse desses conhecimentos, adquiridos em tempo
relativamente curto estará assegurado o
vosso futuro na carreira commercial.

Aulas diurnas e nocturnas para ambos os sexos.

ESCOLA REMINGTON
Rua 15 de Novembro n. 26 (Palacete Mappin)

Disponível em <http://www.estadao.com.br/blogs/reclames-do-estadao/como-melhorar-o-seu-salario/>

a) Quais as diferenças na escrita das palavras que podem ser apontadas? Podemos, então, afirmar que nossa ortografia segue um conjunto de regras rígidas ou que houve alterações?

Os alunos devem observar que há diferenças na grafia de várias palavras, como “Matriculae”, “Dactylographia”, “Tachygraphia”, “inglez”, “escreituração”, “comercial” e “nocturnas”. Assim, chega-se à conclusão de que a grafia das palavras pode mudar com o tempo, que as regras ortográficas não são estáticas e imutáveis.

b) Responda: Por que será que houve mudanças na escrita de determinadas palavras? Considerando-se que, muitas vezes, costuma-se acreditar que a escrita procura representar a

fala, seria possível, a partir dessa visão, elaborar uma hipótese para a existência dessas mudanças?

Nesse item não há uma resposta única e exata. No entanto, é possível realizar uma reflexão acerca das representações de sons da Língua Portuguesa pelas letras. Assim, casos como o “ph” e “p” ou “c” mudos foram abolidos por serem substituídos por outras letras (caso do “ph” por “f”) ou totalmente omitidos, uma vez que não são pronunciados (caso das letras “p” e “c” mudas de “dactylographia” e “escripturação”, por exemplo).

c) Com relação aos pronomes pessoais, qual deles é o mais utilizado? Você acredita que, caso essa propaganda fosse veiculada nos dias atuais, haveria dificuldades de compreensão? Por quê?

O pronome mais utilizado é o “vós”. O aluno deve observar que a variedade linguística empregada no anúncio de 1917 não seria viável em um anúncio contemporâneo, uma vez que o emprego de alguns vocábulos e o uso da segunda pessoa do plural não são mais comuns em variedades cotidianas, e, por isso, o texto não seria de fácil compreensão para todos os leitores.

d) Qual forma pronominal usaríamos para nos referir ao interlocutor, caso a propaganda fosse datada atualmente? Como ficariam as formas verbais?

O anúncio poderia ser reescrito utilizando-se os pronomes “você” ou “vocês”. Os verbos e pronomes em posição de objeto ficariam na terceira pessoa do singular (em concordância ao pronome “você”) ou na terceira pessoa do plural (no caso do uso de “vocês”).

Atividade 8 – Uso do pronome “vós”

Leia um excerto de “Sermão da Sexagésima”, de Padre Antônio Vieira, escrito em 1655:

Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

(VIEIRA, A. Sermões Escolhidos. v.2, São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf>)

a) Há, no texto, o uso de um pronome que, em nossas variedades, tem sido bastante raro. Que pronome é esse?

O pronome “vós”.

b) Considerando a data de publicação do texto, explique: naquele contexto, o uso desse pronome é adequado?

É importante destacar aos alunos que o pronome “vós”, segundo Queiroz (2011)⁴⁷, já no século XVIII estava caindo em desuso. Além disso, o uso mais formal desse pronome, em oposição ao “tu”, era mais comum até o século XV, uma vez que havia alguns pronomes de tratamento como o “Vossa Mercê”, por exemplo. Como o Sermão de Padre Vieira, publicado no século XVII, tinha como intuito atingir o ouvinte da época, o uso do pronome “vós” é bastante pertinente para a situação de comunicação.

c) Se precisássemos adequar o último período do texto para a nossa variedade linguística, qual pronome usaríamos no lugar? E como ficariam as formas verbais?

Poderíamos usar o pronome “vocês”. As formas verbais ficariam na terceira pessoa do plural (“aprendam”).

⁴⁷ Cf. QUEIROZ, I. A. Análise diacrônica dos pronomes pessoais e pronomes de tratamento na Língua Portuguesa. In: **Letra Magna**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 07 n.14 – Edição Especial – 2011. Disponível em http://www.letramagna.com/art9_XIV.pdf.

Atividade 9 – Pronomes de tratamento

Leia os trechos de duas cartas: uma de um estudante de 7º ano para sua professora de Ensino Fundamental I (1º a 5º ano), e a segunda de um estudante de 7º ano para a sua avó:

Trecho I: “[...] Nós só tem (*sic*) que elogiar e agradecer a senhora. Bom, melhor, senhorita.”

Trecho II: “[...] não vejo a hora de ver a senhora [...] eu irei mostrar meu videogame e vou ensinar a senhora a jogar”

a) Observe o uso dos pronomes nesses trechos. Qual pronome de tratamento está presente nesses trechos? Por que você acha que isso aconteceu? Explique.

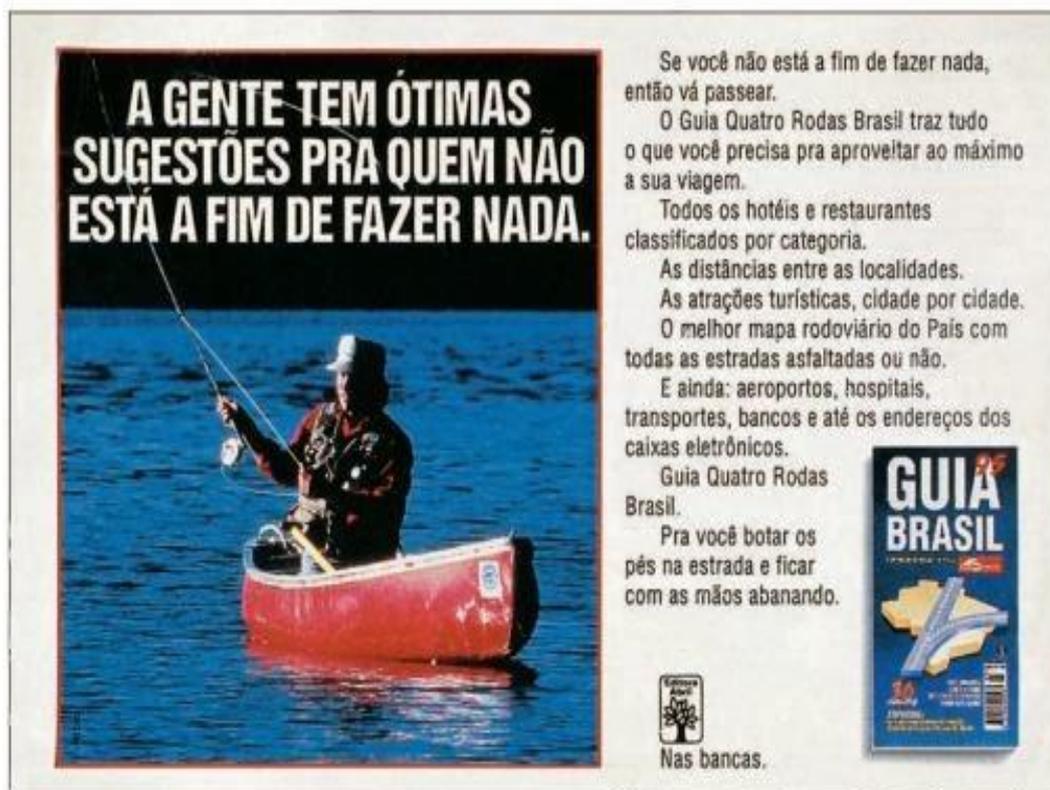
O estudante deve observar que o uso do pronome de tratamento “senhora” ocorreu porque os enunciadores demonstram uma relação de respeito com os interlocutores (uma professora e a avó). Interessante notar que, no caso da professora, o enunciador quis manter um distanciamento, mas substituiu o uso de “senhora” por “senhorita” por julgar a interlocutora jovem para se aplicar o primeiro pronome de tratamento utilizado; no caso da avó, há a relação de intimidade entre enunciador e interlocutora, mas o uso do pronome de tratamento “senhora” marca um posicionamento de respeito em relação à avó.

b) Caso fosse necessário empregar uma linguagem mais coloquial, talvez até havendo a necessidade de se mudar o interlocutor, qual pronome, em sua variedade linguística, seria utilizado?

Para uma interlocução mais íntima e informal, dependendo da variedade linguística, seriam usados os pronomes “você” ou “tu”.

Atividade 10 – Uso de “você” e “a gente” em anúncio publicitário

Leia o anúncio abaixo e responda:



A GENTE TEM ÓTIMAS SUGESTÕES PRA QUEM NÃO ESTÁ A FIM DE FAZER NADA.

Se você não está a fim de fazer nada, então vá passear.

O Guia Quatro Rodas Brasil traz tudo o que você precisa pra aproveitar ao máximo a sua viagem.

Todos os hotéis e restaurantes classificados por categoria.

As distâncias entre as localidades.

As atrações turísticas, cidade por cidade.

O melhor mapa rodoviário do País com todas as estradas asfaltadas ou não.

E ainda: aeroportos, hospitais, transportes, bancos e até os endereços dos caixas eletrônicos.

Guia Quatro Rodas Brasil.

Pra você botar os pés na estrada e ficar com as mãos abanando.

GUIA BRASIL

Nas bancas.

(Veja, ano 28, nº 18.)

Disponível em <http://diogoprofessor.blogspot.com.br/2014/01/atividades-sobre-pronomes-indefinidos-e.html>

a) Quais as formas pronominais utilizadas no texto acima? Elas fazem parte da classificação dos pronomes pessoais encontrada nas gramáticas ou em nossos livros didáticos? Explique.

Nesse anúncio, há o uso de “você” e “a gente”. Importante ressaltar que essas formas não são frequentes nos conteúdos referentes aos pronomes pessoais dos livros didáticos e das gramáticas da Língua Portuguesa.

b) Levante interpretações: por que o anúncio da revista *Guia Brasil* utilizou formas pronominais cotidianas, isto é, comuns em diversas variedades linguísticas em nosso idioma? Por que não se optou pelos usos pronominais presentes na maioria das gramáticas e dos livros didáticos?

O anunciante provavelmente quis tornar seu anúncio acessível a qualquer leitor que poderia ler e se interessar pelo produto (um guia de viagens). Além disso, há a intenção de estabelecer uma proximidade entre anunciante e leitor. Para esse

propósito, é mais vantajoso utilizar as formas pronominais mais comuns das variedades linguísticas faladas no Brasil.

c) O anúncio acima foi publicado na revista *Veja*, em 1995. Considerando-se o alcance nacional da revista e a data em que a propaganda foi publicada, o que podemos interpretar a respeito do uso das formas **você** e **a gente**? Elas são usadas e facilmente interpretadas pelos leitores brasileiros? Se sim, isso quer dizer que o anúncio conseguiu atingir a sua intenção? Por quê?

Professor, ressalte que, apesar de as formas “você” e “a gente” não estarem presentes como representações dos pronomes pessoais, elas são frequentes na Língua Portuguesa há bastante tempo – até bem antes da publicação do anúncio. Assim, esse texto consegue cumprir seu objetivo de ser compreendido pelos leitores, uma vez que usa um vocabulário e formas pronominais bastante comuns de diversas variedades linguísticas do Português Brasileiro.

Atividade 11 – Análise de letra de canção (uso de “você” e “a gente”)

Observe a letra da canção abaixo, do músico Lulu Santos:

Toda Forma de Amor

Lulu Santos

Eu não pedi pra nascer
Eu não nasci pra perder
Nem vou sobrar de vítima
Das circunstâncias

Eu tô plugado na vida
Eu tô curando a ferida
Às vezes eu me sinto
Uma mola encolhida

Você é bem como eu
Conhece o que é ser assim
Só que dessa história
Ninguém sabe o fim

Você não leva pra casa
E só traz o que quer
Eu sou teu homem
Você é minha mulher

E a gente vive junto
E a gente se dá bem

Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor

Eu não pedi pra nascer
Eu não nasci pra perder
Nem vou sobrar de vítima
Das circunstâncias

Você não leva pra casa
E só traz o que quer
Eu sou teu homem
Você é minha mulher

E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor.

a) A partir da letra da canção acima, podemos destacar quais usos de pronomes e formas pronominais?

Os alunos podem apontar, além de “você” e “a gente”, outros pronomes em posição sujeito, tais como “eu”, “ninguém”, “nós” – de modo implícito, além dos pronomes “me” e “teu”, por exemplo.

b) É possível dizer que nessa canção há um uso mais formal ou mais informal da Língua Portuguesa? Explique com exemplos.

Ao utilizar, além das formas pronominais “você” e “a gente”, palavras como “tô” e “plugado”, o compositor demonstra que está mais próximo da Língua Portuguesa do cotidiano dos falantes, portanto, mais informal.

c) Com relação à expressão **a gente**, podemos interpretá-la como um uso de indicação de “eu+outro” (assim como o pronome **nós**), ou como uma expressão singular que indica as pessoas de um modo geral (gente, o ser humano). Nessa canção, é possível afirmar à qual interpretação o eu-lírico se refere, ou ambas podem ser aceitas? Explique.

Nessa canção, o uso de “a gente” está mais próximo da noção de “eu+outro”, pensando-se num contexto em que o eu poético está, em vários momentos, dialogando com um interlocutor, que seria seu par amoroso. No entanto, a interpretação de que no refrão a expressão “a gente” pode se referir às pessoas de um modo geral, que convivem em sociedade e se respeitam, também pode ser considerada.

d) Por que Lulu Santos, o autor da canção, fez essa opção, ou seja, com qual intenção comunicativa ele escolheu determinados pronomes e formas pronominais?

Espera-se que o aluno reflita que o uso de uma linguagem mais informal, além do emprego das formas “você” e (principalmente) “a gente”, sugerem uma aproximação com o leitor, para que este, então, compreenda, memorize, cante e se afeioe à canção.

Atividade 12 – Interpretação de canção (uso de “você” e “a gente”)

Leia a letra da canção abaixo e responda:

Comida

(Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto)

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer dinheiro e felicidade

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro e não pela metade

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer dinheiro e felicidade

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro e não pela metade

Diversão e arte

Para qualquer parte

Diversão, balé

Como a vida quer

Desejo, necessidade, vontade

Necessidade, desejo,

Necessidade, vontade,

Necessidade

a) Procure explicar quais são os desejos do eu poético (aquele que se expressa na letra da canção), refletindo sobre o que ele acredita que realmente é importante para se viver.

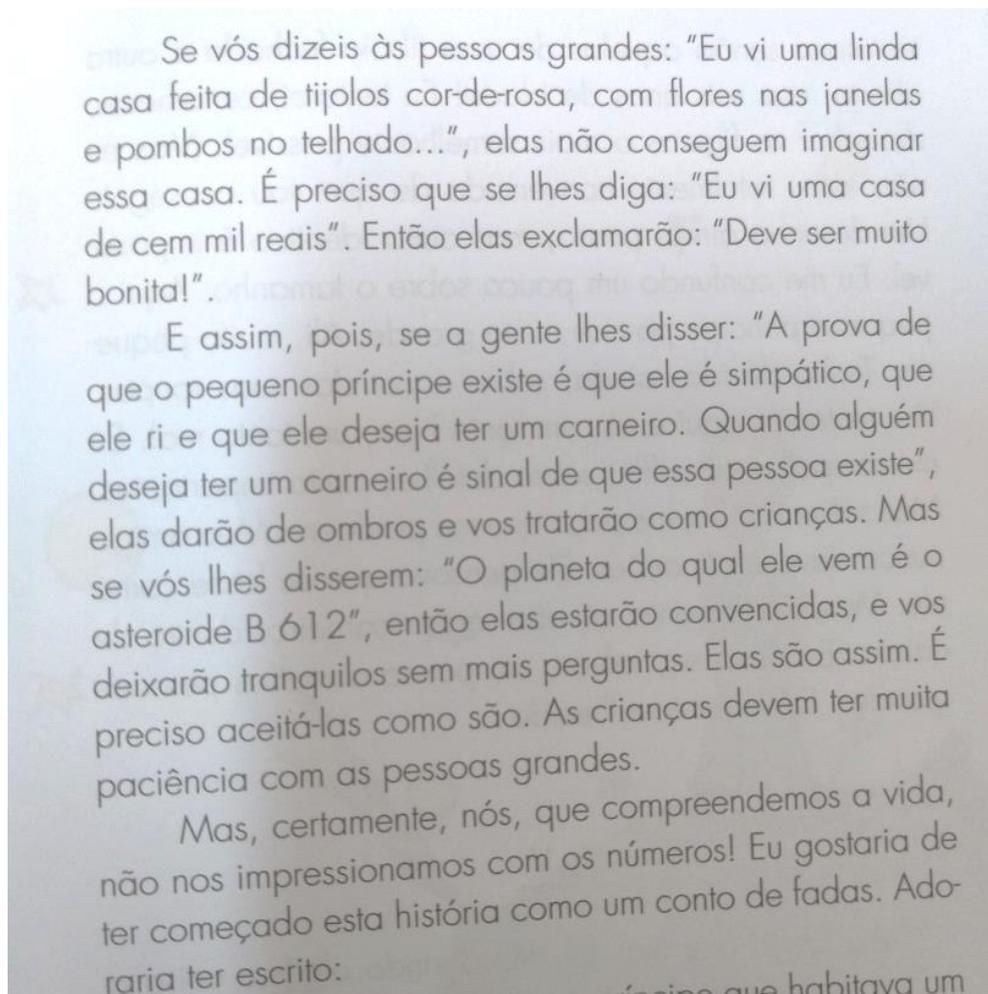
Segundo o eu poético, comida e dinheiro são importantes, no entanto, não são as únicas necessidades humanas: as pessoas precisam de amor, felicidade, sexo, diversão, arte, satisfazer desejos, etc. Ou seja, o essencial não vem das realizações no plano material, mas no emocional.

b) Observe o uso dos pronomes e formas pronominais do texto e explique: por que você acha que os compositores usaram as formas **você** e **a gente** na letra da canção. Você acredita que se eles utilizassem as formas presentes nos quadros pronominais presentes em livros didáticos e gramáticas haveria mudança de interpretação da letra da canção? Explique

O uso de “você” e “a gente” é bastante pertinente devido à intenção de chamar a atenção de qualquer ouvinte da música, a fim de se estabelecer uma interlocução direta com ele. Caso se optasse por outras formas pronominais, talvez o leitor/ouvinte não se colocasse no lugar do eu poético e não se veria como um indivíduo que também possui desejos e necessidades semelhantes aos que a letra da canção aponta e reforça a todo momento.

Atividade 13 – Uso de “vós”, “a gente” e “nós”

Observe um trecho de “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry:



(SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe** [tradução Isolina Bresolin Vianna]. São Paulo: Caminho Suave, 2015)

a) Observe os pronomes e formas pronominais utilizados, responda: por que há o uso concomitante das formas **nós** e **a gente**? Você acredita que o leitor teve alguma dificuldade de compreensão com a mistura desses usos? Podemos, então, afirmar que tanto o pronome **nós** como a forma **a gente** fazem parte das variedades linguísticas da Língua Portuguesa?

O aluno deve refletir sobre o fato de que ambas as formas são bastante utilizadas para expressar a ideia de “eu+outro” em nossa língua e, dessa maneira, não há problemas de compreensão para os leitores no que se refere ao uso tanto de uma das formas isoladamente, ou de ambas as formas concomitantemente.

b) A obra do escritor francês foi publicada em 1943 e sua primeira tradução para a Língua Portuguesa foi em 1954, por Dom Marcos Barbosa. Considerando-se essa informação, note que há, na primeira linha, o uso de um pronome pessoal pouco

utilizado nas variedades linguísticas de nosso idioma, mas presente nas gramáticas e livros didáticos. Qual é esse pronome? Em sua variedade linguística, que forma você usaria?

Há o uso do pronome “vós”. Nas variedades linguísticas de nossa língua, esse pronome seria substituído por “vocês” ou, dependendo do contexto, por “você”.

c) Observando-se, portanto, que o pronome pessoal **vós** está presente nessa obra, a qual é traduzida da língua francesa e cuja primeira tradução tem mais de sessenta anos, podemos afirmar que esse pronome está em completo desaparecimento de nossa língua e por isso não deve mais ser estudado? Além desse texto, onde é possível encontrar o uso desse pronome?

Espera-se que o estudante reflita que, ainda que o pronome “vós” não seja frequente em diversas situações de comunicação, nem esteja presente em diversas variedades linguísticas, ele faz parte de nossa língua e, além de estar presente nas gramáticas e livros didáticos, pode ser encontrado em textos mais antigos ou no contexto religioso, uma vez que boa parte dos textos religiosos foi elaborada e/ou traduzida há alguns séculos, logo, o uso do pronome “vós” se justifica. Dessa maneira, conclui-se que esse pronome não está extinto de nosso idioma e, por isso, deve ser estudado.

Atividade 14 – Elaboração de quadro pronominal

Agora é a sua vez. A partir do que foi visto em aula e após a realização das atividades desse caderno, procure elaborar um novo quadro pronominal, indicando os pronomes pessoais presentes em nossa língua, seja na norma culta ou em sua variedade.

Siga a tabela abaixo como molde para o seu quadro:

PESSOA	SINGULAR	PLURAL	ENUNCIADOS COMO EXEMPLOS

Essa última atividade pretende reproduzir um resultado final de toda a abordagem realizada sobre os pronomes pessoais. Espera-se que o quadro pronominal produzido pelos alunos contenha pronomes e formas pronominais tanto presentes nos livros didáticos e gramáticas, quanto aqueles presentes nas variedades linguísticas desses estudantes de modo geral. A tabela acima serve como sugestão, auxílio – o estudante pode elaborar seu quadro como preferir

É possível que o quadro dos alunos fique semelhante ao “Paradigma 2” do quadro de Görski e Coelho (2009), ou de Moura Neves (2008), abaixo, acrescido de alguns exemplos de usos das formas escolhidas por eles.

Paradigma 2
eu
tu/ <i>ocê</i>
ele(a)
nós/ <i>a gente</i>
(vós)/ <i>ocês</i>
eles

(GÖRSKI E COELHO, 2009, p. 85)

	Singular	Plural
1° pessoa	Eu	Nós
2° pessoa	Tu, Você	Vós, Vocês
3° pessoa	Ele, Ela	Eles, Elas

(NEVES, 2008, p. 454, adaptado)

5. SUGESTÕES DE LEITURAS

Professor, as atividades que compõem o caderno constituem-se em algumas alternativas para ampliar a abordagem dos pronomes pessoais em sala de aula. A partir delas, você poderá elaborar outras atividades que também intentem levar os alunos a refletirem sobre a língua e seus usos, a fim de que noções arraigadas de “certo” e “errado” sejam abolidas. Assim, para auxiliá-lo, seguem referências de documentos e estudos que poderão servir de embasamento teórico para novas abordagens de pronomes pessoais e de Língua Portuguesa, de modo geral:

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, F; BENTES, A. C.. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Pronomes brasileiros, por favor!** Disponível em <http://e-proinfo.mec.gov.br/e-proinfo/blog/preconceito/pronomes-brasileiros-por-favor-iii.html>. Acesso em maio de 2017.

BARBOSA, A. G. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós cheguem na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M.; FREITAS, V. A. L. Sociolinguística Educacional. In Hora, D. et alii (orgs.) **Abralin – 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 217-240. Disponível em <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/901-titulo-soiolioguistiia-iiuiaiiioal>. Acesso em agosto de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974.

CAMACHO, R. G. A relevância social da Sociolinguística. In: **Cadernos de ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – (58.3)**, Campinas, pp. 461-479 - set./dez. 2016.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo, Editora Contexto, 2010.

CINTRA, L. F. L. **Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18, 1972.

COELHO, I. L. [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

- DUARTE, M. E. L. O papel da Sociolinguística no (re)conhecimento do Português Brasileiro e suas implicações para o ensino. In: **Revista Letra**. Rio de Janeiro: Revista da UFRJ, 2013.
- FARACO, C.A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap.3. p. 37-61.
- FLECK, L. S. **Por uma pedagogia da variação linguística: o ensino dos pronomes pessoais na perspectiva sociolinguística**. Bagé: Universidade Federal do Pampa, 2016. Dissertação (Mestrado)
- GÖRSKI, E.M; COELHO, I.L. Variação linguística e ensino de gramática. In: **Work. Pap. Linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan./jun, 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12022> . Acesso em maio de 2017.
- ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contextos, 2006.
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, C. R. S. A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português. **Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana**, 2003, v.18. p.174
- _____. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. In: **Revista Matraca**. Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012. Disponível em <http://www.pglettras.uerj.br/matraca/matraca30/arqs/matraca30a06.pdf>. Acesso em maio de 2017.
- MOURA, J. B. M. **O uso dos pronomes pessoais em textos escritos: contribuições para o ensino de gramática a partir da abordagem funcionalista**. Rio Grande do Norte: UERN, 2015. (Dissertação de Mestrado)
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora de UNESP, 2008.
- OLIVEIRA, L. C.; CYRANKA, L. F. M. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. In: **SOLETRAS**, N. 26 (jul.-dez. 2013)
- RUMEU, M. C. B. **Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.
- SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolingüísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. In: **Tabuleiro de Letras – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL-UNEB)**. Bahia: Universidade do Estado da Bahia, 2012. n.4, julho/2012. Disponível em http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf. Acesso em maio de 2017.
- SCHERRE, M. M. P.; LUCCA, N. N. G.; DIAS, E. P. A.; QUEIROZ, C.; MARTINS, G. F. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. Comunicação apresentada no **II SIMELP**: Universidade de Évora, 2009.
- VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2016 (2.ed.)

APÊNDICE E – Caderno de atividades

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
 CAMPUS DE UBERABA
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pronomes pessoais e formas pronominais

norma **a gente**
nós lingua
variedades linguísticas
eles **eu**
Sociolinguística **ele**
ela **vocês**
você **vós** **elas**
uso **Linguística** **tu**

Língua Portuguesa

CADERNO DE ATIVIDADES

Mayra Cantarella Silva
 Juliana Bertucci Barbosa
 Fomento: CAPES



APRESENTAÇÃO

Este caderno apresenta propostas de atividades que devem ser realizadas sob a orientação de seu professor. Essas atividades propõem uma reflexão sobre a língua que utilizamos e é utilizada em diversas situações de comunicação, com ênfase no uso dos pronomes pessoais, além de formas e expressões que têm atuado, em diversas variedades linguísticas, como pronomes pessoais. Esperamos que você, caro estudante, possa observar, a partir do uso desses pronomes e formas pronominais, de modo crítico e reflexivo, a vivacidade da nossa língua.

Atividade 1

Leia o poema abaixo, de Oswald de Andrade, e responda:

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

(ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.)

a) De acordo com o poema, quem representa a norma culta da Língua Portuguesa? E quem representa as variedades linguísticas, a língua falada espontaneamente?

b) A respeito do uso dos pronomes, percebemos uma diferença na conjugação do verbo “dar” nas duas situações em que ele é empregado. Na primeira delas, de acordo com qual pronome o verbo foi conjugado? E na segunda?

c) Considerando a forma pronominal mais usada em sua variedade linguística para dialogar com alguém, em qual dos verbos ela está sendo empregada? Esse uso se encaixa na “gramática do professor e do aluno” ou no dizer do “bom negro e (do) bom branco da nação brasileira”?

d) Levando-se em consideração a sua resposta anterior, responda: em nossa realidade, é possível fazer uma separação de usos “corretos” e “incorretos” dos pronomes? O que podemos afirmar sobre esses usos no que diz respeito à sua comunicabilidade?

Atividade 2

Leia a letra de canção abaixo e responda:

Chópis Centis (Dinho/Júlio Rasec)

Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra mode a gente lanchar

Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que tava gostoso
Mas eu prefiro aipim

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

Esse tal Chópis Cêntis
É muicho legalzinho
Pra levar as namoradas
E dar uns rolezinhos

Quando eu estou no trabalho
Não vejo a hora de descer dos andaime
Pra pegar um cinema do Schwarzenegger
Também o Van Daime

Quanta gente
Quanta alegria
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia

a) Qual é o assunto tratado na letra da canção? É possível deduzir qual seria a profissão do eu poético (aquele que conta os acontecimentos da letra) a partir do conteúdo da canção? Para você, qual seria essa profissão?

b) Há, na música, alguns usos que estão em desacordo com o que é proposto pela norma padrão, isto é, há usos de palavras e expressões que não são consideradas

“adequadas” conforme as gramáticas e livros didáticos. Apresente, pelo menos, dois exemplos, e explique por que esse tipo de uso pode ter acontecido na letra da canção.

c) No terceiro verso da letra da canção há o uso de uma expressão que tem atuado, em diversas variedades linguísticas, como forma pronominal (a gente) e um verbo correspondente à primeira pessoa do plural (fomos). No entanto, esse uso é visto como uma inadequação segundo a norma culta. Explique por que esse tipo de mistura de forma pronominal e verbo pode acontecer em diversas variedades linguísticas, e reescreva essa construção conforme a norma culta.

Atividade 3

Observe o anúncio abaixo, publicado pelo jornal *Estado de São Paulo*, em 27 de junho de 1939.



**QUE LINGUA SUJA...
tu tens meu filho!**

*Hoje à noite, antes de
te deitares para dormir,
tomarás uma colher de*

**MAGNESIA
S. PELLEGRINO**

PURGA, REFRESCA E DESINFECTA O ESTOMAGO E INTESTINOS

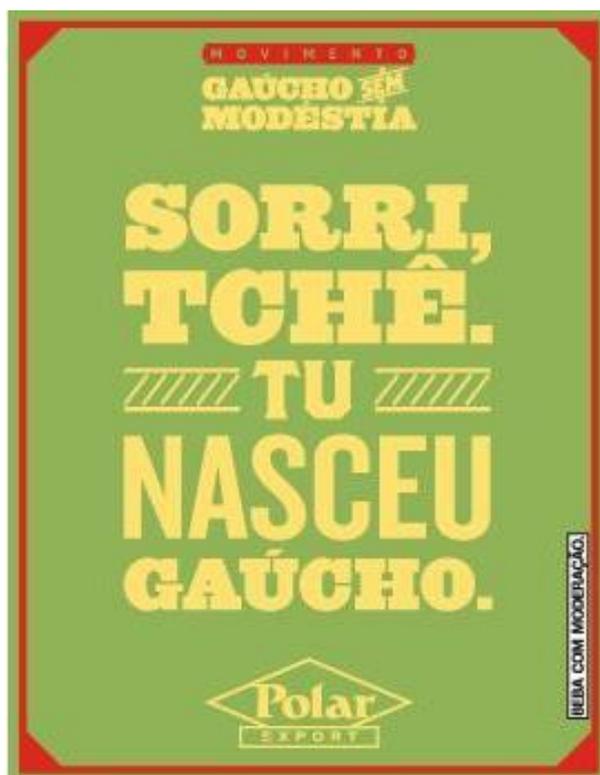
Disponível em <http://www.estadao.com.br/blogs/reclames-do-estadao/lingua-suja/>

a) A propaganda sugere uma conversa entre mãe e filho. Levando-se isso em consideração, responda: como a mãe se refere ao filho, isto é, qual pronome pessoal ela usa para se comunicar com ele?

b) Em algumas variedades linguísticas de nosso país, essa forma poderia ou não ser utilizada? E em sua variedade, como você faria a interlocução da mãe para ou filho?

Atividade 4

Observe a propaganda abaixo e responda:



Disponível em <http://infoligeiro.blogspot.com.br/2011/07/gaúcho-sem-modestia.html>

a) Qual o pronome pessoal utilizado na propaganda? Em sua variedade linguística, é comum o uso desse pronome? Se não, qual você usaria no lugar?

b) Qual variedade linguística foi empregada nesse texto? Justifique com exemplos de palavras do anúncio.

c) A partir do texto presente no anúncio, é possível entender por qual motivo essa forma pronominal foi empregada. Explique por que esse pronome foi utilizado, considerando-se a variação linguística a que ele se refere?

d) De acordo com a gramática normativa, a correspondência entre pronome e verbo está adequada? Como deveríamos relacionar pronome e verbo em conformidade com a norma culta?

e) É possível afirmar que, de acordo com a variedade linguística empregada, o texto está adequado? Por quê?

Atividade 5

Leia a letra da canção abaixo e responda:

A Voz do Dono e o Dono da Voz

Chico Buarque

Até quem sabe a voz do dono
Gostava do dono da voz

Casal igual a nós, de entrega e de
abandono
De guerra e paz, contras e prós
Fizeram bodas de acetato - de fato
Assim como os nossos avós

O dono prensa a voz,
A voz resulta um prato
Que gira para todos nós

O dono andava com outras doses
A voz era de um dono só

Deus deu ao dono os dentes
Deus deu ao dono as nozes

Às vozes Deus só deu seu dó
Porém, a voz ficou cansada após
Cem anos fazendo a santa

Sonhou se desatar de tantos nós
Nas cordas de outra garganta

A louca escorregava nos lençóis

Chegou a sonhar amantes
E, rouca, regalar os seus bemóis
Em troca de alguns brilhantes

Enfim a voz firmou contrato
E foi morar com novo algoz

Queria se prensar,
Queria ser um prato
Girar e se esquecer, veloz

Foi revelada na assembléia - atéia
Aquela situação atroz

A voz foi infiel, trocando de traquéia
E o dono foi perdendo a voz

E o dono foi perdendo a linha - que
tinha
E foi perdendo a luz e além

E disse: "Minha voz, se vós não sereis
minha
Vós não sereis de mais ninguém"

(O que é bom para o dono é bom para a
voz

O que é bom para o dono é bom para
vós

O que é bom para o dono é bom para
nós)

A canção do cantor e compositor Chico Buarque de Hollanda está presente no álbum "Almanaque", de 1981. Pensando nisso, responda:

a) O emprego do pronome "vós", nessa canção, não ocorre porque essa forma pronominal seria vigente à época. O que motivou o compositor a utilizá-la, isto é, quais seriam as intenções ao usar o pronome "vós" na letra?

b) Qual forma pronominal usaríamos, em nosso cotidiano, no lugar do pronome “vós”? Como ficariam os verbos que o acompanham?

Atividade 6

Meme, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, é uma palavra cuja origem vem do grego *mímena*, com sentido de “imitação, imagem”. Segundo o dicionário, o verbete pode significar:

“1. Informação visual ou textual que se espalha pela rede; 1.1 (freq.) crítica humorística sobre fato ou pessoa que foi notícia.”. (disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1> Acesso em outubro/2018)

Posto isso, observe os memes abaixo e responda:



Não só bebereis, como me afogareis kkkk



a) É possível perceber que, no que se refere à linguagem verbal, há o uso de expressões que fazem intertextualidade, isto é, dialogam, com outros textos bastante conhecidos em nossa sociedade. Essas expressões podem ser encontradas em qual tipo de texto?

b) Observe que a conjugação do verbo “beber”, no primeiro meme, relaciona-se à forma “eu”. No entanto, de acordo com a norma culta, com qual forma pronominal esses verbos se relacionam?

c) O uso dessas formas verbais que ocorrem em “deixar” e “beber”, nos memes acima, é frequente em sua variedade linguística? Como ficariam os enunciados dos memes caso utilizássemos as formas verbais mais comuns do cotidiano dos falantes de Língua Portuguesa?

d) Podemos dizer, a partir da leitura desses textos, que os usos dos verbos referentes ao “vós” (segunda pessoa do plural) estão extintos e não fazem mais parte de nossa língua. Deveríamos, então, deixar de estudá-los?

Atividade 7

Observe a propaganda abaixo, publicada pelo jornal *Estado de São Paulo* em 16 de dezembro de 1917 e responda:



Que posso fazer para obter maior ordenado ???

Matriculæ-vos na ESCOLA REMINGTON
 Estudai **Dactylographia e Tachygraphia**
 Estará assim iniciada a vossa carreira.
 Com estes elementos obtereis um bom ordenado e
 podereis mais facilmente estudar **Ingloz e**
Escrepturação Mercantii.

De posse desses conhecimentos, adquiridos em tempo relativamente curto estará assegurado o vosso futuro na carreira commercial.

Aulas diurnas e nocturnas para ambos os sexos.

ESCOLA REMINGTON
 Rua 15 de Novembro n. 26 (Palacete Mappin)

Disponível em <http://www.estadao.com.br/blogs/reclames-do-estadao/como-melhorar-o-seu-salario/>

a) Quais as diferenças na escrita das palavras que podem ser apontadas? Podemos, então, afirmar que nossa ortografia segue um conjunto de regras rígidas ou que houve alterações?

b) Responda: Por que será que houve mudanças na escrita de determinadas palavras? Considerando-se que, muitas vezes, costuma-se acreditar que a escrita procura representar a fala, seria possível, a partir dessa visão, elaborar uma hipótese para a existência dessas mudanças?

c) Com relação aos pronomes pessoais, qual deles é o mais utilizado? Você acredita que, caso essa propaganda fosse veiculada nos dias atuais, haveria dificuldades de compreensão? Por quê?

d) Qual forma pronominal usaríamos para nos referir ao interlocutor, caso a propaganda fosse datada atualmente? Como ficariam as formas verbais?

Atividade 8

Leia um excerto de “Sermão da Sexagésima”, de Padre Antônio Vieira, escrito em 1655:

Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

(VIEIRA, A. Sermões Escolhidos. v.2, São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf>)

a) Há, no texto, o uso de um pronome que, em nossas variedades, tem sido bastante raro. Que pronome é esse?

b) Considerando a data de publicação do texto, explique: naquele contexto, o uso desse pronome é adequado?

c) Se precisássemos adequar o último período do texto para a nossa variedade linguística, qual pronome usaríamos no lugar? E como ficariam as formas verbais?

Atividade 9

Leia os trechos de duas cartas: uma de um estudante de 7º ano para sua professora de Ensino Fundamental I (1º a 5º ano), e a segunda de um estudante de 7º ano para a sua avó:

Trecho I: “[...] Nós só tem (*sic*) que elogiar e agradecer a senhora. Bom, melhor, senhorita.”

Trecho II: “[...] não vejo a hora de ver a senhora [...] eu irei mostrar meu videogame e vou ensinar a senhora a jogar”

a) Observe o uso dos pronomes nesses trechos. Qual pronome de tratamento está presente nesses trechos? Por que você acha que isso aconteceu? Explique.

b) Caso fosse necessário empregar uma linguagem mais coloquial, talvez até havendo a necessidade de se mudar o interlocutor, qual pronome, em sua variedade linguística, seria utilizado?

Atividade 10

Leia o anúncio abaixo e responda:



A GENTE TEM ÓTIMAS SUGESTÕES PRA QUEM NÃO ESTÁ A FIM DE FAZER NADA.

Se você não está a fim de fazer nada, então vá passear. O Guia Quatro Rodas Brasil traz tudo o que você precisa pra aproveitar ao máximo a sua viagem. Todos os hotéis e restaurantes classificados por categoria. As distâncias entre as localidades. As atrações turísticas, cidade por cidade. O melhor mapa rodoviário do País com todas as estradas asfaltadas ou não. E ainda: aeroportos, hospitais, transportes, bancos e até os endereços dos caixas eletrônicos. Guia Quatro Rodas Brasil. Pra você botar os pés na estrada e ficar com as mãos abanando.

GUIA BRASIL

Nas bancas.

(Veja, ano 28, nº 18.)

Disponível em <http://diogoprofessor.blogspot.com.br/2014/01/atividades-sobre-pronomes-indefinidos-e.html>

a) Quais as formas pronominais utilizadas no texto acima? Elas fazem parte da classificação dos pronomes pessoais encontrada nas gramáticas ou em nossos livros didáticos? Explique.

b) Levante interpretações: por que o anúncio da revista *Guia Brasil* utilizou formas pronominais cotidianas, isto é, comuns em diversas variedades linguísticas em nosso idioma? Por que não se optou pelos usos pronominais presentes na maioria das gramáticas e dos livros didáticos?

c) O anúncio acima foi publicado na revista *Veja*, em 1995. Considerando-se o alcance nacional da revista e a data em que a propaganda foi publicada, o que podemos interpretar a respeito do uso das formas **você** e **a gente**? Elas são usadas e facilmente interpretadas pelos leitores brasileiros? Se sim, isso quer dizer que o anúncio conseguiu atingir a sua intenção? Por quê?

Atividade 11

Observe a letra da canção abaixo, do músico Lulu Santos:

Toda Forma de Amor

Lulu Santos

Eu não pedi pra nascer
Eu não nasci pra perder
Nem vou sobrar de vítima
Das circunstâncias

Eu tô plugado na vida
Eu tô curando a ferida
Às vezes eu me sinto
Uma mola encolhida

Você é bem como eu
Conhece o que é ser assim
Só que dessa história
Ninguém sabe o fim

Você não leva pra casa
E só traz o que quer
Eu sou teu homem
Você é minha mulher

E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor

Eu não pedi pra nascer

Eu não nasci pra perder
Nem vou sobrar de vítima
Das circunstâncias

Você não leva pra casa
E só traz o que quer
Eu sou teu homem
Você é minha mulher

E a gente vive junto
E a gente se dá bem
Não desejamos mal a quase ninguém
E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa toda forma de amor.

a) A partir da letra da canção acima, podemos destacar quais usos de pronomes e formas pronominais?

b) É possível dizer que nessa canção há um uso mais formal ou mais informal da Língua Portuguesa? Explique com exemplos.

c) Com relação à expressão **a gente**, podemos interpretá-la como um uso de indicação de “eu+outro” (assim como o pronome **nós**), ou como uma expressão singular que indica as pessoas de um modo geral (gente, o ser humano). Nessa canção, é possível afirmar à qual interpretação o eu-lírico se refere, ou ambas podem ser aceitas? Explique.

d) Por que Lulu Santos, o autor da canção, fez essa opção, ou seja, com qual intenção comunicativa ele escolheu determinados pronomes e formas pronominais?

Atividade 12

Leia a letra da canção abaixo e responda:

Comida

(Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto)

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer dinheiro e felicidade

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro e não pela metade

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer dinheiro e felicidade

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro e não pela metade

Diversão e arte

Para qualquer parte

Diversão, balé

Como a vida quer

Desejo, necessidade, vontade

Necessidade, desejo,

Necessidade, vontade,

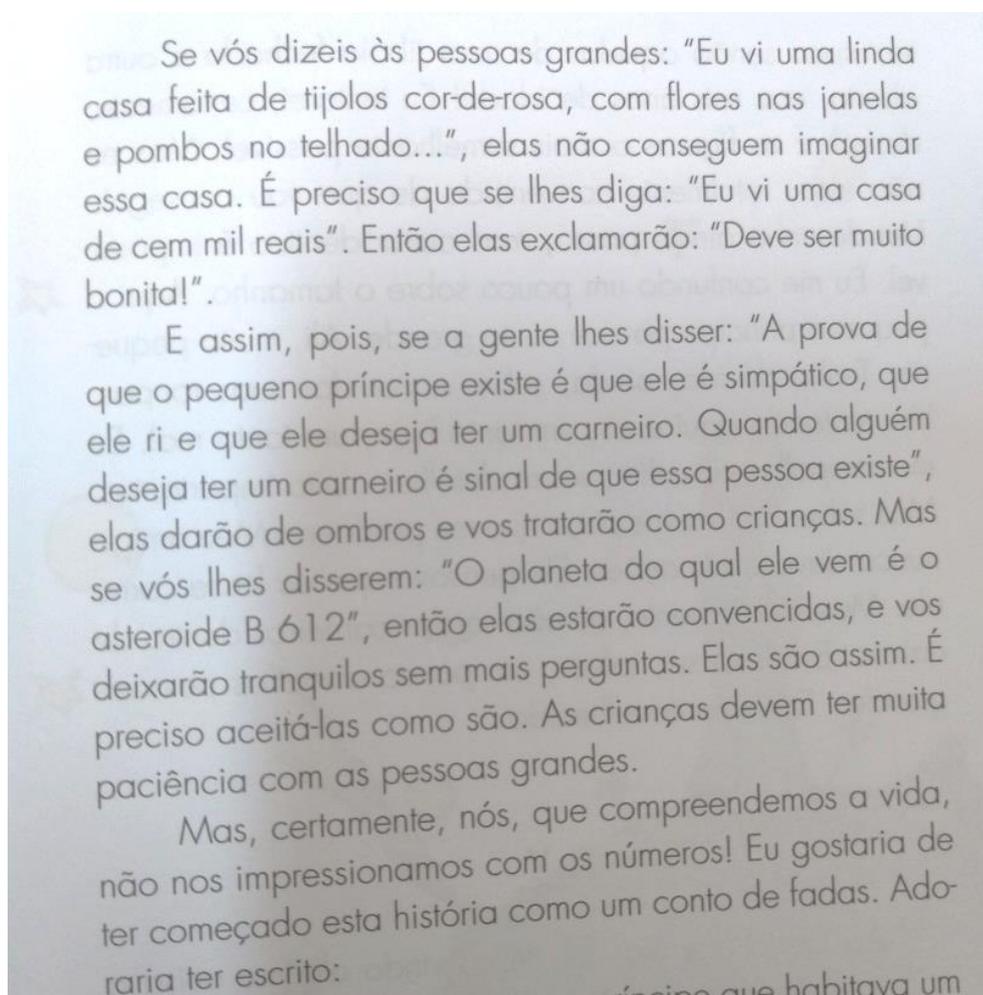
Necessidade

a) Procure explicar quais são os desejos do eu poético (aquele que se expressa na letra da canção), refletindo sobre o que ele acredita que realmente é importante para se viver.

b) Observe o uso dos pronomes e formas pronominais do texto e explique: por que você acha que os compositores usaram as formas **você** e **a gente** na letra da canção. Você acredita que se eles utilizassem as formas presentes nos quadros pronominais presentes em livros didáticos e gramáticas haveria mudança de interpretação da letra da canção? Explique

Atividade 13

Observe um trecho de “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry:



(SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe** [tradução Isolina Bresolin Vianna]. São Paulo: Caminho Suave, 2015)

a) Observe os pronomes e formas pronominais utilizados, responda: por que há o uso concomitante das formas **nós** e **a gente**? Você acredita que o leitor teve alguma dificuldade de compreensão com a mistura desses usos? Podemos, então, afirmar que tanto o pronome **nós** como a forma **a gente** fazem parte das variedades linguísticas da Língua Portuguesa?

b) A obra do escritor francês foi publicada em 1943 e sua primeira tradução para a Língua Portuguesa foi em 1954, por Dom Marcos Barbosa. Considerando-se essa informação, note que há, na primeira linha, o uso de um pronome pessoal pouco utilizado nas variedades linguísticas de nosso idioma, mas presente nas gramáticas e livros didáticos. Qual é esse pronome? Em sua variedade linguística, que forma você usaria?

c) Observando-se, portanto, que o pronome pessoal **vós** está presente nessa obra, a qual é traduzida da língua francesa e cuja primeira tradução tem mais de sessenta anos, podemos afirmar que esse pronome está em completo desaparecimento de nossa língua e por isso não deve mais ser estudado? Além desse texto, onde é possível encontrar o uso desse pronome?

Atividade 14

Agora é a sua vez. A partir do que foi visto em aula e após a realização das atividades desse caderno, procure elaborar um novo quadro pronominal, indicando os pronomes pessoais presentes em nossa língua, seja na norma culta ou em sua variedade.

Siga a tabela abaixo como molde para o seu quadro:

PESSOA	SINGULAR	PLURAL	ENUNCIADOS COMO EXEMPLOS

APÊNDICE F – Modelo de termo de consentimento



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO

Rua Madre Maria José, 122 - 2º. Andar - Bairro Nossa Senhora da Abadia CEP: 38025-100 – Uberaba(MG) Telefone: (0**34) 3700-6776.- E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE - PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES COMO PARTICIPANTES DE PESQUISA

Título do Projeto: Pronomes pessoais e ensino: uma proposta de um novo quadro pronominal a partir da observação de textos de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental em Ribeirão Preto – SP (ligado ao projeto maior “Como ensinar gramática no Ensino Fundamental I e II na contemporaneidade?”)

TERMO DE ESCLARECIMENTO

A criança (ou adolescente) sob sua responsabilidade está sendo convidada(o) a participar do estudo **Pronomes pessoais e ensino: uma proposta de um novo quadro pronominal a partir da observação de textos de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental em Ribeirão Preto – SP** (ligado ao projeto maior “Como ensinar gramática no Ensino Fundamental I e II na contemporaneidade?”), por ser aluna(o) da Educação Básica em escolas públicas. Os avanços na área do Ensino de Língua Portuguesa ocorrem através de estudos como este, por isso a participação da criança (ou do adolescente) é importante. O objetivo deste trabalho é investigar como se dá o ensino de fenômenos gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, buscamos verificar como aparecem os itens gramaticais no texto escrito pelos alunos, ou seja, buscamos verificar se seguem o previsto pela gramática normativa ou não. Caso a criança (ou o adolescente) participe, será necessário que ela (ele) elabore um texto a partir de uma proposta aplicada pela pesquisadora durante uma aula de Língua Portuguesa. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à vida da criança (ou do adolescente). Esperamos, como benefício(s) desta pesquisa, contribuir para melhoria do ensino de língua portuguesa em nossa região, a partir do desenvolvimento de propostas produtivas sobre o ensino de gramática. Como riscos, temos consciência que a técnica utilizada – elaboração de uma redação –, às vezes, pode ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que sua escrita será analisada. Por isso, solicitamos a permissão do responsável legal (respeitando-se o previsto na Resolução 466/12 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados como números, e o risco de perda de confidencialidade será minimizado.

Você e a criança (ou o adolescente) sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem; a criança (ou o adolescente) poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação da criança (ou do adolescente) no estudo, você nem a criança (ou o adolescente) receberão qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. O nome da criança (ou do adolescente), como já mencionado, não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ela (ele) será identificada(o) por um número ou por uma letra ou outro código.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: **Pronomes pessoais e ensino: uma proposta de um novo quadro pronominal a partir da observação de textos de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental em Ribeirão Preto – SP** (ligado ao projeto maior “Como ensinar gramática no Ensino Fundamental I e II na contemporaneidade?”)

Eu, (*nome do voluntário*), li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual a criança (ou o adolescente) sob minha responsabilidade será submetida(o). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu e a criança (ou o adolescente) sob minha responsabilidade somos livres para interromper a participação dela (dele) na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada. Sei que o nome da criança (ou do adolescente) não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com a participação da criança (ou do adolescente) no estudo, desde que ela (ele) também concorde. Por isso ela (ele) assina (caso seja possível) junto comigo este Termo de Consentimento. Após assinatura, receberei uma via (não fotocópia) deste documento.

_____, ____/____/____

Assinatura do responsável legal: _____

Documento de Identidade: _____

Assinatura da criança (ou do adolescente) (caso ele possa assinar): _____

Documento de Identidade / RA escolar (se possuir): _____

Assinatura do pesquisador orientador: _____

Telefones de contato:

Pesquisador: Juliana Bertucci Barbosa

Telefone: (34) 9916-0550

E-mail: julianabertucci@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3700-6776.